

A detailed marble statue of a bearded man, likely a prophet or saint, by Michelangelo. The figure is seated, with a long, flowing beard and hair, and is wearing a draped garment. The background is dark, highlighting the statue's form.

Eles descobriram algo  
terrível e assustador...

A CHAVE  
DE  
MICHELANGELO

S. U. AMORIM

A CHAVE  
DE  
MICHELANGELO

S. U. de Amorim

© Sérgio Ubirajara de Amorim

Assessoria Editorial: *Salles Editora*

Diagramação e capa: *Fábio Teixeira*

Revisão: *Josias Aparecido Andrade*

E-mail: [achavedemichelangelo@terra.com.br](mailto:achavedemichelangelo@terra.com.br)

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)**

A524c Amorim, Sérgio Ubirajara de.

A Chave de Michelangelo / Sérgio Ubirajara de Amorim. –  
Canoas: Salles, 2006.

360 p.

I. Literatura brasileira – romance I. Título.

CDU 821.134.3(81)-31

(Bibliotecária responsável: Cristiane Pozzebom CRB 10/1397)

# Prólogo

**Egito, agosto de 1927**

Ao passar a mão afastando o suor que lhe cobria a face, o Dr. Albert Raidech ergueu a cabeça, seus olhos fixaram-se então na Esfinge – o colosso de pedra – que a uns trezentos metros dali contemplava-o com o mesmo olhar enigmático que por milênios inquietava a todos que se deparassem com seu majestoso semblante.

– Aqui! Eu encontrei – gritou o nativo contratado pela expedição. O Dr. Albert correu em direção ao homem que acenava freneticamente, apontando para o que parecia ser uma imensa lápide com inscrições corroídas pelo tempo obstruindo a entrada de um túmulo subterrâneo. Com instrumentos trazidos por seu assistente, o emérito professor e egiptólogo britânico limpou-a cuidadosamente. Sua face então iluminou-se ao contemplar a águia bicéfala.

Ele finalmente descobrira a tumba perdida do faraó Amenófis IV – o faraó sacerdote, o grande mago do Egito que aterrorizava o mundo antigo. A pedra foi removida, e com uma tocha, seguido pelo seu assistente Max Fuchon e pelos nativos, o Dr. Albert desceu os sessenta degraus de uma escadaria que, por milênios, ninguém havia passado. A sala mortuária era um imenso retângulo, a visão das paredes, em auto-relevo, representando batalhas antigas, esquecidas na história, logo era substituída pelo brilho ofuscante de dezenas de estátuas em tamanho natural de homens e deuses do antigo Egito.

– Professor, isto aqui é ouro! – disse Max Fuchon enquanto removia a camada de poeira que recobria a face ativa do deus Hórus – um homem com a cabeça em forma de falcão. O esplendor era extraordinário – tesouros se amontoavam para onde quer que os olhos se dirigissem.

– Onde está o sarcófago? – perguntou o egiptólogo voltando à realidade. Todos se entreolharam – sarcófago? Havia descoberto os tesouros de um faraó e o velho senil preocupado com um sarcófago?

– Professor Albert – disse o assistente – talvez não haja sarcófago.

– Não diga bobagens, Max! Se isto é um túmulo, tem que haver então um sarcófago – disse, enquanto caminhava em direção ao fundo da tumba, alheio a dezenas de arcas repletas de ouro e jóias, que de tão abarrotadas, algumas peças haviam caído no chão, fazendo o velho professor, por mais cuidado que tivesse, caminhar sobre pérolas e colares.

– Meu Deus, olhe essas inscrições, Max!

O jovem assistente relutou em desviar sua atenção dos enormes vasos de alabastro que em sua parte superior apresentavam jóias recobertas de diamantes.

– Max, olhe isso aqui – continuou o professor. Os olhos do assistente encontraram então as paredes apontadas pelo professor.

– O que tem de especial esses desenhos, professor? – perguntou enquanto sua atenção voltava para os vasos de alabastro.

– As pragas do Egito... – continuou o velho olhando fixamente para os desenhos. Mas quem as produz usa as mesmas vestes que um faraó! Max, isso é surpreendente!

A atenção do assistente voltara-se para o egiptólogo.

– Como assim, professor? As pragas do Egito não foram, segundo a Bíblia, enviadas por Moisés?

– Sim, isto mesmo, mas aqui as inscrições mostram o faraó mandando as mesmas pragas enviadas por Moisés. Isto comprova...

– Professor, olha aqui uma alavanca!

Parte das inscrições que recobriam a parede havia desmoronado pela ação do tempo, deixando parcialmente visível uma alavanca, outrora oculta.

– O sarcófago deve estar aqui em algum lugar atrás destas inscrições – ajude-me com a alavanca, Max!

– Está emperrada, Professor!

Uma parte da parede recuou alguns centímetros.

– Veja, a parede se moveu!

Com o esforço de Max e dos nativos, ombreando a parede, esta cedeu vagarosamente, deixando visível uma câmara secreta.

– Céus! O ataúde de Amenófis IV – exclamou fascinado o ancião.

– Totalmente de ouro, Professor!

A câmara secreta era um semicírculo, cujas paredes cobertas de inscrições desconhecidas, possuía em seu centro um sarcófago dourado ostentando em sua parte superior uma águia bicéfala de lápis-lazúli.

– Olhe isso aqui, Max – disse o Professor, indicando o desenho em relevo sobre o sarcófago.

– É estranho, professor, nunca vi uma representação egípcia com um falcão de duas cabeças!

– Não, Max... – o Professor estava visivelmente excitado – não é um falcão...

\* \* \*

– O que o senhor está dizendo? – perguntou surpreso o assistente.

– Isto aqui não é um falcão, é uma águia bicéfala, ou melhor, é uma fênix, um tipo muito especial de águia, segundo a mitologia...

– Aquela que renasce das cinzas!

– Isso mesmo, Max, agora também não é um símbolo egípcio, é sumério.

– Sumério?... Mas o que um símbolo sumério estaria fazendo em um sarcófago egípcio?

– Max – a voz do velho egiptólogo saía com dificuldade, e tomado pela emoção ele continuou: – talvez estejamos nos deparando ao abrir este sarcófago com um dos mais terríveis segredos já revelados ao homem, que acreditávamos estivesse perdido na noite dos tempos. Eu tenho medo, Max, que a humanidade não esteja preparada para ter acesso ao que possa estar aí dentro!

– Professor – os olhos do jovem assistente brilhavam – eu estou mais curioso do que assustado. O que pode haver de tão terrível assim, para assustá-lo dentro de um sarcófago de mais de quatro mil anos?

– Meu jovem – disse o ancião – você já deve ter ouvido falar do incêndio da famosa biblioteca de Alexandria, não?

– Sim, foi uma estupidez praticada por um fanático califa árabe que achava que estaria livrando o mundo do mal, destruindo todo o conhecimento do mundo antigo guardado naquela biblioteca.

– Nem tudo foi destruído, meu jovem, nem tudo. O incêndio da famosa biblioteca foi em 646 de nossa era. Júlio César, quando seduzido pelos encantos de Cleópatra, esteve no Egito em 48 a.C. retirando algumas peças da biblioteca de Alexandria e levando consigo para Roma. A grande maioria do acervo encontra-se nos arquivos secretos do Vaticano, herdeiro natural do Império Romano, porém, durante o ataque a Roma, ocorrido em 1527, por tropas alemãs, sob o comando de Carlos V, algumas dessas obras acabaram sendo vendidas a inescrupulosos comerciantes venezianos, indo por fim parar no Museu de Londres – obras perturbadoras, cujo acesso só é permitido a um seleto grupo de pesquisadores ligados à Coroa Britânica.

– O senhor é um deles? – perguntou fascinado o jovem.

– Sim, Max, eu sou um dos que tiveram acesso a estas obras.

– Mas o que é que elas dizem, professor? O jovem não conseguia se conter.

– Dentre elas há um pergaminho muito antigo levado para Alexandria por Alexandre o Grande, quando da conquista da Judéia, provavelmente tomado de antigas seitas secretas judaicas. Pois bem, esse pergaminho nos revela a existência de uma cidade muito, mas muito antiga.

– Dos primórdios da civilização?

– Sim, mas não das civilizações que nós conhecemos, originárias do crescente fértil e do delta do Nilo. Uma civilização ainda mais antiga, até mesmo pré-diluviana, a cidade de Lagahs, segundo o pergaminho a cidade do pecado.

– Cidade do pecado? Como assim, professor?

– Esta cidade, segundo o pergaminho, seria a própria causa do dilúvio. Provavelmente você jamais encontrará isso na enciclopédia britânica, pois não há mais do que dez pessoas no mundo que sabem alguma coisa sobre essa cidade, mas deixe-me continuar: – segundo o pergaminho, e aqui vamos encontrar algumas coisas em paralelo com a Bíblia, os filhos de Deus (anjos) foram seduzidos pelas filhas dos homens (mulheres) e dessa união nasceram homens extremamente poderosos que oprimiam e escravizavam os povos de então. Seu poder não era decorrente da enorme força física, mas dos conhecimentos secretos revelados por seus magníficos pais. Tal era a depravação

desses homens, que fundaram a cidade de Lagahs, e a partir dela subjugaram todo o mundo antigo. Com isso Deus castigou-os com o dilúvio para aniquilar a maldade na Terra. Sobrevivendo apenas Noé e sua família para repovoá-la, relata-nos porém o pergaminho que Ninrode, neto de Cão, um dos filhos de Noé, ao fazer escavações para fundar uma nova cidade entre os rios Tigre e Eufrates, local onde ficava a antiga cidade de Lagahs, encontrou um livro – não um livro qualquer, mas um livro de ouro – o Livro de Ouro de Lagahs, como ficou conhecido. De posse desse livro sua mente teve acesso aos mistérios ocultos da magia, de tal forma que Ninrode acabou expulso da cidade que fundara, em razão da maldade que o dominou, refugiando-se então no Egito. Protegido pelo faraó, deu origem a uma dinastia de magos, cujo poder assombrava a todos.

– Janes e Jambres, os magos do Egito que, sob as ordens do faraó resistiram a Moisés!

– Sim, Max. Esses magos foram seus descendentes, até que acumulando tantos poderes místicos e fortalecendo-se de maneira espantosa, eles acabaram destronando e matando o próprio faraó, usurpando-lhe o trono do Egito, que acabou sendo ocupado por um dos mais destacados magos da Dinastia de Ninrode.

– Amenófis IV! – o jovem estava em êxtase.

– Isto mesmo, Max – sorriu o velho.

– E o livro? – os olhos de ambos pousaram sobre o sarcófago.

\* \* \*

– Compreende agora, Max, o meu temor em abrir este sarcófago? Estariam os homens preparados para os terríveis mistérios que esse livro contém? Veja bem, eu ainda não lhe contei tudo... Amenófis IV acumulara tanto poder e conhecimento oculto, que sua mente tornara-se pervertida ao extremo. Assim ele saqueava os povos vencidos aplicando-lhes os suplícios mais atroz, não poupando nem mesmo crianças, das quais aproveitava para seus ritos mágicos. Segundo o pergaminho, o sacrifício de meninas virgens proporcionava-lhe enormes poderes místicos, além da compreensão humana; foi este faraó que, usando de magia, enfeitiçou e destruiu o homem mais sábio do mundo – o Rei Salomão. Usando de magia sexual, fez com que o velho rei de Israel fosse seduzido pelos encantos



de sua filha, a princesa egípcia Aksulamim – uma jovem comum que, por feitiços de seu pai, tornou-se a mulher mais bela da terra naquela época. O coração do sábio rei fraquejou perante a visão de tanta beleza, permitindo assim que a filha de Amenófis IV invocasse os mesmos poderes místicos de seu pai causando a ira de Deus sobre Salomão e a conseqüente divisão do reino de Israel.

– Professor, antes de responder qualquer pergunta, temos que ter certeza de que o livro esteja aí dentro, tudo isso pode ser apenas uma lenda, o senhor não acha? Vamos abrir o sarcófago.

– Max, você tem razão, não há motivos para ficarmos nos martirizando. Me ajude a abrir o sarcófago.

Usando de uma ferramenta como alavanca sobre a parte inferior da abertura do sarcófago, este vagarosamente cedeu e abriu-se em duas partes.

– Por Deus!, olhe Max, o Livro de Ouro de Lagahs!

O ancião teve que segurar-se nas bordas do sarcófago – suas pernas haviam fraquejado. A face do jovem iluminou-se contemplando o bellissimo livro dourado com detalhes em relevo: uma águia bicéfala no centro de uma pirâmide. Sua mão então adentrou o casaco em busca de alguma coisa.

– Professor, passe-me o livro...

O velho não lhe deu atenção – estava absorto em seus pensamentos, até que tomou uma decisão:

– Vamos levá-lo para o Museu Britânico, Max...

– Professor... eu disse passe-me o livro!

O egiptólogo virou-se para o assistente, seu sorriso estancou no momento em que viu o revólver apontado para ele.

– Max, o que isso significa? Estava totalmente perplexo.

– Sinto muito, professor, mas há coisas que o senhor não compreenderia. Sempre com os olhos voltados para a antiguidade, o senhor nunca reparou no brasão de minha família?

– O que tem a sua família a ver com esta descoberta?

– Isto! – O jovem segurou a arma com a mão esquerda mostrando-lhe o sinete em seu dedo anular, este continha o desenho de uma águia semelhante a que se encontrava sobre o sarcófago. – talvez o senhor ainda não esteja compreendendo, mas eu vou esclarecer: lembra-se do que me disse há pouco, que os manuscritos eram de uma antiga sociedade secreta ? Pois bem, eu sou membro dessa sociedade secreta!

– Pare de brincadeiras, Max, você nem é judeu! – disse irritado o professor.

– O senhor está certo, eu não sou judeu – sou um inglês de antiga linhagem, mas o que me admira é que como estudioso que é, não consiga se aperceber da dinâmica da vida – o senhor acha que todos os mistérios de Lagahs ficaram ocultos nesse livro e encerrados até o dia de hoje? Não, professor, está enganado... É verdade que terríveis mistérios outrora perdidos agora serão revelados, mas também é verdade que existiram, como ainda existem, outros magos além de Amenófis IV, que agora, exatamente, agora, em nosso tempo se dedicam a aperfeiçoar o conhecimento oculto passado de geração à geração entre os iluminados.

– Mas com que objetivo? Por que este segredo? A perplexidade dera lugar à inquietação no espírito do velho estudioso.

– Qual o objetivo? Ora, professor, não seja ingênuo! Conhecimento é poder, quanto mais exclusivo, mais vigoroso; mais aumenta a força de quem o detém, veja o emblema da fênix de duas cabeças nos estandartes de Alexandre, o Grande, Carlos V, Napoleão... Você acha que o poder que eles alcançaram foi por acaso?

– Meu Deus – exclamou o velho – isso é uma loucura!

– Não, professor, não há espaço para a loucura. Os conhecimentos secretos foram guardados de geração em geração por milênios, e reis, príncipes, sacerdotes e magos conquistaram seus poderes por meio dele. A própria ciência deve muito de seu progresso a fagulhas desse conhecimento, reveladas aqui e ali a alguns sábios, conforme melhor serviam a nossos propósitos. Veja o caso de Pitágoras: a própria história registra que foi em uma sociedade secreta no Egito que ele alcançou o seu saber.

– Isto que você está me dizendo é algo próprio de uma mente megalomaníaca, nenhuma conspiração poderia durar tanto tempo!

– Não vamos nos estender mais, professor! Basta que eu lhe diga que sou apenas uma pequena engrenagem a serviço de um grande e milenar propósito. Nós, os Filhos de Set, herdeiros dos antigos mistérios e guardiões dos conhecimentos secretos, nos preparamos desde o início dos tempos para a Grande Revelação, mas é com tristeza que eu reconheço que, apesar de nossos redobrados esforços, o mundo ainda não está pronto para Absalão. É possível que os requisitos sejam completados somente no século vindouro.

– Absalão, quem é Absalão?

– Chega de perguntas, professor – disse o assistente, apontando o revólver já engatilhado para a cabeça do velho – infelizmente terei de matá-lo, o senhor sabe muito a nosso respeito, mas olhe pelo lado positivo: não existe lugar melhor no mundo para a morte de um egiptólogo do que dentro da tumba de um faraó, o senhor não acha?

– Max, não faça isso! Você não é um assassino!

– Sinto muito, professor! Eu mesmo não gostaria de fazer isso, o senhor não merece morrer, mas infelizmente, sabe muito a nosso respeito, e eu arriscaria muita coisa em jogo, deixando-o viver.

– Que seja breve então – disse fechando os olhos resignando-se ante a tenebrosa realidade. *Minha neta, eu jamais a conhecerei*, amargurou-se o velho.

Um som produzido por um jarro sendo quebrado trouxe o egiptólogo de volta de seus últimos pensamentos. Ao abrir os olhos, Max Fuchon estava inerte, caído sobre o que restava de um valiosíssimo vaso da oitava dinastia. A seu lado, Tarik, um dos nativos da expedição, com um objeto dourado que tremulava em suas mãos.

– Eu não poderia deixar que ele – disse apontando a lança ensanguentada para o corpo inerte do assistente – tirasse sua vida, professor, não depois que o senhor salvou meu filho levando-o para ser curado em Londres.

– Tarik, em toda minha vida eu nunca fiquei tão feliz em ver um objeto egípcio como eu fiquei agora. Onde você conseguiu essa lança?

O ajudante da expedição indicou então uma estátua dourada do deus Osiris, com uma armadura de guerra completa, porém desfalcada da lança.

– Professor, o que o senhor pretende fazer agora com o livro?

– Tarik, pelas revelações que tivemos até agora, e por tudo que acabou de acontecer aqui – o olhar triste do velho fixara-se sobre o corpo sem vida de Max Fuchon – este livro provou ser muito perigoso para que nós deixemos que ele caia em mãos erradas. Minha missão será fazer com que ele nunca seja encontrado.

Os imensos tesouros do faraó foram enviados para o Museu do Cairo, cujo curador agraciou o Dr. Albert Raidech pela descoberta, com algumas peças de pouco valor. Quanto à morte de Max Fuchon, as autoridades egípcias ficaram gratas a Tarik por ter impedido o roubo de belíssimas jóias encontradas providencialmente nos bolsos do assassinado assistente.

## Capítulo 1 – Roma

AO OLHAR MAIS uma vez para trás, Jaina Kornikova viu os homens que, correndo, tentavam alcançá-la. Seus pés descalços doíam em contato com o piso irregular. Já não gritava por socorro, poupava o fôlego, pois ela sabia que corria por sua vida.

As pessoas em quem esbarrava olhavam-na com espanto e, suas palavras chegavam aos ouvidos de Jaina, tão desconhecidos quanto às inscrições nas placas e nos cartazes que estavam por todos os lados.

“Isto é um pesadelo” – disse para si mesma. Mas as lágrimas quentes que escorriam contrastando com o vento frio que lhe agredia o rosto mostravam que aquilo era a mais pura realidade. Eles se aproximavam, cada vez mais perto, e ela percebeu que não poderia continuar fugindo, sentia-se fraca em razão do cativo do qual escapara. Aquela gargantilha de ferro, que comprimia seu pescoço, dificultava-lhe ainda mais a respiração. Então, em uma atitude desesperada, atravessou bruscamente a rua, não prestando atenção ao caos que num instante se instalou: carros freavam de súbito, parando milímetros à sua frente. As buzinas e os palavrões que Jaina não compreendia rivalizavam entre si na tentativa de se sobrepor uns aos outros.

As lembranças então lhe vieram à mente: a medalha na prova de patins no gelo, pelo dia da vitória russa, depois – sua face contraiu-se em desespero – o furgão maldito e o homem que lhe empurrara para dentro tapando sua respiração com um pano umedecido. Tudo então havia se apagado, e quando ela acordara, viu-se carregada por dois homens dentro do que parecia ser uma imensa igreja no formato octogonal. Fingiu-se então estar desacordada e, com o canto dos olhos verificou a existência de dezenas de tochas que iluminavam o local, de maneira sombria. Uma gigantesca estátua de um anjo com a espada quebrada tendo sobre ele um enorme dragão com os dentes cravados em sua garganta chamou-lhe a atenção. Aquilo a perturbou, e com um estremecimento, seus raptores perceberam que ela acordara. Os olhos dos raptores pareciam frios e desprovidos de compaixão. Ainda sonolenta, Jaina desviou deles o olhar, fixando-o no teto, onde uma representação geométrica em vermelho despertou sua atenção. Ela já havia visto aquilo em algum lugar. Lembrou-se então de um

livro que um de seus colegas de escola lhe mostrara. O livro era sobre um pequeno menino órfão que, treinado em uma escola de bruxaria, na Inglaterra, vem a tornar-se um poderoso bruxo. A história vendera milhões de exemplares em todo o mundo, deixando milionário seu autor e perplexos e maravilhados, pais e professores em todos os continentes ao verem seus filhos e alunos devorando centenas de páginas de uma maneira nunca antes vista.

Um guarda! – murmurou. Ao perceber a menos de cem metros dali um homem uniformizado, a esperança então voltou para Jaina. Só poderia ser um policial – pensou – embora seu uniforme fosse diferente daqueles usados pelos guardas em Moscou.

Uma grande avenida, agora, separava-a do que seria sua salvação, o sinal estava fechado. Jaina olhou para trás mais uma vez, não havia mais tempo; então tomada de uma repentina coragem, correu em ziguezague em meio ao mar de automóveis que voavam em todas as direções. Seus perseguidores pararam ao chegar à beira da avenida. Só mais um pouco – pensou. Então subitamente levantou os olhos contemplando o colosso à sua frente.

Não! A voz lhe saiu sonora e vibrante de sua boca – o Coliseu! Trouxeram-me para Roma – disse, agora a si mesma, reconhecendo a cidade que antes só conhecia pelos livros de geografia. Essa perplexidade fez sua atenção se dissipar, o que bastou para que, em segundos, um Alfa Romeo em alta velocidade, lhe tirasse os seus pés do chão. O mundo então girou na cabeça de Jaina Kornikova, e o Coliseu, ali tão perto, pareceu dar uma volta completa no ar.

Paolo Ferri, o jovem tenente da polícia de Roma, que assistira aquela menina tentar, desesperadamente, atravessar a avenida, correu em sua direção, com os braços levantados estancando de imediato o trânsito. Em seguida, ao percebê-la com as pernas fraturadas, mas ainda com vida, pegou-a no colo.

Jaina Kornikova não sentia suas pernas e, tudo ainda girava em seu redor. Em um lampejo, viu que estava para mergulhar na inconsciência; então em franco desespero tentou alertar seu salvador:

Absalão... Absalão... As palavras saíam fracas e quase inaudíveis, então tudo escureceu.

## Capítulo 2 – Washington

OS RAPAZES DE GEORGETOWN não conseguiam disfarçar o encantamento com que eram tomados quando aquela loirinha de fartos cabelos encaracolados percorria os corredores da universidade. Mergulhada em seus pensamentos, seu trajeto era invariavelmente o mesmo: do ônibus na portaria para o centro acadêmico e, deste para a biblioteca. Quando, porém, algum deles, tomado de súbita coragem a abordava, ficava sabendo que ela cursava teologia. Agora se realmente tivesse estrutura para sustentar o diálogo, ao ser examinado por aqueles percucientes olhos azuis, e condições de continuar raciocinando quando ela abrisse aquele maravilhoso sorriso, o candidato logo teria seu ânimo abatido, e seu espírito ficaria completamente desolado, ao imaginar-se em pleno centro da África ensinando a Bíblia para uma multidão de subnutridos.

Mellina Becker queria ser missionária.

O professor alto e grisalho que estava à frente na sala de aula esperava uma resposta: alguns fingiam consultar os livros, outros, encaravam o mestre na esperança de um veredicto.

– Bem, professor – começou a loirinha – pelo que me parece o recente acontecimento na cidade espanhola de Jaen, em que o Padre Rodrigo Hidalgo, vigário da paróquia local foi processado por ter recusado a comunhão a um líder do movimento *gay*, após saber do casamento deste com um parceiro do mesmo sexo, responde sua pergunta.

– Como assim, Mellina? – perguntou, virando-se para trás, o rapaz magro de óculos espessos, sentado à sua frente. Que relação pode haver entre o impedimento do casamento de um *gay* e a pergunta do professor sobre o impacto da Revolução Francesa sobre o Cristianismo.

– Continue Mellina! – disse o professor – me parece interessante a sua tese.

– Como todos nós sabemos, a Revolução Francesa muito mais do que a grande explosão de “liberdade, igualdade e fraternidade” foi, em sua expressão maior, o triunfo da maçonaria perante o Catolicismo, a maioria das pessoas não percebe que ela foi o fruto de uma guerra oculta dos maçons contra o Vaticano, sendo que este foi paulatinamente perdendo terreno, prova disso é a encíclica do Papa Leão XIII *Humanus Genus*, que ataca furiosamente a maçonaria.

– Onde eu posso encontrar essa encíclica? – perguntou a colega do lado.

– No site do Vaticano, Pauline – respondeu o professor. Prossiga Mellina!

– Ao longo da história do Ocidente, qual foi o maior conflito que tivemos?

– A Segunda Guerra Mundial – respondeu o rapaz de óculos espessos.

– A Guerra dos Cem Anos? – arriscou a moça da primeira fila.

– O maior conflito da história foi entre a fé e a razão, ou melhor, entre a fé e as verdades circunstanciais da experiência científica – uma guerra antiga, cujo objetivo é a adesão do espírito humano. As armas da fé foram e são a certeza inabalável em Deus e nas Escrituras Sagradas. Já a força da ciência, e que é ao mesmo tempo sua maior fraqueza, encontra-se em sua mutabilidade ou capacidade de alterar-se em conformidade com novos conhecimentos agregados. A fé está baseada na convicção de uma verdade suprema enquanto a ciência tem seu alicerce nas verdades provisórias da demonstração.

Pois bem, o que nós temos visto hoje é que a fé em Deus e nas Escrituras tem diminuído em razão do temor que as pessoas têm em ser ridicularizadas ao contraporem seus argumentos de fé perante as transitórias “verdades científicas”. Para nós, cristãos, o final da ciência aponta na mesma direção já previamente indicada pela fé e, se assim não o faz, é porque está baseada em uma verdade provisória, ou seja uma não-verdade, já que é passível de alteração.

– Eu não estou entendendo onde você quer chegar! – retrucou um colega.

– Vamos unir os pontos então – continuou Mellina – eu já citei a guerra entre a maçonaria e a Igreja. E o ódio mortal entre elas. A Igreja muniu-se da fé e dos dogmas, mas e o que fez a maçonaria? Cercou-se de homens de bem, atraiu empresários, cientistas e burgueses, fortaleceu-se instigando-lhes a duvidar das verdades da fé sob o argumento de que deveriam subordiná-la às verdades científicas, que como já vimos, podem acarretar terríveis prejuízos, já que são baseadas em conhecimentos transitórios. Imaginemos, pois, que alguns dos integrantes dos círculos mais esotéricos dentro da maçonaria tivessem a intenção de destruir o cristianismo. Digo círculos esotéricos, porque a condução desse plano maquiavélico, para dar certo, teria que ser do conhecimento de poucos, ocultando-o

mesmo do conhecimento dos dirigentes da maçonaria. É nesse sentido que se insere o episódio da Espanha com o Padre Rodrigo Hidalgo. Sob o argumento de modernidade (projeto de arquitetura eminentemente maçônica), está sendo legitimada, e até mesmo legalizada, a aceitação de práticas hostis aos ensinamentos do cristianismo, prejudicando-se assim os milenares dogmas morais da Igreja, ou seja, o Estado está sendo conduzido de forma tal a entrar em colisão com os preceitos fundamentais da fé cristã. Ou a Igreja renuncia a seus dogmas e preceitos fundamentais, ou no futuro, passará a ser perseguida.

– Seria um plano brilhante, Mellina. Observou o professor. Com a destruição dos fundamentos morais, seria fácil destruir a própria Igreja! Porém, haveria um problema: a população não aceitaria isso pacificamente!

### Capítulo 3

– COMO ESTÁ A MENINA, Doutor? – perguntou Paolo Ferri.

O Dr. Rafael Biaco franziu a testa, demonstrando preocupação:

– Ela entrou em coma, seu organismo está muito fraco, as próximas vinte e quatro horas serão decisivas para a sua sobrevivência.

O Capitão Lucas Scaliari olhou mais uma vez as fotos divulgadas pela Interpol; não havia dúvidas, era ela mesma, Jaina Kornikova, uma menina de onze anos, seqüestrada havia menos de duas semanas na cidade de Moscou.

– O que o senhor acha disso? – perguntou o jovem tenente mostrando-lhe a gargantilha de ferro que os médicos tiveram que serrar para retirar do frágil pescoço da menina.

O experiente oficial voltou-se então para olhar o estranho objeto:

*Céus! o que vem a ser isso?* Seu interior moveu-se em angústia ao contemplar aquele terrível colar enegrecido:

– Quem teria coragem de colocar isso em uma criança? E estes símbolos e inscrições, Paolo, o que significam?

– As palavras são totalmente desconhecidas, mas olhe esse pequenino símbolo aqui, não é o símbolo da Paz? O que o símbolo da paz estaria fazendo em um colar de ferro feito para aprisionar uma criança?



– Eu não tenho resposta, Paolo, e sim muitas perguntas. Porém, conheço alguém que poderá nos ajudar – disse Scaliari – enquanto voltava os olhos para a menina, cercada por aparelhos e mergulhada em um sono que poderia ser eterno.

## Capítulo 4

O SARGENTO DOUGLAS BRAUN acariciou suavemente sua *Colt 45*, pois sentia-se seguro com ela. Desde pequeno estava familiarizado com armas, tendo aos dezoito anos comprado seu primeiro rifle automático. Foi graças a essa familiaridade e a um aguçado senso de avaliação do perigo que fora condecorado com a medalha de bravura. Durante a Guerra do Iraque, comandado por um jovem e inexperiente tenente seu pelotão estava desalojando forças iraquianas que resistiam em um prédio no centro de Bagdá. A atenção de todos concentrava-se no fogo que vinha do edifício. Desobedecendo ao tenente, Douglas Braun posicionara-se um pouco mais atrás de alguns escombros de maneira a ter uma visão completa da retaguarda. Graças a isso pôde ver, ao contrário dos outros, quando um veículo civil – uma *Pajero*, em alta velocidade – entrava na área de conflito avançando pela retaguarda. Subitamente parou a uns trinta metros do pelotão, completamente concentrado na fuzilaria contra um edifício. Foi então que um tubo lança-foguetes foi projetado para fora da caminhonete que estava com os vidros baixados. Douglas Braun não pensou, apontou sua M-16 para o projétil prestes a ser lançado. Numa seqüência de rajadas as balas cortaram o ar em um traçado de fogo, atingindo a outra extremidade: a explosão fez com que os fragmentos da *Pajero* voassem em todas as direções, chegando perto do jovem tenente que, aterrorizado, virara-se ao ouvir o barulho ensurdecedor.

Douglas Braun olhou mais uma vez para o veículo à sua frente, possivelmente blindado – pensou – mas onde estariam os seguranças? O *cadillac* estacionou próximo à entrada do *shopping*.

– Aguarde um instante, Roger, eu já volto – disse o Senador ao motorista.

O sargento estacionou alguns metros atrás, desceu, e por um momento retirou os óculos escuros olhando em todas as direções. Seus olhos, porém, voltaram-se para a cobertura do prédio em frente com uma visão perfeita da entrada do *shopping*. Daria – pensou – uma perfeita emboscada. O homem que estava seguindo, o Senador Antonin Hoppings, todas as quintas-feiras visitava sua filha que administrava o *shopping* de sua propriedade. Suas idéias no Senado contrariavam a muitos interesses – seria até mesmo difícil descobrir quem tentaria assassiná-lo.

Conhecendo os hábitos do Senador, uma equipe de cinegrafistas da CBS estava à porta quando o político chegou.

– Senador Hoppings, por favor, o controle de armas...

– Depois, depois, agora preciso ver minha filha – disse o enérgico político, passando rapidamente pelo pórtico de mármore e vidro.

O sargento de *jeans* e casaco de couro de búfalo entrou logo atrás, passou a mão no rosto... Ótimo, sua barba estava crescida, assim seria melhor, aumentavam as dificuldades para seu reconhecimento. O Senador subiu em um elevador privativo. Douglas viu quando ele parou no terceiro pavimento. Tinha que esperar, não podia fazer nada, seria realmente muito arriscado qualquer tentativa de ataque em um recinto fechado – pensou, dando de ombros. Não podia realmente fazer nada; virou-se e dirigiu-se à praça de alimentação em frente. Porém, sempre mantendo sua atenção ao elevador, sabia que aquela era a única saída. Pediu uma *coca-cola* e esperou observando os tranqüilos freqüentadores: uma rechonchuda criança de cabelos encaracolados que brincava na mesa mais próxima, enquanto sua jovem e despreocupada mãe ria e gesticulava animadamente ao celular.

*O típico americano, feliz e desatento aos perigos que o espreitam.* levantou-se e foi ao encontro da criança. A mãe continuava ao celular com os olhos voltados em direção a uma vitrine de roupas extravagantes. Os lindos olhinhos azuis fixaram-se nele com uma expressão de curiosidade. Todos que passassem por ali naquele momento veriam um jovem casal com sua adorável criança. Ele abaixou-se, e os olhinhos atentos seguiram seus movimentos. Em seguida a mãozinha estendeu-se para ele e, ao mesmo tempo, um espontâneo sorriso embelezado ainda mais por seus dentes incompletos aflorou em seu rostinho de menina, ao pegar de volta o brinquedo que deixara cair.

O sinal do elevador soou. O sargento virou a cabeça e viu o Senador caminhando em direção à saída. Com agilidade atlética, levantou-se e com mais três movimentos estava a dois metros do Senador.

Os repórteres, porém, estavam lá.

– Senador Hoppings, por favor, a sua posição sobre o controle de armas automáticas.

– Senhores, o que tem a minha posição sobre o controle de armas automáticas?

– Ela é contrária aos interesses da população!

– Mas, baseado em que – sua voz saía irritada – você alega que ela é contra os interesses da população? – baseado na CBS?

O tráfego fluía normalmente. O Sargento Douglas prestou atenção ao *cadillac* preto que passava em baixíssima velocidade...

– O povo é contra as armas – insistia o repórter.

– Olha aqui – Hoppings parecia que ia saltar sobre o homem – a Constituição...

– Senador, abaixe-se! – gritou o homem com a *Colt 45* em punho, atirando-se sobre Hoppings, enquanto os projéteis vinham do *cadillac* preto que nesse instante arrancava a toda velocidade.

– Você?! – disse o Senador tentando se levantar, ao contemplar a face do homem que lhe salvara a vida, reconhecendo-o sem os óculos escuros quebrados no chão.

– Eu peguei tudo! – exclamou o cinegrafista à repórter completamente pálida.

– Está ferido! – gritou o Senador ao segurar o sargento, percebendo suas mãos ensangüentadas. Ele está ferido!

Douglas Braun contemplou a menina de cabelos encaracolados que sorria para ele enquanto era rapidamente retirada dali no colo de sua assustada mãe – depois disso tudo se apagou.

## Capítulo 5 – ONU – Nova York

O MURMÚRIO INCOMPREENSÍVEL de uma verdadeira babel de línguas e dialetos, provocado por delegados representando mais de cento e vinte países

cessou quando o Cardeal Giuliano Colona levantou-se do lugar de honra onde estava e, chegando à plataforma, saudou os presentes:

– Meus irmãos, eu tenho um sonho! – disse Colona, no momento em que todos ficaram em silêncio com as atenções convergindo para ele. O meu sonho é o de que todos os homens encontrem o caminho da fraternidade e da paz!

Seu discurso foi interrompido pelas palmas que eclodiram por todo o auditório.

– A paz – continuou o Cardeal quando as palmas cessaram – é um sonho que não é só meu, nem tampouco exclusivo de vocês que estão aqui neste auditório, e que representam todas as religiões da Terra. A paz, meus irmãos, é um anseio de toda a raça humana! E, é em nome da paz que eu, eleito Primeiro-Secretário Geral da União das Religiões Unidas, declaro, sob a proteção de Alá, Jeová, Shiva e todas as outras evocações para o nome de Deus, que a partir de agora uniremos nossas forças para criar um mundo sem medo, sem guerras e com um compromisso único, com a paz.

## Capítulo 6 – Londres

*E ATENÇÃO!* – ENTROU no ar o repórter da BBC – *O Senador norte-americano Antonin Hoppings acaba de sofrer um atentado. Veja agora as imagens do momento do triste incidente, gravadas por um cinegrafista da CBS. O Senador estava concedendo uma entrevista quando ocorreram os disparos. Hoppings saiu ileso, porém, seu segurança foi baleado. Até agora as autoridades não têm suspeitas de quem seriam os prováveis criminosos. O Senador Antonin Hoppings tem se destacado como o mais feroz inimigo do controle de armas nos Estados Unidos.*

– Mais chá, Milayd?

– Um momento, Jeffrey! Aumente o volume da TV, por favor!

As imagens do cinegrafista mostraram então o Senador irritado por causa de uma pergunta feita por uma repórter, e logo em seguida seu guarda-costas gritando e atirando-se sobre ele no momento em que se ouvia o barulho de disparos de arma de fogo.

A fisionomia da aristocrática senhora deixou transparecer as preocupações que lhe afligiam, velhos fantasmas afloraram em sua mente.

– Milayd, o que a preocupa? – perguntou o mordomo.

– Jefrey, você se lembra do que lhe contei sobre o episódio envolvendo meu avô ?

O mordomo assentiu com a cabeça.

– Pois este atentado – continuou Lady Catherine – parece obra de nossos velhos inimigos.

– O que vamos fazer, Milayd?

– Prepare-se Jefrey, vamos para a América.

## Capítulo 7

O AUTOMÓVEL FIAT DA POLÍCIA italiana entrou silenciosamente no estacionamento interno da Universidade de Roma. Paolo e o Capitão Scaliari, observados pelos curiosos estudantes, desceram e caminharam até o prédio do departamento de História.

– Capitão, o senhor pretende resolver este caso com o auxílio de um historiador?

– Paolo, você ainda tem muito que aprender. Não podemos resolver tudo apenas empunhando um revólver. Aliás, deixaremos as armas para o momento apropriado e, tenha certeza, esse momento virá!. Por enquanto temos que descobrir quem está por trás disso, e para isso temos que utilizar toda inteligência e conhecimento de que dispomos, por isso é que estamos aqui.

O jovem ficou em silêncio reconhecendo que, mais uma vez, o brilhante Lucas Scaliari, o mais condecorado policial da força italiana, tinha razão.

– Em que posso ajudá-los? – perguntou a recepcionista, demonstrando uma certa preocupação pela visita de dois oficiais da polícia italiana.

– Nada que possa preocupá-la, minha jovem – respondeu sorridente o Capitão. Estamos aqui para encontrar o professor Francesco, catedrático da cadeira de História Antiga e Medieval.

A recepcionista tranqüilizou-se com a cordialidade do oficial de pequena estatura, cuja testa proeminente demonstrava os primeiros sinais de calvície. Seus olhos, porém, detiveram-se no jovem que o acompanhava.

– Venham comigo então! Vou levá-los ao gabinete do professor Francesco.

Quando a porta se abriu a surpresa do velho, perplexo com o uniforme, logo cedeu lugar à alegria ao reconhecer Lucas Scaliari:

– Lucas, você continua o mesmo – disse o velho abraçando-o.

– Francesco, meu irmão!

Scaliari apresentou-lhe ao pupilo.

– Este é o Tenente Paolo Ferri.

Francesco o cumprimentou.

– É um prazer – disse com afabilidade – estendendo a mão para o jovem oficial – mas estou vendo que esta não é uma visita familiar.

O Capitão então retirou de uma pasta a gargantilha de ferro, entregando-a ao professor de História Medieval. Os olhos de Francesco brilharam ao ver o objeto pesado e enegrecido pelo tempo. Então, ao lembrar-se que os dois homens ali não eram historiadores, mas sim policiais, seu espírito encheu-se de tristeza.

– Onde foi que vocês encontraram a menina?

Os policiais se entreolharam. O Capitão Scaliari fitou-o com um ar grave:

– Nós não dissemos a ninguém que era uma menina, como você...

– ...Uma menina de onze anos – continuou o velho examinando o pesado objeto, sem dar conta da perturbação que tomava conta de seu irmão.

Paolo Ferri tateou os bolsos procurando as algemas. Lucas Scaliari, com um gesto, fez com que o jovem esperasse.

– Como conseguiu saber desses detalhes? – perguntou com tristeza o Capitão da polícia italiana. *O seu próprio irmão!*

Subitamente, o velho catedrático levantou a cabeça, fixando os olhos em Scaliari. Ao perceber a voz do oficial que saía embargada, em um momento compreendeu tudo:

– Não, Lucas! Não é o que vocês estão pensando – disse o velho sorrindo com condescendência. Eu posso explicar...

– É exatamente por isso que estão aqui, porque eu posso explicar e ajudá-los, não é?

Os policiais se tranqüilizaram, e Lucas então falou:

– Exatamente, Francesco, viemos aqui para que você nos ajude a descobrir quem colocou este colar no pescoço de uma menina que está hospitalizada e ainda corre risco de morte.

– O que foi que você disse? A menina ainda está viva? – o ancião levantara-se de um salto.

Os policiais espantaram-se ante aquela súbita demonstração de surpresa misturada com alegria.

– Sim, ela ainda está viva, embora...

– Lucas – disse o professor, agarrando-o pelos ombros – esta menina corre um grande perigo... proteja-a!

– Temos um policial...

– Um policial?... Não é o bastante, duplique, triplique a guarda urgentemente!

O policial estava perplexo:

– Eu vou providenciar o reforço quando eu chegar...

– Não, agora! – disse o velho, rispidamente, entregando-lhe o telefone.

Após ter ligado para a guarda metropolitana e reforçado o número de policiais no hospital, o Capitão Scaliari desligou o telefone e voltou-se para o velho à sua frente:

– Você tem agora muitas coisas a nos explicar!

## Capítulo 8

HOPPINGS, AQUELE VELHO TEIMOSO, se tivesse me ouvido, tudo estaria bem. Mas, e agora? Onde ele estava, sentia-se mergulhado no macio, seu corpo estava fraco, e o calor perpassava suas pálpebras. Abriu-as vagarosamente e no mesmo momento fechou-as, fustigadas pela luz. Lentamente experimentou reabri-las, mas a luz vigorosa envolvia e projetava um espectro – um anjo – pensou – eu morri. A luz radiante e ofuscante projetava o que parecia ser uma cabeleira emoldurada em ouro, ao mesmo tempo que os olhos de um azul intenso, cuja beleza rivalizava com o sorriso divino, trouxera-lhe paz.

– Tio Thomas, ele acordou.

Feche as cortinas, está entrando muita luz – disse Mellina Becker sorrindo.

– Anjo!... – disse devagar o sargento.

– Onde estou?

– Você está no hospital – respondeu o ser maravilhoso.

– Como está se sentindo?

– Meu corpo está dolorido... Quem é você? – disse tomando consciência.

– Meu nome é Mellina Becker. Junto com meu tio Thomas, presto assistência aos enfermos no hospital.

O sargento esforçou-se para levantar. Seu corpo, porém, não lhe obedecia, a face contraiu-se de dor.

– Acalme-se – disse Mellina – segurando sua mão – você perdeu muito sangue, não pode se levantar.

– Eu me sinto muito fraco... O Senador, como está ele?

– Ele está bem. Você salvou-lhe a vida, faz pouco tempo que ele saiu daqui.

– Ele esteve aqui? – perguntou surpreso. É muito arriscado, querem matá-lo!

– Não se preocupe, ele está sendo protegido por agentes do FBI.

– Agentes do FBI... – sua voz, embora baixa, saía exprimida em angústia. Confiar no FBI é o mesmo que ordenar que as raposas vigiem o galinheiro... – disse no momento em que tentava mais uma vez se levantar.

– Acalme-se, rapaz – disse, aproximando-se um homem na faixa dos sessenta anos, cuja face irradiava um misto de ternura e autoridade – acalme-se, continuou – você precisa descansar, perdeu muito sangue. Por pouco a bala não lhe perfurou o pulmão.

– Quem é o senhor?

– Eu sou o Reverendo Thomas Becker, e como minha sobrinha lhe disse, prestamos assistência voluntária aqui neste hospital. Diga-me de onde você é para que possamos entrar em contato com sua família.



## Capítulo 9

POR UM MOMENTO DOUGLAS BRAUN fechou os olhos, como que tentando ordenar seus pensamentos. Seus pais havia muito que tinham morrido e, seu único irmão havia mais de dez anos que não falava com ele, pois afastara-se completamente ao saber que ele fazia parte da Milícia do Colorado. A milícia, de certa forma, tinha sido sua família, e ele fora como um irmão mais velho: ensinara-os nas técnicas militares aprendidas no exército dos Estados Unidos, onde ingressara quando ainda era praticamente um adolescente, de onde tivera baixa como herói, recebendo agora uma pensão vitalícia. Pensou nas garotas que havia namorado, nos rapazes que treinara e, subitamente percebeu a verdade, e a verdade é que não tinha ninguém.

– Assim que eu deixar o hospital, volto para o hotel – respondeu.

– Não, senhor – a voz do reverendo revestiu-se de gravidade.

– Você não poderá ficar sozinho. Se não tiver família, ficará conosco.

Na casa pastoral temos acomodações apropriadas para você.

– Eu agradeço a oferta, senhor, mas não quero lhe criar transtornos.

– Não se preocupe com isso – respondeu a jovem, esboçando-lhe um sorriso.

– Tio Thomas tem razão, você precisa de cuidados, e na casa pastoral temos estrutura para isso. Além disso você portou-se com muita bravura salvando o Senador Hoppings, e ele faz parte de nossa comunidade.

## Capítulo 10

OS RAIOS DO SOL ADENTRARAM pela janela. Douglas Braun espreguiçou-se na cama e, ao abrir os olhos, ali estava ela, em pé, com uma bandeja, um verdadeiro anjo – pensou.

– Ainda bem que acordou, eu trouxe seu café, você dormia como uma criança – disse sorrindo – eu não tive coragem de acordá-lo.

– Que horas são?

A face do sargento demonstrava o constrangimento pela situação de dependência.

– São quase dez da manhã, mas não se preocupe, sua única obrigação é restabelecer-se.

Mellina ajudou-o a recostar-se na cama entregando-lhe mais um travesseiro.

– O cheiro desses pães está maravilhoso, foram feitos agora? – perguntou o sargento numa tentativa de vencer o próprio constrangimento.

Mellina compreendeu e, esboçando seu maravilhoso sorriso, ajudou-o:

– Fui eu que fiz, e você é um felizardo pelo fato de o tio Thomas ser um bom cristão, caso contrário, não sobraria nenhum para você; ele adora os meus pães!

Douglas Braun descontraíu-se e continuou a brincadeira:

– Hmm! Eles realmente são divinos – disse provando-os – e arriscou: só poderiam se feitos pelas mãos de um verdadeiro anjo.

Mellina Becker corou com o elogio e, agitada, dirigiu-se para a janela pondo-se a contemplar as pessoas lá embaixo:

– Hoje à tarde o Senador Hoppings virá aqui para vê-lo – disse sem virar a cabeça – tio Becker considera você um herói.

Douglas Braun ficou em silêncio contemplando-a em sua plenitude. O sol que refletia em seus cabelos dourando-os ainda mais, também era generoso ao realçar os contornos de seu corpo, discretamente ocultado por um vestido simples, despido de qualquer adereço. O sargento inquietou-se e após morder os lábios, sem tirar os olhos de Mellina, disparou:

– E você, também me considera um herói?

Com uma certa violência nos movimentos, ela então virou-se, sua face completamente corada, talvez pelo sol, apresentava visíveis sinais de contrariedade. O anjo da doçura havia sumido, e em seu lugar um outro ser colérico, porém igualmente belo:

– Se eu considero você um herói? Você agiu como um louco, quase perdendo a vida por um pretenso ato de bravura!

Douglas Braun engoliu em seco, surpreendido por aquela veemente repreensão.

Contemplando seus olhos espantados, Mellina continuou:

– A vida é o bem mais importante que alguém possui, e você lançou-a à sorte em um ato impensado!

O sargento, tentando se refazer do espanto e, ao mesmo tempo apaziguá-la, esboçou um tímido sorriso e perguntou:

– Mas não foi Jesus que deu a vida pelos homens? Como sobrinha de um reverendo, você devia saber disso. Teria Ele então agido de forma impensada?

A contrariedade ainda estava estampada nos lindos olhos azuis, e ela continuou, enquanto pegava a bandeja:

– É diferente, a morte de Cristo foi prevista por Deus desde o início, para a salvação da humanidade. Agora o teu ato foi de pura loucura – disse saindo rapidamente do quarto.

Douglas Braun ficou perplexo vendo-a sair, tentando imaginar o que ele dissera de errado.

## Capítulo 11

O PROFESSOR DE HISTÓRIA Antiga e Medieval da Universidade de Roma olhou fixamente para os dois policiais que permaneciam apreensivos.

– Uma menina de onze anos foi encontrada com vida usando esse colar? – o velho tornou a perguntar, como se aquilo fosse algo impossível de ter acontecido.

– Exatamente – respondeu o Capitão – agora o que está me inquietando é a sua surpresa, o que você sabe sobre tudo isso?

O olhar do professor pousou demoradamente sobre o colar de ferro que estava sobre a mesa.

– *Semper plus metuit animus ignotum malum!*

– O que foi que disse?

– É latim, significa o mal desconhecido é o mais assustador! O que eu quero dizer, senhores, é que eu não tenho uma resposta que possa levar diretamente aos possíveis autores dessa barbárie. Tudo o que eu sei a respeito desse terrível colar pertence a um passado negro, não registrado pela maioria dos livros de história.

– Tudo bem, professor, estamos aqui exatamente para ouvi-lo, digamos que inscrições são essas.

Francesco Scaliari olhou para eles e, com tristeza, respondeu:

– Infelizmente eu não sei o significado dessas inscrições...

Paolo Ferri relaxou os músculos ao ouvir essas palavras, o desânimo apossou-se de seu espírito.

– ...E acredito que nenhum estudioso, de nenhuma universidade existente no mundo, poderá responder sua pergunta; sou um perito em idiomas antigos, e esta escrita me parece uma variante de antigos escritos cuneiformes conjugada com ideogramas orientais.

– E quanto a esse símbolo? – perguntou o jovem tenente indicando para um desenho em relevo, semelhante a um pé-de-galinha – não é o símbolo internacional da paz? O que ele está fazendo nessa terrível coleira?

O velho professor respirou fundo, pois tinha que ser condescendente com o jovem tenente. Aliás, não só com ele, o mundo todo pensava que aquele fosse o símbolo da paz. Resolveu então ser diplomático:

– Bem, eu posso dizer que sim, já que a humanidade inteira resolveu identificá-lo como tal.

Paolo Ferri demonstrou surpresa:

– O senhor está dizendo então que este símbolo, na verdade, não é o símbolo da paz?

– Disseste bem, meu jovem, a não ser que você considere-o como símbolo da paz originada da submissão e da escravidão.

Os dois policiais entreolharam-se surpresos. O velho professor sorriu vendo o efeito que causara e então continuou:

– Este símbolo que a modernidade resolveu identificar como símbolo da paz chama-se, na verdade, Cruz de Nero.

– Cruz de Nero... O senhor está dizendo o imperador romano Nero?

– Exatamente! Esta era a marca usada por Nero para marcar seus escravos na época do Império Romano. Já na Idade Média ele tornou a aparecer, agora como signo usado na bruxaria para a invocação de demônios. Tinha-se por costume, nessas cerimônias mágicas, oferecer a Belzebu o sacrifício de meninas virgens na idade de onze anos.

– Isso explica o porquê de o senhor ter identificado a vítima como uma menina de onze anos!

– Exatamente. Agora veja – continuou o professor – todos nós sabemos que na Idade Média milhares de homens e mulheres foram mortos pela Santa Inquisição por causa do envolvimento com a bruxaria. Houve, por

parte dos historiadores e dos estudiosos, uma certa repugnância com relação àquele período, considerando-o até como o século das trevas. Porém, o que as pessoas não sabem é que, apesar desses lamentáveis episódios, as práticas de feitiçaria envolvendo o sacrifício de meninas para evocar espíritos malignos não eram muito raras.

– Mas como esse símbolo terrível veio a se tornar o símbolo da paz? – perguntou Paolo Ferri.

– Existe uma razão histórica para isso. Na época da guerra fria, em que o mundo estava dividido em dois pólos comandados respectivamente pelos norte-americanos e soviéticos, um filósofo ateu chamado Bertrand Russell, temendo uma nova guerra mundial, agora com potencial para destruir o mundo em razão da existência de bombas atômicas, declarava que toda a Europa deveria aceitar o domínio comunista. A partir daí nas passeatas promovidas por ele na Inglaterra, foi adotada a Cruz de Nero como símbolo do desarmamento e rendição da Europa, aceitando a submissão ao domínio soviético. Seu lema era “*melhor vermelho do que morto.*”

– E quanto a esta menina russa, ela então estava para ser sacrificada em um ritual de bruxaria?

– É o que me parece.

## Capítulo 12

– PODEMOS ENTRAR, DOUGLAS? – perguntou o reverendo – temos uma visita para você.

O sargento, que ensaiava alguns exercícios, pôs-se de pé, e dirigindo-se até a porta, abriu-a. O Reverendo Thomas estava acompanhado pelo Senador Antonin Hoppings.

– Sargento Douglas – disse o Senador apertando-lhe a mão – agrade-me ver que o senhor está se recuperando rapidamente.

– Queiram entrar, por favor – disse-lhes indicando o confortável sofá a três metros da cama.

– Sargento Douglas – continuou o Senador encorajado pela hospitalidade – eu estou aqui para agradecer-lhe por ter salvado minha vida, bem

como para pedir desculpas por não ter dado ouvidos às recomendações que o senhor tão enfaticamente havia sugerido.

O sargento lembrou-se então do episódio ocorrido três meses atrás, no gabinete do Senador no Congresso. No episódio ele fora “gentilmente convidado a se retirar” ao insistir que o Senador Hoppings montasse um esquema de segurança sob o argumento de que sua vida corria perigo. Um sorriso apaziguador brotou na face de Douglas, fazendo com que o Senador se sentisse à vontade. O Reverendo Thomas contemplava-o na tentativa de captar algum resquício de ressentimento, porém nada encontrou, um homem muito bom – pensou.

– Senador Hoppings – disse o sargento – embora eu não tenha sido ouvido quando tentei lhe abrir os olhos para o grande risco que estava correndo ao descuidar-se de sua segurança, a Providência permitiu que desse atentado o senhor saísse ileso. Agora eu sei que acredita em mim e se conduzirá com mais cautela, e isso me deixa mais tranqüilo.

O Senador estava satisfeito. Douglas Braun, havia se mostrado cordial e sem nenhuma ponta de ressentimento, Hoppings fez então a sua proposta:

– Meu jovem, você se portou com heroísmo e um grande senso de patriotismo arriscando a vida pelas idéias em que acredita. Eu quero contratá-lo para que você se encarregue de minha segurança pessoal; é claro que primeiro você deve se restabelecer, e para isso – disse agora olhando para o reverendo – ninguém melhor que o Reverendo Thomas e sua sobrinha Mellina.

– Thomas, todos os gastos necessários para a recuperação desse jovem devem ser encaminhados a mim, está entendido?

O Reverendo Thomas fez um gesto com a mão como que a dizer: deixa isso pra lá!

– Não – insistiu Hoppings – eu faço questão de pagar todas as despesas, quero esse homem completamente restabelecido para formar minha equipe de segurança.

\* \* \*

Douglas Braun sentia-se mais forte, fazia pequenos exercícios, bem como já descia para fazer as refeições à mesa junto ao reverendo e sua sobrinha.

– Hmm! Eu não sei o que será de minha vida quando sair daqui – disse ao saborear um dos pães de Mellina.

O reverendo olhou-o como que a interrogá-lo. O sargento então continuou – acho que eu não saberia viver sem essas delícias.

– O senhor é um homem de sorte, Reverendo Becker. Além de encantadora, sua sobrinha cozinha maravilhosamente bem.

– Você tem razão em dizer isso, Douglas – concordou orgulhoso o reverendo – Mellina é uma moça adorável; é, para mim, uma verdadeira filha. E seus pães já venceram até concurso de culinária, não é, Mellina?

– Ora tio!...

As faces da jovem estavam coradas e seus olhos se recusavam a encontrar-se com os do sargento...

– Dessa forma, Douglas irá pensar que o senhor me criou para as lides domésticas.

– Desculpe, minha filha – disse sorrindo – mas como o nosso convidado já percebeu, poucas mulheres podem se igualar a você nesse quesito. Mas façamos justiça à minha jovem sobrinha, Douglas. Além de ser a mais bonita, ela é uma das moças mais inteligentes da Universidade de Georgetown.

– Tio! – Mellina Becker havia corado completamente.

Não sendo possível deixar de perceber o visível embaraço da jovem, Douglas Braun achou que estava em dívida com ela:

– Qual é o seu curso na universidade, Mellina?

Surpresa pelo auxílio que saía de onde ela menos esperava, a jovem ergueu os olhos para ele e sorriu timidamente, enquanto sentia a temperatura de sua face voltar lentamente ao normal:

– Eu estou para me formar em Teologia.

– Teologia?! – Douglas Braun não escondeu a surpresa.

– Sim, Teologia, reafirmou com convicção, diante do vacilo do sargento.

– Ela quer ser missionária na África! – manifestou-se com orgulho o reverendo, numa tentativa de se redimir perante os olhos da jovem.

Douglas Braun foi tomado subitamente por seu instinto protetor:

– Uma jovem como missionária na África? Isto é muito perigoso!

Aos olhos da jovem o aliado recém-conquistado, em questão de minutos tornou-se um inimigo, e Mellina explodiu:

– Muito perigoso?! Porque sou mulher você acha muito perigoso?

A doçura cedeu lugar à indignação de uma fera que teve seu espaço violado.

– E o seu ato de jogar-se sobre o Senador, o que foi? Heroísmo ou loucura?

Douglas Braun não ousou pronunciar qualquer palavra, contentando-se a olhar para o reverendo, que franziu a testa em sinal de reconhecimento à demasiada independência de sua sobrinha.

## Capítulo 13

EM SILÊNCIO, LUCAS SCALIARI contemplava pelas janelas do gabinete do professor Francesco dezenas de estudantes universitários que passavam lá embaixo. “As letras e a ciência se multiplicam de uma forma vertiginosa em nosso século, e um louco tentando praticar um repugnante sacrifício medieval!”

– As coisas não se encaixam! – disse voltando do mergulho em seus próprios pensamentos.

– Como disse, Capitão? – perguntou Paolo Ferri.

– Eu disse que há um problema aqui. Este seqüestro envolve muito mais coisas do que imaginamos. Se olharmos ao nosso redor, o que veremos? A ciência se multiplicando, a civilização avançando rapidamente em todas as áreas do conhecimento. Não obstante isso, temos o caso desta menina, que estava prestes a ser sacrificada em uma cerimônia satânica. Isso me parece um absurdo em plena modernidade!

– Mas Capitão, isso deve ser o ato de um louco desajustado!

– Não, Paolo, isto foi o que eu inicialmente pensei, mas infelizmente as coisas não são tão simples assim, veja: primeiro, uma menina russa é seqüestrada em seu país e trazida para a Itália. Se fôssemos nos deter somente a esse detalhe, só aqui já haveria problemas significativos para serem contornados por um simples indivíduo: conseguir um veículo para o seqüestro, escondê-la na Rússia, fazer o transporte até a Itália e mantê-la oculta por duas semanas. A tudo isso soma-se uma série de conhecimentos que seriam impossíveis para uma só pessoa, veja – disse apontando para o colar – além de



conhecimentos de metalurgia para fazer esta peça, somaríamos incríveis conhecimentos de história e simbologia antiga, sem falar nessas inscrições que, como disse Francesco, aproximam-se da escrita cuneiforme da extinta civilização suméria.

– O senhor está querendo dizer...

– Nós estamos procurando, não um louco, mas uma organização.

Paolo estava surpreso:

– Uma organização?... uma organização criminosa, então!...

– Sim, uma incrível organização criminosa, com poder bastante para seqüestrar uma menina russa e trazê-la até a Itália, e com conhecimentos secretos, que ultrapassam os saberes de nossos melhores cientistas e historiadores.

– Mas isso é terrível, Capitão, e qual seria seu objetivo afinal? Por que sacrificar uma criança?

– Eu ainda não sei, Paolo... mas nós descobriremos!

## Capítulo 14

APÓS O ATENTADO O SENADOR Antonin Hoppings havia adotado uma conduta mais reservada deslocando-se pouco. Isto facilitava as coisas para Douglas Braun, agora no cargo de chefe de segurança, criado especialmente para ele como prova de reconhecimento do Senador. O sargento olhou atentamente para o acompanhante da senhora idosa na cadeira de rodas: um homem moreno, alto, forte na casa dos quarenta anos. Tinha olhos perspicazes e nariz aquilino. Possuía também um maxilar reforçado, o que lhe dava a imagem de um boxeador, um misto de enfermeiro e guarda-costas, pensou. Hoppings havia lhe informado sobre essa visita, segundo o Senador uma senhora muito importante.

– Lady Catherine, eu presumo? – disse enquanto discretamente examinava o detector de metais na passagem do enfermeiro que empurrava a cadeira de rodas.

– Ótimo, nenhuma arma!

Olhou então para o relógio: ela estava quinze minutos adiantada. Naquele momento o Senador estava com o Reverendo Thomas e sua sobrinha

Mellina, que haviam sido convidados por Hoppings para ouvir-lhes sua opinião sobre a política liberal da Casa Branca para a China, um país que desrespeitava os direitos humanos. No dizer do próprio Hoppings, era uma espécie de consulta às bases, pois tanto o Reverendo Thomas quanto Mellina eram não só amigos do Senador, como de certa forma suas opiniões indicavam o que pensava o seu eleitorado.

– Sim, meu jovem, eu tenho uma reunião com o Senador, peço desculpas por ter chegado um pouco cedo, mas é que, apesar de minha pouca idade, ainda tenho um espírito inquieto.

Douglas Braun simpatizou-se com ela:

– Queira aguardar um momento, senhora, vou comunicar ao Senador a sua chegada.

Um minuto depois o sargento retornou:

– O Senador Hoppings irá receber a senhora, queira seguir-me, por favor!

A sala era finamente decorada, embora aos olhos de Lady Catherine, deixasse a desejar, se comparada à de sua magnífica mansão, construída por seus altivos ancestrais. A velha senhora, porém, não se importou; concentrou todas as suas reservas mentais para sua importante missão: fazer com que aquele importante membro do Senado americano se convencesse dos perigosos fatos que ela iria expor.

Hoppings, assim como Thomas Becker e sua sobrinha, estava em pé quando Lady Catherine entrou. Seus olhos surpresos fixaram-se no reverendo e em Mellina. Hoppings compreendeu e, adiantando-se para ela, estendeu-lhe a mão:

– Lady Catherine, é uma honra receber em minha casa tão distinta senhora. Permita-me que lhe apresente o meu amigo Thomas Becker e sua sobrinha Mellina, pessoas de minha absoluta confiança – frisou.

– Senador Hoppings – disse Lady Catherine – sou grata por sua hospitalidade, e como uma mulher idosa e inteiramente envolvida com os compromissos assumidos pela Fundação Raidech, criada por meu avô, para a promoção de pesquisas arqueológicas, vou direto ao assunto.

Sorrindo, o Senador deu prova de que estava de acordo, ela era como ele: rápida e objetiva, pensou. A velha senhora, então continuou:

– Eu sempre me mantive distante de questões políticas e econômicas. Porém, acontecimentos recentes dentre os quais o atentado sofrido pelo se-

nhor, vieram a se encaixar a outros ocorridos com minha família. Assim, se mostram bem nítidas as primeiras imagens de um terrível e gigantesco quebra-cabeças, cujo mistério eu, com a sua ajuda, pretendo desvendar.

Os olhos de todos estavam sobre Lady Catherine, que continuou:

– Os senhores devem estar se perguntando: o que de tão importante tem a nos dizer uma senhora idosa que nunca se envolveu em questões políticas e que deixa seu país para vir aos Estados Unidos fazer revelações misteriosas? Pois bem, para responder a essa pergunta eu peço aos presentes que ouçam minha história com paciência:

Tudo começou com meu avô, Albert, o homem que descobriu a tumba do faraó Amenófis IV. Segundo relatos de meu pai, o meu avô era um homem descontraído e até mesmo de certa forma, ingênuo no trato com as pessoas. Isso, porém antes da descoberta do túmulo de Amenófis IV, que se deu poucos meses antes de meu nascimento. Porém, as imagens que eu tenho dele em minha infância são as de um homem profundamente preocupado com sua segurança e a de sua família. Tanto era assim, que nós não tínhamos permissão para sair sem que, junto não estivesse uma equipe de seguranças vigiando-nos constantemente. A impressão que tínhamos era a de que meu avô fosse o guardião de algum tesouro muito precioso, e que os ladrões estavam sempre à espreita para roubá-lo. Ele, porém nunca nos disse nada, nunca revelou as razões de tantos cuidados. Após a morte de meu avô, meu pai cometeu um terrível engano: pensando tratar-se de excentricidades de um velho milionário, dispensou todas as medidas de segurança implementadas por meu avô. Numa noite quando chegava em casa, foi seqüestrado por alguns homens encapuzados que deixaram um bilhete em seu carro, dizendo que se em três dias eles não encontrassem um tal Livro de Ouro de Lagahs junto à Igreja de Saint Germain, meu pai seria morto. Desesperados, reviramos então todos os quase trinta mil volumes da biblioteca de meu avô na esperança de encontrar algum livro de ouro. Em seguida todas as dependências da mansão foram revistadas, e para nossa angústia o tal Livro de Ouro de Lagahs não estava lá. Três dias depois o corpo de meu pai foi encontrado pelo jardineiro nos fundos da mansão.

Os olhos da senhora estavam em lágrimas. Mellina tinha o coração apertado com aquela demonstração de tristeza não apagada pelo tempo.

– Depois disso – Catherine continuou – reativamos todos os procedimentos de segurança implementados por meu avô. Eu mesma só saio acompa-

nhada por Jeffrey, que faz minha segurança. Porém depois disso jamais fomos molestados; quem quer que tenha matado meu pai passou a acreditar que meu avô tinha destruído o livro. E isto era o que nós tínhamos pensado, até que...

– Até que?... – perguntou o Senador.

A angústia estava estampada em seu rosto, ante a expectativa das revelações que se seguiriam.

– Há uns dez anos – continuou Lady Catherine – fomos procurados por membros da sociedade bíblica inglesa, interessados em adquirir uma das obras raras que constavam da biblioteca de meu avô.

– Encontraram então o tal livro de ouro? – perguntou uma aflita Mellina Becker.

– Não – disse sorrindo Lady Catherine, ante a expectativa da jovem – a sociedade bíblica estava interessada em adquirir a maior relíquia da biblioteca: a oitava Bíblia impressa por Gutenberg.

– A Bíblia de Gutenberg! – exclamou curioso o reverendo – eu não sabia que o sábio alemão havia impresso mais de uma.

– Sim, foram impressas duzentas, e uma delas pertencia a meu avô. Pois bem, examinando-a, um dos peritos encontrou uma carta de meu ancestral.

Todos estavam com a respiração suspensa. Lady Catherine olhou para Jeffrey, que tirou do bolso interno do casaco uma carta e entregou ao Senador. Então Catherine continuou:

– Esta é a carta que meu avô endereçou a meu pai.

Antonin Hoppings abriu o envelope e leu em voz alta:

*Ao meu querido filho,*

*Coloquei esta carta propositalmente dentro do livro mais raro de minha biblioteca por ser esta a obra mais valiosa. Você, ao vendê-la, consultará um perito, de tal forma que esta carta será encontrada, ao contrário dos demais volumes que serão, conforme acredito, vendidos em lotes.*

*Eu sei, meu filho, que muito lhe entristeci, restringindo-lhe a liberdade, bem como de resto a de toda nossa família; eu sei que você achou muito estranho meu comportamento logo após a descoberta do túmu-*

*lo de Amenófis IV. Agüentei com firmeza sua revolta e escondi de você meu segredo, porque este me pareceu a melhor maneira de proteger a nossa família, bem como o segredo que agora lhe revelo.*

*Já não estarei contigo quando leres esta carta, portanto medite com paciência naquilo que vou te revelar. Não te conduzas somente com a sabedoria humana, mas com a sabedoria de um verdadeiro espírito cristão. Se procederes assim, teu espírito será iluminado e tu tornar-se-á o guardião de um dos maiores mistérios da humanidade: O Livro de Ouro de Lagahs; se, porém, você não fizer assim e proceder com a cobiça, você não o encontrará, e o livro, assim como seus terríveis e maravilhosos segredos, se perderá para sempre.*

*Meu filho, tudo começou quando eu descobri junto ao acervo reservado da biblioteca do Museu de Londres, um antigo pergaminho que havia escapado do incêndio da famosa Biblioteca de Alexandria. Com as pistas fornecidas pelo pergaminho, descobri a tumba perdida do Faraó Amenófis IV, e o que se mostrou ainda mais assombroso, a real existência do Livro de Ouro de Lagahs, que segundo esse mesmo pergaminho, fora um presente dado por Mefistófilis, general dos exércitos de Lúcifer, a seu filho Alkazan, resultado do relacionamento desse anjo caído com uma belíssima mulher. Foi este Alkazan, um dos famosos gigantes citados na Bíblia que dominou a Terra, obrigando Deus a destruí-la com o dilúvio.*

*Pois bem, mais tarde, Ninrode, neto de Cão, filho de Noé, ao lançar os fundamentos de uma nova cidade, descobriu este livro soterrado. Seu espírito então foi iniciado nos mistérios da mesma magia que causara a destruição dos antigos povos antediluvianos. Ao fazer com que o mal ressurgisse na Terra, Ninrode acabou expulso da própria cidade indo refugiar-se no Egito. Lá, sua descendência tornou-se poderosa destronando o próprio faraó, estabelecendo uma nova*

*dinastia. O próprio Amenófis IV era um de seus descendentes. Tendo o privilégio de examinar o livro, pude constatar um emaranhado de inscrições desconhecidas, cujo significado eu jamais pude compreender, mas que, segundo o pergaminho, representariam fabulosos mistérios de magia originária dos primórdios da própria existência de todas as coisas. Uma outra coisa que me chamou a atenção com referência a este livro foi o que nele encontrei: um mapa totalmente desconhecido. Segundo o pergaminho, este mapa revelaria a existência de um tesouro sublime, algo que seria o mais terrível e desejado tesouro já sonhado pela mente humana. Infelizmente, o pergaminho estava incompleto, não revelando a natureza desse tesouro, é bem provável que ele tivesse sua continuação em um outro rolo. Isso, porém jamais saberemos. Se um outro rolo existiu, deve ter sido perdido ao longo dos mais obscuros séculos da história. Porque, infelizmente não temos nenhuma referência sobre seu paradeiro, é possível até mesmo que ele tenha permanecido oculto no acervo secreto do Vaticano, ou, o que é pior, não tenha escapado do incêndio da famosa Biblioteca de Alexandria. No rolo a que tive acesso, consta que esse desconhecido tesouro foi buscado de forma incansável pelos maiores magos da antiguidade, se bem que, segundo esse pergaminho, o mistério deveria permanecer oculto até o final dos tempos!*

Douglas Braun interrompeu a leitura do Senador:

– Este livro de ouro continha um mapa de um tesouro que seria o mais fabuloso jamais sonhado pela mente humana? Mas que tesouro seria este?

Para descobrirmos, teríamos que encontrar o livro, argumentou Lady Catherine.

– O mais fabuloso tesouro já sonhado pela mente humana?

– Seria o tesouro de Salomão? – arriscou Jeffrey.

– Segundo um artigo que eu li, a riqueza de Salomão era superior ao PIB dos Estados Unidos.

– Não creio que esse tesouro fosse dessa natureza. Para atrair a cobiça dos maiores magos da antiguidade, conforme nos diz o avô de Lady Catherine, o tesouro deveria ser algum mistério com o poder de causar grande repercussão para a própria existência da civilização humana. Por mais impressionante que fosse a riqueza de Salomão, eu não posso imaginar como uma fortuna em ouro e jóias poderia alçar essa envergadura.

O Senador, quando viu que todos se aquietavam, continuou:

*“...Enquanto eu meditava sobre o destino a ser dado à fabulosa descoberta, meu assistente, um jovem chamado Max Fuchon, tentou arrebatá-lo à força, colocando-me sob a mira de um revólver. Surpreendido, indaguei-lhe o motivo de sua ação, e para meu espanto ele revelou-me o inacreditável: que fazia parte de uma milenar sociedade secreta – os Filhos de Set – segundo ele, detentora de conhecimentos místicos, mantidos secretos desde os primórdios da civilização, e que esse grupo de iniciados estaria se preparando havia séculos para uma grande revelação a ser feita em um futuro próximo. Após isso, ele tentou me matar alegando que o que me havia revelado poderia ameaçar os planos dos Filhos de Set. Graças a Deus fui salvo por Tarik, um dos auxiliares da expedição que o alvejou com uma lança encontrada no local. Após saberem da morte de Max Fuchon, os demais adeptos dessa sociedade secreta passaram a seguir-me e a espreitar-me os passos, na tentativa de se apoderarem do Livro de Ouro. Em razão disso não tive condições de investigá-los e descobrir seus reais objetivos. Limitando-me a esconder o livro e a providenciar nossa segurança.*

*Meu filho, quando você tiver lido esta carta, já não estarei com você, portanto medite com paciência nestas revelações e caminhe com sabedoria.*

*Junto a esta carta está um enigma. Decifrando-o, você achará o livro, mas eu repito, para decifrá-lo não basta que você use o intelecto, você terá que jun-*

*tar à inteligência o coração; esta foi a forma que eu  
achei para ocultar o livro de homens malignos que dele  
querem se apossar para a desgraça do mundo.*

O Senador Hoppings, curioso, olhou então para o enigma, era uma folha anexa com uma frase em forma de charada e dois símbolos: uma estrela e uma meia-lua:

***Aquele que se preparou para curar foi curado, é o terceiro  
de quatro de doze, caminhou com a palavra e, seus olhos  
viram a luz, seu número é mil e trinta e quatro.  
Aquele que olhar para o passado encontrará.***



## Capítulo 15

DOUGLAS BRAUN ESTAVA ATÔNITO, repetindo o enigma:

– Aquele que se preparou para curar... um médico doente? – disse dando de ombros.

– Lady Catherine – perguntou o Senador – a senhora já conseguiu desvendar alguma parte desse enigma?

– Senador, como disse o jovem ao levantar a hipótese de um médico doente, tal também me ocorreu; só que investigando a árvore genealógica de minha família não encontrei nenhum médico, não que fosse doente.

O Reverendo Thomas olhou o enigma e sacudiu a cabeça manifestando que não compreendia nada do que ali estava escrito.

– Deixe-me olhar, tio – manifestou-se a loirinha: hmm!... Aquele que se preparou para curar... – caminhou com a palavra... ...E seus olhos viram a luz...

Palavra... substantivo... verbo, verbo... é isso!



Sua face iluminou-se:

– Senador Hoppings!, providencie rapidamente uma Bíblia, por favor!

A atenção de todos tinha se voltado para ela. Douglas Braun saltou sobre a estante e depois retornou com um grosso volume:

– Está aqui – disse esperançoso.

As mãos ágeis da jovem percorreram rapidamente as páginas do Livro Sagrado, até que ela encontrou o que procurava:

– Está aqui – disse radiante – primeiro capítulo do Evangelho de São João, versículos 1 a 4:

*“No princípio era o verbo, e o verbo estava com Deus, e o verbo era Deus.*

*Ele estava no princípio com Deus.*

*Todas as coisas foram feitas por ele, e sem ele nada do que foi feito se fez.*

*Nele estava a vida, e a vida era a luz dos homens...”*

– Meu Deus! – exclamou o reverendo – como eu não pensei nisso antes? É Jesus.

– Jesus?... como assim? – perguntou o Senador – eu não estou entendendo!

Mellina, cujos olhos brilhavam mais do que nunca, respondeu:

– “Disse Jesus, eu sou a luz do mundo, quem me segue não andaré em trevas”.

Então continuou – quem, com seus próprios olhos, viu a luz? – no caso, Jesus – e que segundo o Evangelho de João é também o verbo de Deus, no caso, a palavra. E que é o terceiro de quatro, de doze?

– Lucas! – respondeu exuberante o reverendo – Lucas é o terceiro livro dos quatro evangelhos: Mateus, Marcos e Lucas... Os doze são os doze apóstolos de Cristo!

– Lucas se preparou para curar! as escrituras sagradas relata-nos que Lucas era médico, observou a loirinha.

– Seu número é mil e trinta e quatro, o que é isso? – perguntou Douglas Braun.

– Não! – retrucou Mellina – na verdade é, dez, trinta e quatro, ou seja – disse exuberante: o enigma é Lucas, capítulo dez, versículo trinta e quatro. Está aqui:

*“E, aproximando-se, atou-lhe as feridas, deitando-lhes azeite e vinho; e, pondo-o sobre a sua cavalcadura, levou-o para uma estalagem, e cuidou dele.”*

– Isso foi brilhante, minha jovem – disse Lady Catherine.

– Mas, e quanto à estrela, à meia-lua e à frase: *“aquele que olhar o passado encontrará”*? – perguntou o reverendo.

– A estrela é um símbolo judaico, representa o povo de Israel; já a meia-lua, como nós já vimos em muitos filmes, representa os povos árabes. E se em vez de povos esses símbolos aqui representassem pessoas? Um, árabe; outro, judeu?

– Meu avô era judeu! – respondeu Lady Catherine.

– Perfeito! Se Lord Raidech era judeu, provavelmente ele tenha salvo algum árabe, para considerá-lo como o bom samaritano de Lucas 10:34. Ou então poderia ser o contrário!

– Sim, mas como identificar esse árabe? – pergunto Douglas Braun.

– Aquele que olhar para o passado encontrará – é o que diz o enigma!

– É possível que no diário de meu avô esteja a resposta; precisamos voltar para Londres, Jeffrey. Reverendo Thomas, sua sobrinha revelou-se brilhante, gostaria que ela fosse conosco.

– Tio, eu quero ir com Lady Catherine; talvez o enigma não seja solucionado apenas com a descoberta de quem tenha recebido o auxílio de Albert Raidech e haja outras etapas.

Thomas Becker estava apreensivo, não lhe agradava expor sua adorável menina ao perigo.

– Thomas – interveio o Senador – Mellina tem razão. É possível que o enigma proposto pelo avô de Lady Catherine se desenvolva em outras etapas, e a participação de sua sobrinha mostrou-se fundamental para que começássemos a desvendá-lo. Para que a segurança dela esteja garantida, Douglas Braun, que se mostrou até aqui extremamente valoroso, irá junto para protegê-la.

Aprensivo, o reverendo olhou para Douglas Braun que, com firmeza, sustentou-lhe o olhar:

– Reverendo – disse o sargento – eu prometo ao senhor que irei proteger sua sobrinha com a minha vida, se for preciso.

## Capítulo 16

A LIMUSINE SEGUIA ÀS MARGENS do rio Potomac, em meio a uma tarde cinzenta na cidade de Washington. O solitário passageiro do banco de trás repassava mentalmente o lance decisivo que estava para jogar; seria um passo gigantesco, sentia-se orgulhoso pelo papel que o destino a ele reservara. Lembrou-se de todos os que o antecederam e do esforço e dedicação com que se lançaram a esse fabuloso projeto. Eles haviam usufruído poder e riquezas, mas a glória seria dele. E todos, absolutamente todos, se estivessem vivos, olhariam-no com indisfarçável inveja. O *notebook* aberto à sua frente emitiu um sinal, e ele voltou então à realidade. Digitou o código secreto e imediatamente o portal apareceu: estava ali, ao alcance de quem quer que dispusesse de um computador interligado à rede, mas ao mesmo tempo, completamente inacessível. *Hackers*, governos, agências secretas como a CIA ou a Agência Nacional de Segurança, que se tivessem a mais leve suspeita de sua existência, poderiam tentar bilhões de combinações para acessá-lo. Não obstante isso, ele permaneceria lá, imerso no mais profundo abismo da rede. Somente uma dúzia de iluminados detinham o conhecimento de sua existência, ou da linguagem, tão antiga quanto a própria civilização para acessá-lo. O texto apareceu na tela; era formado por palavras que não pertenciam a nenhum dos mais de três mil idiomas e dialetos existentes sobre o globo terrestre.

A mensagem foi completada.

Ele, então recostou-se suavemente no banco da limusine, pegou então o celular e discou um número que fez soar o telefone dentro de uma belíssima sala em um dos locais mais exclusivos do mundo, situado em um outro continente. A limusine aproximava-se agora do Congresso. Após ter passado suas instruções, ele agora sentia-se como se o livro já estivesse em suas

mãos. O monumento a George Washington estava agora a uns quatrocentos metros de distância. Ele olhou para o topo do obelisco contemplando a pirâmide. Então, respeitosamente curvou a cabeça, pois conhecia seu verdadeiro significado.

## Capítulo 17

O ROLLS-ROYCE ESPERAVA-OS no aeroporto; Mellina sentou-se ao lado de Lady Catherine, que sorriu ao perceber a curiosidade da jovem ao olhar a posição do volante. Douglas Braun e Jeffrey sentaram-se na frente.

– Nós, ingleses, temos manias estranhas: a mão inglesa, por exemplo, ao contrário do resto do mundo, fica do lado direito. Acho que no final são estas pequenas coisas que vão acabar impedindo a integração com o continente – sentenciou a velha.

– Como assim, com o continente? – perguntou Mellina – mas a Inglaterra não faz parte do continente europeu?

– Perdoe-me, minha filha, é que nós, e quando digo nós, me refiro a todos os ingleses com mais de cinqüenta anos, temos uma antiga crença de que a Europa termina ali na fronteira com a França, no Canal da Mancha. Para nós é como se a Inglaterra fosse um universo à parte.

– A Inglaterra no final acabará aceitando a integração política com o continente – respondeu a loirinha – é assim que está escrito.

– Como assim, minha jovem? – inquiriu Lady Catherine curiosa.

– É simples, a senhora deve saber que a Inglaterra fazia parte do Império Romano. Conforme algumas profecias bíblicas, importa é que no final dos tempos as nações voltem às fronteiras políticas da época da Roma Imperial. Ou seja: a União Européia não é outra coisa senão o esforço do ferro em juntar-se ao barro, formando aquilo que na profecia de Daniel será o último dos impérios humanos.

– Ferro e barro?! Eu não entendi.

– Ferro e barro eram os materiais de que eram feitos os pés da estátua sonhada pelo rei babilônico Nabucodonosor, segundo o profeta Daniel ao interpretar o sonho sobre a gigantesca estátua. Ela tinha a cabeça de ouro, o

peito e os braços de prata, o ventre de cobre, pernas de ferro e, finalmente, os pés eram feitos de uma mescla de ferro e barro. Isto seria uma representação de todos os grandes impérios até os tempos finais, sendo o ferro e o barro uma alegoria sobre as nações dos últimos tempos. Dessa forma a União Européia estaria nesta última categoria representando os países fortes, o ferro e; e os demais países, os fracos, seriam representados pelo barro.

– E o que aconteceu com a estátua?

– O que aconteceu?... Algo bem interessante, mas eu não vou lhe contar. Parece-me mais interessante que a senhora leia Daniel 2:34<sup>1</sup>, para que tire suas próprias conclusões.

## Capítulo 18

O CARRO PAROU DIANTE de um gigantesco portão de ferro que lentamente se abriu mediante o acionamento do controle remoto manuseado por Jeffrey, seguindo então por mais uns duzentos metros parando junto a uma belíssima porta de mogno. Mellina Becker desceu completamente deslumbrada, pois nunca havia visto uma mansão tão grande:

– A senhora mora aqui? Deve ter um exército para mantê-la limpa!

Douglas Braun não conseguiu segurar:

– Agora está explicado porque não acharam o livro.

Lady Catherine não prestou atenção, e dirigindo-se para Mellina:

– É verdade, minha filha, esta casa enorme foi construída por meu bisavô nos tempos áureos do Império Britânico – e olhando para Douglas Braun, que já havia aberto o porta-malas do carro – deixe que os criados levem a bagagem para os seus quartos, meu jovem! Vamos entrando!

---

<sup>1</sup> Estavas vendo isto, quando uma pedra foi cortada, sem auxílio de mão, a qual feriu a estátua nos pés de ferro e de barro, e os esmiuçou.

## Capítulo 19

LUCAS SCALIARI E PAOLO FERRI estavam em um veículo civil olhando para a frota de Mercedes e BMW e para outros de marcas menos conhecidas, mas igualmente nobres que deixavam o lugar. Antes que as portas do discreto templo da Igreja Luciferiana se fechassem, ambos saltaram do carro e entraram no pouco iluminado ambiente. Um forte cheiro de enxofre perpassou então por suas narinas; olhando mais para dentro, encontraram sua origem: em frente a um altar de colunas prateadas havia um braseiro ainda fumegante.

– A cerimônia já está encerrada, senhores – disse-lhes secamente um jovem de túnica negra.

Paolo mostrou-lhe o distintivo.

O jovem contraiu o maxilar, porém não demonstrou preocupação:

– Venham comigo!

O homem já estava retirando a túnica escarlate quando os policiais entraram.

– Luigi, já disse que aconselhamento só no período anterior à cerimônia!

– Eles são policiais, senhor!

– Policiais?... – sua face permaneceu serena, embora suas preocupações fossem traídas por sua voz.

– Sim – exclamou Lucas Scaliari – estamos aqui para lhe fazer algumas perguntas.

– Pois não, cavalheiros – disse o sacerdote da Igreja Luciferiana, apontando algumas cadeiras – queiram sentar-se, por favor.

Scaliari foi impetuoso:

– O que o senhor pode nos dizer sobre sacrifícios satânicos?

O sacerdote permaneceu imperturbável, e então esboçou um leve sorriso:

– Sacrifícios satânicos?... Os senhores vieram ao lugar certo. Aqui é onde cultuamos a Lúcifer. Haveria lugar melhor para se oferecer sacrifícios ao Príncipe da Luz do que dentro da própria igreja de Satanás?

– Que espécie de sacrifício é feito e como ele é desenvolvido? – perguntou Paolo.

– É uma pergunta inteligente, senhores! E a resposta é energia, oferecemos energia no altar de Lúcifer, energia!

– O senhor está querendo dizer vida? – disse franzindo a testa o Capitão Scaliari.

– Sim e não, respondeu enigmático o sacerdote.

Os policiais se entreolharam.

– Sim, porque oferecemos a vida.

O sacerdote agora estava irônico.

– E não, porque não a oferecemos como os senhores devem estar pensando. Não sacrificamos ninguém se é o que está me perguntando. Oferecemos ao Príncipe da Luz nossa própria energia, oferecemos a ele nossa própria vida!

– Como assim, eu não estou entendendo. Como os senhores oferecem a própria vida no altar de Lúcifer? – perguntou o tenente.

O sacerdote adotou o tom de um professor ao ensinar um novo aluno:

– Em primeiro lugar, para compreender o sacrifício você deve saber quem é Lúcifer, você sabe quem ele é?

– Bem... – respondeu Paolo, lembrando-se dos ensinamentos que ouvira do padre quando ainda criança e era levado à igreja por sua mãe – Lúcifer é o anjo caído que se rebelou contra Deus!

O sacerdote luciferiano sorriu com condescendência:

– Eu imaginava que dissesse isso: vinte séculos de cristianismo, somados aos filmes de terror americanos deram uma imagem extremamente negativa ao Príncipe da Luz!

– O senhor está querendo nos dizer que tudo o que a Igreja fala sobre Satanás é mentira?

– Lúcifer, por favor! Satanás me parece um pouco menos honroso. Mas você está certo, o cristianismo mentiu para o mundo todo sobre a real natureza do anjo de Luz. Lúcifer não é o mal, é o bem; não é a morte, é a vida. Veja: na Bíblia cristã está escrito no livro de Gênesis que foi ele quem incentivou Eva a provar da Árvore do Conhecimento! Se não fosse ele os homens viveriam na ignorância!

– Mas eles foram expulsos do Paraíso, não foram? – alfinetou o tenente.

– Sim, mas por um Deus cruel e invejoso que não queria que suas criaturas conhecessem o bem e o mal como ele! Lúcifer queria que os homens tivessem o conhecimento. Olhemos para a lenda grega de Prometeu, o titã que roubou o fogo dos céus e deu-o aos mortais, enfrentando a fúria de Zeus. Quem você acha que é o Prometeu da mitologia grega?

– Lúçifer?

– Sim, a grande figura de Lúçifer! O Príncipe da Luz, o grande iluminado. O responsável por todas as conquistas e pelo progresso humano!

– Mas a Igreja nos diz...

– A Igreja diz...

– E dá para confiar no que a Igreja diz? Durante séculos ela vem dizendo a mesma coisa, mas para desviar os olhos dos homens da Terra, fazendo-os olhar para o céu, enquanto fica cada vez mais rica! Olhe para o Papa Alexandre VI: haveria um homem, com o perdão da palavra, mais diabólico do que ele? Ao Papa não era permitido ter filhos. Ele, no entanto, era pai de César Bórgia<sup>2</sup>, cujo segundo nome já revela uma parte de seu caráter. Um homem tão mau, que o próprio Maquiavel escreveu seu livro *O Príncipe*<sup>3</sup>, baseado em sua vida! Olhem para todo o sangue derramado em nome do cristianismo, daria para inundar a Itália inteira! E os cristãos colocam a culpa em Lúçifer! Jesus é o culpado do mal, não o iluminado!

– Mas Jesus pregou o bem! Os homens é que se desviaram do que Ele ensinou! – Paolo não conseguiu se conter.

– Jesus! Quem é Jesus? Um impostor que se achou a si mesmo filho de Deus! Um homem, um simples homem, mais: acima de tudo, um fraco! Sua mensagem era e é contrária à natureza humana! Qual o homem que, agredido daria sua outra face para que o agressor batesse? Ou me diga: é natural viver uma vida de renúncia diante dos fabulosos deleites e prazeres da existência? O cristianismo, senhores, é a opressão; e seus ensinamentos têm causado os

---

<sup>2</sup> César Bórgia (1475-1507) foi, sem dúvida, um dos homens mais perversos e frios que a história já viu. Uma louca mistura de Calígula com a pompa e graça italiana: ou se amava-o ou odiava-o. Imortalizado na obra máxima de Maquiavel, *O Príncipe*, César Bórgia passou a história como um homem de incontestável talento civil, hábil governante, excelente estrategista e de inteligência invejável. Porém, Maquiavel ignorava os seus graves defeitos que quase chegavam a ofuscar suas virtudes. Homem excessivamente ambicioso, invejoso, ciumento e extremamente calculista, foi dominado por seus defeitos a vida inteira. Talvez, se sua frieza e crueldade não o tivessem cegado tanto, ele fosse um dos homens mais admiráveis da história, visto que intelecto, talento e poder suficiente para isto ele possuía.

<sup>3</sup> *O Príncipe*, escrito entre 1513 e 1516, é a obra literária mais conhecida de Nicolau Maquiavel, um escritor, diplomata e pensador político florentino. O texto é a síntese do conhecimento de Maquiavel sobre a arte política dos antigos príncipes e dos estadistas de sua época. Ele não irá, ao contrário de filósofos como Platão e Aristóteles, apontar a forma ideal de governo, mas sim, transcrever e traduzir atos concretizados.



maiores sofrimentos para a humanidade. Destruir o cristianismo deveria ser a meta de todo homem de bem. Sem o cristianismo, o homem já teria chegado à iluminação!

– Como assim, de que iluminação o senhor está falando?

– A iluminação da consciência, senhores, o reconhecimento de que o próprio homem é Deus, o verdadeiro conhecimento luciferiano de que não há Deus nem diabo!

Lucas Scaliari estava perplexo:

– O que o senhor está dizendo?! que Deus e Lúcifer não existem, eu não estou entendendo!

– Não, Capitão, o que eu estou querendo dizer é que não há um Deus cristão criador de todas as coisas, nem tampouco um diabo que seja a raiz de todos os males! Tanto Deus como o próprio Lúcifer outra coisa não são senão a expressão da energia do cosmos que interage com o homem. Não existe um Jesus Cristo salvador porque não existe o pecado. Céu e inferno são criações de mentes poderosas, mas humanas, para submeter os homens levando-os à servidão e à obediência. O conhecimento luciferiano, senhores, não é a adoração, conforme o cristianismo nos fez crer durante séculos a um anjo caído, mas sim a consciência de que o bem e o mal estão em nós mesmos. E que toda a humanidade deve buscar a auto-iluminação. Eis o que diz a filosofia iluminista, que o homem, veja bem, o homem, não Deus, é a medida de todas as coisas!

– Então, se o diabo não existe, como o senhor explica a magia negra?

– A magia negra não é, conforme vocês devem estar pensando, o resultado de feitiçarias feitas aqui na Terra e cuidadosamente elaboradas pelos demônios no fundo do inferno. Ela é apenas uma energia, é amoral como a energia elétrica, e pode ser usada para o bem ou para o mal. E é desenvolvida por homens, com uma sensibilidade especial: os magos.

– Então o conhecimento luciferiano ensina que não há o bem nem o mal porque tudo é manifestação de energia?

– Exatamente! Se os senhores olharem para as religiões do Oriente, ou para as que existiram na Europa antes do cristianismo, como a dos druidas, poderão observar que elas estavam bem próximas do verdadeiro conhecimento luciferiano, em que o homem por meio da autoconsciência pode chegar à iluminação, isto é, à estatura de Deus. Aceitar seus próprios erros e fraquezas, não mais colocando a culpa em um pretense pecado original e

aceitar ser responsável único por si mesmo no paradoxo de nossa existência, nisso consiste a doutrina da igreja luciferiana. O homem não precisa de um redentor, pois não existe pecado. O que existe é a necessidade de criarmos o paraíso na Terra. Por isso esperamos o Iluminado, veja bem, não é o Diabo, muito embora os cristãos pensem assim. A igreja luciferiana aguarda um homem evoluído após muitas reencarnações, que virá transformar o mundo e trazer a todos a paz.

– Uma espécie de Messias?

– Pode dizer assim, se quiser. Esperamos o homem que trará a luz, a paz e a concórdia para todos os habitantes; o governo do iluminado, do homem que receberá a luz do próprio Lúcifer. Ele afastará a ignorância e o preconceito, trazidos por séculos de cristianismo; acabará com a fome e as guerras. Esta é a proposta da sociedade luciferiana. Durante séculos, podemos até mesmo dizer milênios, procuramos despertar nos homens essa consciência luciferiana! Os movimentos como o Renascimento e o próprio Iluminismo estão cheios desse significado.

## Capítulo 20

MELLINA ACORDOU COM OS RAIOS do sol beijando-lhe a face. O quarto era realmente enorme, proporcional ao tamanho da casa – pensou. Olhou pela janela: o dia estava maravilhoso, seus olhos então se perderam na imensidão da planície que circundava a mansão.

Uma batida na porta.

– Quem é?

– Milayd, a senhora descerá para o café ou prefere que eu traga aqui?

Era a criada

– Um momento, eu já vou descer!

A mesa em estilo vitoriano estava a rigor. Ao centro, ladeada por dois serviçais, estava Lady Catherine, que gentilmente convidou-a a sentar-se:

– Estávamos à sua espera, criança – disse sorrindo.

Douglas Braun já estava à mesa e seus olhos se encontraram. Ela sorriu timidamente.

– Espero que seu sono tenha sido agradável – continuou.

– O senhor Douglas me confidenciou que é a primeira vez que você deixa seu país. É, portanto, meu desejo que sua estada na Inglaterra seja a mais agradável possível.

Mellina não hesitou, e como se tivesse sido colocada em uma posição delicada, perguntou:

– O que mais o sargento Douglas confidenciou à senhora a meu respeito? – perguntou enquanto sentia um tênue calor a subir-lhe pelo corpo, enquanto agora finalmente desaparecia-lhe o suave rubor de suas faces.

Surpresa, Lady Catherine correu os olhos em direção à jovem, em seguida fixou-os no sargento. Encontrou-o, porém, em uma adoração silenciosa. Instantaneamente compreendeu tudo. Seu sorriso então abriu-se de forma quase ruidosa, fazendo com que a loirinha se desconcertasse ainda mais, agora completamente enrubescida.

– Minha filha, permita-me que lhe chame assim, pois você tem idade para ser minha neta. Tenho certeza que este rapaz, o senhor Douglas, por mais bravo que seja, pelo que eu ouvi de seu próprio tio, o Reverendo Becker, jamais teria coragem de confidenciar qualquer coisa negativa a seu respeito – e arrematou – dosando seu próprio sorriso que adquiriu um aspecto mais maroto:

– Mesmo porque, pelo que eu vejo, ele não conseguiria encontrar em você nenhum defeito!

O sargento, até então impassível ante as últimas palavras da velha, desconcertou-se e, com a xícara de café junto aos lábios, aspirou-o em vez de beber, esvaindo-se, em seguida, em uma tosse afogada.

Nesse momento Jeffrey apareceu:

– O carro está pronto, Milayd.

Mellina, desviando os olhos de Douglas, fixou-os em Lady Catherine.

– A senhora vai sair?

– Eu não – corrigiu a velha – nós!

O Rolls-Royce foi conduzido por Jeffrey pelas ruas de uma Londres suburbana até chegar diante de um velho prédio em estilo gótico. As gigantescas pedras de arenito, cortadas sem muita regularidade, atestavam ser aquela uma construção que resistira aos rigores dos séculos.

## Capítulo 21

– UMA IGREJA?! – ESPANTOU-SE MELLINA – a senhora nos trouxe a uma igreja?

– Sim, querida, eu vou apresentá-la a um amigo de longa data, o padre anglicano Hamilton Campbell – disse enquanto Jeffrey ajudava-a a descer.

Quando estavam para entrar na igreja, cujas portas de carvalho maciço parcialmente abertas, deixavam transparecer um ambiente que parecia saído dos filmes sobre a Idade Média, um senhor alto e corpulento, com o rosto corado e de olhos extremamente vivazes, surgiu repentinamente por um corredor lateral.

– Padre Campbell! – disse Lady Catherine, refazendo-se do susto.

– O senhor quase me mata de susto ao aparecer tão sorratamente com essa agilidade! Até parece um garoto!

E apertando-lhe a mão:

– É sempre uma alegria encontrar um velho amigo de infância.

– Saiba, Catherine, que a alegria é minha, pois poucas coisas na minha idade são tão gratificantes quanto recordar aqueles momentos tão felizes.

E olhando com ternura para Mellina:

– E esta jovem? O que leva a juventude e a beleza a andar com pessoas como nós, que, de certa forma já pertencemos ao passado?

Mellina sorriu timidamente quando seu olhar se encontrou com os de Lady Catherine, que piscou para ela. O corpulento padre então conduziu-as para dentro da casa paroquial situada nos fundos da imensa igreja de pedra. A casa era de madeira, com um pé-direito não muito elevado, o que dava uma aparência simples e confortável. Ao entrar, Mellina pôde ver centenas de livros dispostos por todos os lados. Como a estante estava repleta não comportando mais volumes, estes eram empilhados sobre um balcão e também sobre a mesa de centro. Os olhos de Mellina fixaram-se em dois volumes que estavam à sua frente: *O Código da Vinci*, do escritor americano Dan Brown; e *A Nuvem sobre o Santuário* de Carl Von Eckrtshausen.

O padre anglicano foi o primeiro a falar:

– Então, Catherine, esta é a moça de quem você me falou pelo telefone nesta manhã?

Mellina surpreendeu-se: “*então ela era o motivo da visita de Lady Catherine ao padre anglicano!*”.

A velha sorriu para Mellina e então lhe explicou:

– Antes que você e Douglas se envolvam ainda mais nisso, que para sua idade possa parecer uma estimulante aventura de caça ao tesouro, eu quero, minha filha, que você tenha a dimensão exata do que está acontecendo e dos perigos que podem estar por vir.

Mellina estava completamente atenta às palavras de Lady Catherine, que então continuou:

– Ontem fiquei fascinada com o que você me disse sobre os reinos de ferro e barro e também sobre a União Européia. É exatamente por isso que nós estamos aqui – seu olhar então voltou-se para o Padre Campbell, que tomou a palavra:

– Mellina – o padre falava com suavidade – Catherine me falou que você é estudante de Teologia.

A jovem assentiu com a cabeça.

– Isto é bom... muito bom – continuou o padre – você demonstrou uma perfeita compreensão da profecia de Daniel sobre os tempos finais da História da Humanidade; e isso vai ajudar muito para que você entenda o que vamos lhe falar agora.

Lady Catherine olhava-a apreensiva, como se quisesse desvendar o que se passava na cabeça da jovem, que permanecia atenta e calada. Hamilton Campbell respirou fundo e então continuou:

– Conforme você já sabe, quando o avô de Catherine, Sir Albert Raidech descobriu o Livro de Ouro de Lagahs, seu assistente, alegando pertencer à seita Filhos de Set, tentou apoderar-se do livro, sendo impedido na ocasião. Agora, o que você não sabe é o poder e a longa mão dessa sociedade secreta ao longo da história, bem como sua influência em nosso mundo na atualidade. O que vamos lhe contar agora é algo extremamente perturbador. Eu gostaria de perguntar se você se acha pronta para ouvir, pois são revelações terríveis e perturbadoras que envolvem os Filhos de Set agindo diretamente ou por trás dos bastidores, nos mais significativos acontecimentos da história da humanidade.

O padre parou, e olhando fixamente para Mellina:

– Você quer que eu continue?

A moça estava tensa, seus olhos corriam de Lady Catherine para Hamilton Campbell. Havia chegado até ali, sentia que não poderia retroceder.

– Padre Campbell, minha decisão foi tomada quando deixei os Estados Unidos com o firme propósito de ajudar a encontrar o Livro de Ouro. Não creio que nenhuma revelação, por mais forte que seja, vá me demover de meu propósito!

Um sorriso de satisfação brotou nos lábios do religioso, que então continuou:

– Pois bem, antes de lhe dizer o que eles são e qual seu verdadeiro propósito, vou lhe mostrar seus tentáculos nos mais diversos campos da atividade humana. Começemos, pois com a literatura:

– Olhe este livro – disse pegando um exemplar de *O Código da Vinci*, do escritor americano Dan Brown – o que você sabe sobre ele?

Mellina olhou o livro surpresa, embora não o houvesse lido, já ouvira muitos comentários a respeito. Seu tio Thomas Becker havia ficado furioso com o conteúdo do livro e, ela ainda lembrava das palavras dele:

*“Este livro é completamente temerário. Como pode alguém escrever tão levemente, tantas mentiras e heresias. Olhe isso, Mellina, nele o autor não só contesta a divindade de Jesus, como ainda forja um suposto casamento com Maria Madalena, e para completar, nega a inspiração divina das Escrituras Sagradas. Isso até poderia passar por delírios de um escritor, se não fosse tão perigoso.*

*– Perigoso por que, tio?*

*Veja bem, minha filha, quantas pessoas você conhece que possuem um conhecimento razoável sobre a inspiração divina das Sagradas Escrituras ou mesmo sobre as verdades históricas que cercam a vida de Cristo?*

*– São poucas. Para dizer a verdade, muito poucas, tio.*

*Aí está o perigo deste livro. Milhões de pessoas que não têm conhecimento das verdades sagradas do cristianismo estão lendo esse livro. É como se uma página em branco fosse maculada com escritos de grande torpeza.”*

Mellina então olhou para o padre anglicano:

– Um livro muito perturbador para a cristandade!

– Perturbador? Este livro, escrito na forma de um romance, lança para milhões de leitores, pouco familiarizados com os dogmas fundamentais da fé cristã a idéia de que Cristo foi um homem comum, que teve um caso com Maria Madalena. Como se não bastasse isso, ele nega a virtude e a sapiência de Deus, negando a inspiração dos santos que elaboraram as Sagradas Escrituras. Olhe, Mellina, como poderiam ser escritos por homens comuns textos como os do profeta Isaías, que cerca de quatrocentos anos antes da invasão da Babilônia pelos persas, previu inclusive, o nome do conquistador – Ciro? Ou a profecia de Zacarias, descrita no capítulo 14:12<sup>4</sup>. Veja, Mellina, durante décadas cientistas zombaram e riram deste texto da Sagrada Escritura, alegando ser impossível que um exército inteiro pudesse apodrecer estando vivo e, ainda de pé, até que surgiram as bombas atômicas de Hiroxima e Nagásaki, calando assim os mais incrédulos ao descobrirem os nefastos efeitos da radiação nuclear. Agora, olhe para o que este autor diz na primeira frase, quando começa seus agradecimentos:

“Agradeço [...] por sua enorme dedicação a este projeto, e por entender verdadeiramente o que este livro significa.” Eu te pergunto o que esse livro verdadeiramente significa?

O padre fez uma pausa para que a jovem assimilasse o que ele acabara de dizer e então continuou:

– Vamos agora para a música – disse, indo até a estante onde pegou a capa de um disco de vinil.

Mellina olhou para a capa. Era do disco “*Sargent Pepper’s Lonely Club Band*”, dos Beatles.

– Conhece quem é este aqui? – perguntou o padre apontando para uma foto na capa.

Não esperando que a moça respondesse, ele continuou:

---

<sup>4</sup> E esta será a praga com que o Senhor ferirá a todos os povos que guerrearão contra Jerusalém: a sua carne apodrecerá, estando eles em pé, e lhes apodrecerão os olhos nas suas órbitas, e a língua lhes apodrecerá na sua boca.

– É Aleister Crowley<sup>5</sup>, o maior ocultista do século XX, o mesmo Crowley que, segundo Richard Cavendish<sup>6</sup> em seu livro *History of Magic*, para alcançar o nível de mago, em uma cerimônia mágica, crucificou um sapo, batizando-o com o nome de Jesus de Nazaré. Olhemos agora para as ciências – continuou o padre.

– Segundo Elizabeth van Burem, em seu livro *Secret of Illuminati*, Pitágoras, o famoso matemático grego, foi buscar na geometria os conhecimentos de uma sociedade secreta egípcia. E as pirâmides do Egito até hoje permanecem um mistério. A forma como os arquitetos egípcios puderam elevar por mais de cento e quarenta metros de altura pedras de mais de duas toneladas e meia.

## Capítulo 22

MELLINA ESTAVA PERPLEXA com aquela enxurrada de informações. Sua mente ainda estava tentando compreender a ligação de tudo aquilo com os Filhos de Set.

O padre então, como se adivinhando a confusão na mente da moça, disse:

– Eu sei que parece confuso, e você deve estar se perguntando: o que tudo isso tem a ver com os Filhos de Set? E eu começo a esclarecer, e para isso faço uma pergunta: você sabe o que é Set?

---

<sup>5</sup> Aleister Crowley (1875-1947) nasceu em Warwickshire, Inglaterra, no mesmo ano em que Madame Blavatsky fundou a Sociedade Teosófica. Ambos usaram a si mesmos como canais de comunicação pela inteligência de um plano superior. Crowley nasceu em uma atmosfera familiar muito religiosa. Isto o impulsionou a ser rebelde, passando sua juventude viajando, obtendo conhecimento e escrevendo seus livros esotéricos.

<sup>6</sup> Richard Cavendish, estudioso inglês de história medieval, pré-história e ocultismo, escreveu livros sobre a Inglaterra medieval, pré-história, tarot, história da magia, lendas britânicas, entre outros estudos. Intelectual respeitado, apaixonado por temas controversos, reuniu uma equipe de alto nível para produzir uma enciclopédia que abordasse estes temas “sobrenaturais”, cuja comprovação científica é polêmica ou inexistente e cuja veracidade se sustenta na tradição milenar e em fatores “extra-academias”; mistérios do conhecimento que, se não encontram acolhida na ciência tradicional, estão arraigados em culturas ancestrais e disseminados pelo Ocidente.



Sem mesmo esperar resposta, ele prosseguiu:

– Set, dentro do panteão dos deuses do Egito, era o deus do mal. Se formos transportá-lo para o cristianismo ele corresponde a Lúcifer, Satanás ou ao diabo. Pois bem, você, como estudante de Teologia, conhece a história de Satanás. Quando de sua criação, era Lúcifer, cujo nome traduzido é “portador de luz”, o mais belo e magnífico ser da criação, o regente absoluto do coro celestial. Porém, este ser fulgurante encheu-se de orgulho – lembre-se do filme “*O advogado do Diabo*”, em que Al Pacino o interpreta, e diz em um dado momento: “*O meu pecado predileto é a vaidade...*”. Tomado, então, pela vaidade, olhou ao redor e viu que todas as demais criaturas lhe eram inferiores. Porém, uma coisa o perturbou: Deus, o Criador, que em seu trono reinava sobre o Universo. Brotou em seu coração um desejo de ser como Deus, de ser adorado e de reinar em seu lugar. Mas como fazer isso? Como fazer com que anjos e demais criaturas o adorassem no lugar de Deus? Lúcifer, dotado de uma inteligência além da compreensão humana, sabia que não poderia questionar o poder de Deus. Se o fizesse, seria imediatamente destruído.

Então, usando de sua grande inteligência, questionou a autoridade divina para reger o Universo, sob o argumento de que anjos e criaturas poderiam governar-se a si mesmos de forma independente de Deus. Suscitada a dúvida, levantou-se então uma questão moral. Deus não poderia destruí-lo imediatamente, pois, na mente de todos os demais seres da criação permaneceria a dúvida por toda a eternidade. Era uma questão que só o tempo poderia responder. Deus então se calou diante de tamanho ultraje. A dúvida fora lançada sobre sua divina regência. Vendo, pois que Deus se mantinha em silêncio, Lúcifer e os demais anjos rebelados com ele tentaram se apoderar do reino celeste, sendo porém, vencidos pelo Arcanjo Miguel, cujo nome significa *quem é como Deus*, que, colocando-se ao lado do Criador, comandou as legiões que se mantiveram fiéis. Houve uma guerra no céu e Lúcifer e seus anjos foram expulsos e lançados na Terra, conforme pode ser visto no livro do Apocalipse 12:7-9<sup>7</sup>. Estando, pois, na Terra, Lúcifer, usando de astúcia induziu o homem a participar de sua rebelião, despertando nele o

---

<sup>7</sup> E houve batalha no céu; Miguel e os seus anjos batalhavam contra o dragão, e batalhavam o dragão e os seus anjos; <sup>8</sup> Mas não prevaleceram, nem mais o seu lugar se achou nos céus. <sup>9</sup> E foi precipitado o grande dragão, a antiga serpente, chamada o Diabo, e Satanás, que engana todo o mundo; ele foi precipitado na Terra, e os seus anjos foram lançados com ele.

desejo de ser independente de Deus. O homem, após praticar o ato de rebeldia, arrependeu-se, fazendo com que Deus ali mesmo, promettesse, no futuro, o remédio para o erro ali cometido.

– Jesus Cristo, o Cordeiro de Deus, que tira os pecados do mundo – exclamou Mellina, com satisfação, e então recitou João 3:17-18<sup>8</sup>.

– Exatamente, Mellina – disse o Padre Campbell, demonstrando alegria – você tocou num ponto nevrálgico.

– Compreende agora o grande perigo para os leitores de *O Código da Vinci*, assim como também para todos os adeptos de filosofias ou religiões que vêem Jesus apenas como mais um “iluminado” e não como o filho de Deus?

– Sim, respondeu a moça, com pesar. Não crendo na divindade de Cristo, automaticamente estarão excluídos da salvação propiciada por seu sacrifício na cruz.

– Pois bem – continuou Hamilton Campbell – Lúcifer ou Satanás, como você preferir, uma vez exilado aqui na Terra, após convencer o homem a desobedecer ao Criador, automaticamente tornou-se o guia da humanidade, colocando nos corações dos homens o desejo de serem independentes do próprio Deus. Isso à primeira vista parece bastante difícil para uma criatura, mas lembre-se que ele era a obra-prima das criaturas de Deus, e o regente do coro celeste, e com ele está a terça parte dos anjos do céu. Devemos lembrar que Lúcifer ainda detém como parte de sua própria natureza os belíssimos dons concedidos pelo Criador. Até mesmo a música, a propósito, me vem à mente um trecho da música de John Lennon: *Imagine*: “*Imagine que não haja paraíso... Nem inferno abaixo de nós...*”.

– Meu Deus! – exclamou Mellina, aterrorizada. Essa música é conhecida como o hino internacional da paz!

– Vejo que você está compreendendo agora a extensão do mal, da paz... É verdade, mas da paz sem Deus, que os homens querem conquistar por meio de seu próprio esforço, engenho e inteligência. Veja aí a velhíssima idéia de que os seres devem se governar por si mesmos sem Deus. De certa

---

<sup>8</sup> 17 Porque Deus enviou o seu Filho ao mundo, não para que condenasse o mundo, mas para que o mundo fosse salvo por Ele. 18 Quem crê nEle não é condenado; mas quem não crê já está condenado, porquanto não crê no nome do unigênito Filho de Deus.

forma poderia ser o hino de Lúcifer e da terça parte dos anjos que se rebelaram. Agora não se esqueça, Mellina, que este não era o propósito original de Lúcifer. O seu objetivo era e é ser adorado no lugar de Deus. Veja isso na passagem bíblica de Mateus 4:8-9<sup>9</sup>, em que Lúcifer tentou o próprio Jesus.

– O que aconteceria se um grupo de homens bem posicionados aceitasse essa oferta?

– Os Filhos de Set! – exclamou Mellina.

– Sim, Jesus negou a oferta de Lúcifer. Ele sabia que um dia tudo seria dele, mas pelo caminho da cruz. Agora alguns homens aceitaram e tornaram-se os Filhos de Set.

A moça estava completamente perplexa com a narrativa contada pelo padre anglicano.

– Isso é terrível!

– Veja, Mellina – continuou Campbell – você poderia perguntar como alguém aceitaria a oferta de Lúcifer, pois o preço a pagar é altíssimo. Mas olhe ao seu redor. O que vemos, a não ser homens sequiosos na busca da fama do poder e do dinheiro? Veja quão fácil deve ter sido para essa terrível criatura, que conseguiu seduzir até mesmo os anjos que estavam diante de Deus, a conquistar a adoração e o serviço de simples mortais, obcecados por seus tesouros ocultos. Em troca de seus serviços nesse milenar propósito, Lúcifer concedeu-lhes poder, riquezas e conhecimento.

– Isso então explica a razão porque Pitágoras aprendeu os fabulosos segredos da geometria em uma seita secreta no Egito, e também o mistério da construção das pirâmides!

– Exatamente! Agora isso não é tudo. Olhe para o nosso mundo e veja o sucesso estrondoso de dezenas de grupos de *rock*, alguns deles até mesmo não ocultando a origem de sua inspiração. Ou, olhe para a literatura, hoje tomada por gnomos, bruxos, feiticeiros e duendes. Com escritores que se dizem iniciados e que vendem milhões. Qual a razão disso tudo? De onde vem tamanho sucesso?

O padre fez uma pausa como que se estivesse perguntado a si mesmo, se deveria continuar.

---

<sup>9</sup> 8 Novamente o transportou o diabo a um monte muito alto; e mostrou-lhe todos os reinos do mundo, e a glória deles. 9 E disse-lhe: Tudo isto te darei se, prostrado, me adorares.

– ... E veja também a globalização...

Mellina estava medindo cada uma daquelas palavras. As revelações do Padre Campbell faziam com que a realidade se descortinasse perante seus olhos, até que ela ouviu aquela última palavra.

– O que foi que o senhor disse?, globalização?

Campbell continuava olhando-a, agora como um professor que examina uma brilhante aluna, como se procurasse a melhor maneira de explicar-lhe a lição. Então prosseguiu:

– O que você disse a Catherine sobre a União Européia quando chegou a Londres? Você não falou sobre a profecia de Daniel?

A jovem então lembrou-se de suas palavras no trajeto do aeroporto até a mansão.

– Sim, mas a profecia de Daniel se refere à unificação das nações para permitir o aparecimento do Anticristo. E a globalização é um fenômeno econômico!

Campbell agora estava sorrindo:

– Minha filha, com as conquistas da ciência e da tecnologia o mundo se modifica a cada momento. Apenas o velho querubim e os homens continuam com as mesmas paixões de glória e poder que nos acompanham desde o início dos tempos. Veja, antes uma nação dominava outra, ou mesmo o mundo em sua época, com a força e o valor de um grande exército. A Babilônia ou os impérios persa e romano, ou mesmo a França, de Napoleão Bonaparte, tinham no poderio de seus exércitos o controle dos povos em suas épocas. Mas, como eu disse, o mundo se modifica, os homens, não. A modernidade trouxe uma forma muito mais efetiva de dominação: o império do dinheiro. A moeda é a mais poderosa forma de subjugar quer seja uma pessoa ou mesmo um país. E o que é a globalização, senão a queda de todas as fronteiras e a perda da soberania das nações diante do poderio do fluxo monetário internacional e das grandes corporações mundiais, cujo capital supera até mesmo o PIB de muitos países? Veja, minha jovem – continuou o padre – quem você acha que controla o dinheiro no mundo de hoje? Eu lhe digo, são os mesmos que aceitaram a oferta que o próprio Cristo não aceitou!

Mellina estava perplexa, não tinha o que responder.

– Veja, minha jovem, o mundo todo caminha para tornar-se uma aldeia global, os costumes dos povos cada vez mais são diluídos e sufocados por uma cultura de massa, os jovens praticamente falam a mesma língua, pensam

e agem do mesmo modo, quer seja na Europa ou no Japão. Eu lhe pergunto: como e por que isso está acontecendo?

– O senhor está querendo dizer que tudo isso é obra dos Filhos de Set?

– Sim, o mundo todo caminha na mesma direção. Primeiro serão os blocos regionais, a União Européia, depois... depois o governo mundial. Todos controlados pelo antiquíssimo senhor, o grande conspirador, a grande estrela, a grande serpente: Lúcifer!

Mellina sentia-se como o personagem Neo, do filme Matrix, quando descobrira que o mundo em que até então vivera não era real:

– Mas como? ...como isso foi feito?

– Olhe para a história, Mellina, olhe para a história e você verá uma antiqüíssima conspiração: silenciosa, oculta e extremamente eficiente! Século após século, orquestrada por essa inteligência sobrenatural, que seduziu e enganou milhões na busca de seu único propósito – a adoração por todas as criaturas! E o seu instrumento desse propósito, o estabelecimento do reino universal! Veja que na antiguidade o reino de Lúcifer estava para ser estabelecido na Terra, porém, com o dilúvio universal, seus planos foram literalmente por água abaixo. Tal a maldade e a perversão dos costumes dos homens daquela época. O poderoso querubim, porém, não desanimou, e com a descoberta do Livro de Ouro de Lagahs, por Ninrode...

– ...Ele novamente passou a ser invocado!

– Isso! Ao refugiar-se no Egito, logo após ser perseguido em sua terra de origem, Ninrode começou a invocar esse Príncipe das Trevas. Com os conhecimentos mágicos, adquiridos pela adoração a Lúcifer, Ninrode e seus descendentes tornaram-se poderosos, criando assim a sociedade secreta dos Filhos de Set, cujo objetivo secreto era o de criar as condições para que toda a humanidade adorasse o poderoso querubim.

## Capítulo 23

NA BÍBLIA EXISTE UM EPISÓDIO muito interessante que relata o poderio dos descendentes de Ninrode. Quando Moisés, o homem escolhido por Deus para tirar o povo de Israel do Egito, se apresentou ao faraó, os magos Janes

e Jambres fizeram algumas das mesmas maravilhas feitas por Deus por intermédio de Moisés. Veja, porém, que a sua magia não foi suficiente para manter aprisionado o povo judeu, e Lúcifer que já tentava, na época, estabelecer seu reino escravizando o maior número possível de vidas, foi obrigado a mudar de tática: alguns sábios de Israel foram então seduzidos pelos Filhos de Set, ou seja, os descendentes de Ninrode, para ingressarem na sociedade secreta. Estes judeus, agora iniciados nos conhecimentos secretos, criaram a Cabala Judaica fazendo com que o povo judeu, já na partida do Egito, se rebelasse contra Moisés!

– Isso explica então o bezerro de ouro!

– Exatamente! Neste episódio bíblico consta que os israelitas construíram e passaram a adorar um bezerro de ouro, enquanto Moisés estava no monte Sinai recebendo de Deus as tábuas da lei.

– Padre Campbell, – Mellina agora estava radiante – existe uma passagem bíblica que sempre me pareceu bastante nebulosa, porém, agora, com suas ressalvas, instantaneamente tornaram-se bem claras: é o episódio em que Jesus, na passagem de Mateus, chama os fariseus de filhos do diabo. O Salvador sempre se mostrou bondoso e amável para com todos os pecadores, porém com os fariseus se mostrou implacável.

Campbell sorriu orgulhoso, com a percepção de sua jovem pupila:

– Vejo que você está compreendendo. Sendo o filho de Deus, Jesus sabia que os fariseus não eram pecadores comuns, mas sim, descendentes daqueles judeus que haviam sido incorporados aos Filhos de Set, ou seja os fariseus foram reconhecidos por Jesus como filhos do próprio Lúcifer. Aí está a razão porque condenou-os publicamente!

– Sim, e por isso acabou morto por eles! – exclamou a jovem.

– Se você olhar nos livros que existem sobre sociedades secretas, ou mesmo em sites na Internet, relacionados ao assunto, verá que todas essas organizações ocultas possuem juramentos de sangue, ou seja, promessas de que os seguidores não irão revelar seus segredos sob pena de perderem a própria vida. Ao verem que Jesus estava realizando tantas maravilhas e prodígios, os fariseus pensaram que o Messias fosse adepto de uma sociedade secreta, e que por realizar milagres aos olhos de homens comuns, estivesse traindo esse juramento de sangue.

– Então sentenciaram-no à morte pela aparente quebra do juramento!

– Exatamente!

– Isso quer dizer que os fariseus detinham conhecimentos para a realização de prodígios como Jesus?

– Bem, isso nunca foi demonstrado. Mas se olharmos para as Escrituras Sagradas, veremos que eles acompanhavam de perto os milagres de Jesus, com um sentimento de reprovação e até mesmo de ódio. É bem possível que, assim como os magos do Egito, que resistiram a Moisés na saída do povo judeu do Egito, os fariseus, por meio da magia secreta aprendida com os magos egípcios, pudessem fazer algumas das maravilhas operadas pelo próprio Cristo. Contudo, em razão do caráter secreto e ocultista, esse conhecimento misterioso, aprendido com o próprio Lúcifer, foi mantido somente entre eles.

– Eis a razão então de seu ódio. O conhecimento de Cristo, que eles achavam que tivesse a mesma origem que o deles próprios, no seu entendimento não deveria ser demonstrado ou mesmo aplicado em favor do povo!

Mellina estava tentando compreender a magnitude de tudo aquilo que Campbell estava lhe revelando:

– Padre Campbell, essas informações são realmente surpreendentes, mas como o senhor teve acesso a elas?

A face de Campbell foi então tomada pela tristeza.

– Minha jovem, você tem se mostrado comprometida e com muita coragem ao aceitar a causa que Catherine lhe confiou. Embora seja doloroso para mim, você tem o direito de saber tudo o que aconteceu. Ao olhar para mim você vê um velho cansado e abatido pelo tempo, mas eu já fui jovem. Rebelde e aventureiro em busca de emoções, um dia encontrei-me com uma jovem linda e encantadora que, como eu, amava a vida e estava sempre disposta a embarcar em uma nova aventura pelo simples prazer da descoberta: Mary Stuart. O que havia começado como algo passageiro foi tomando ares de seriedade, e a cada dia nos apaixonávamos mais. Vida e energia era o que mais me encantava nela. Pertencente à aristocracia inglesa, um dia Mary Stuart, para minha tristeza, foi convidada por pessoas pertencentes ao círculo de relações de sua família, para ingressar em uma sociedade secreta chamada Astrum Argentum, ou, como era conhecida nos meios ocultistas, a Ordem da Estrela de Prata, fundada por Aleister Crowley. Movida pela curiosidade, Mary Stuart aceitou. Aquilo lhe parecia algo novo e excitante: ritos de iniciação, juramentos de sangue e manifestações extra-sensoriais. Segundo o que ela me revelou, eles se reuniam em uma antiga mansão nos arredos-

res de Londres, onde, em uma sala completamente negra, faziam evocações a algumas entidades espirituais que chamavam de entes da Grande Fraternidade Branca. Esses mestres secretos falavam por intermédio de uma sacerdotisa em transe. Em uma dessas reuniões, uma dessas entidades da Grande Fraternidade Branca anunciou que aproximava-se o fim da Era Cristã, e que em breve eles estariam apresentando ao mundo o Iluminado. O homem iniciado em todos os antigos mistérios das artes ocultas. Todas as sociedades secretas ao redor do mundo receberiam orientações de como proceder para preparar o caminho do Filho da Luz, que iria revelar ao mundo todos os antigos arcanos.

– Ela presenciou esses fatos?

– Sim, Mary Stuart, apesar de meus apelos para que se afastasse dessa ordem, continuou a freqüentá-la e a me fazer revelações. Um dia ela me contou que certa noite ao chegar lá fora barrada por um dos assistentes de Crowley sob o argumento de que aquela seria uma reunião apenas para os mestres da ordem. Movida pela curiosidade, Mary fingiu ter ido embora, mas, contornando a mansão, entrou no recinto por uma janela deixada aberta escondendo-se atrás de uma cortina. Ela viu o que a deixou perplexa: humildemente deitado dentro de um círculo formado por velas negras e com o corpo formando um pentagrama, estava o grande e soberbo Aleister Crowley. Crowley prestava juramento a um homem de capuz e máscara escarlate, a quem o grande mago chamava de Grande Mestre do Oriente, Filho de Set. Nesse juramento ele prometia todo o empenho no uso de seu conhecimento oculto para a causa dos Filhos de Set.

– E o que aconteceu com Mary Stuart?

– Eu insisti para que ela deixasse a ordem em razão de, num certo dia, termos a impressão de que estávamos sendo seguidos. Ela não concordou e, por causa disso afastou-se de mim. Dessa forma perdi o contato, até que um dia fui abalado com a notícia de que ela fora encontrada morta em uma das praças de Londres. Segundo revelou a autópsia, a causa da morte foi uma overdose de heroína, mas eu sei que Mary Stuart jamais faria aquilo consigo mesma, pois amava a vida e nunca teve qualquer envolvimento com drogas. Eu tenho certeza de que ela havia sido morta por ter desvendado algum segredo vital daquela sociedade secreta. Isso me revoltou e eu jurei que não descansaria até desmascará-los, tenho dedicado minha vida a descobrir seus mistérios e segredos. Durante quarenta anos tenho investigado pacientemente



te seus sinais e sua influência em todos os campos da vida humana, ocultos às pessoas comuns. Eles tramam de forma oculta até o dia em que já não haja meios de a própria sociedade resistir a seus propósitos.

## Capítulo 24

À TARDE, LOGO APÓS O ALMOÇO, Lady Catherine retirou-se para procurar o diário de Albert Raidech. Mellina estava na sala refletindo sobre as palavras que o Padre Campbell lhe dissera pela manhã quando Jeffrey, por sugestão de Lady Catherine, apareceu e convidou-a juntamente com Douglas Braun para darem um passeio pelos arredores da magnífica mansão. Após mostrar-lhes os magníficos jardins, levou-os ao estábulo onde permitiu-lhes um passeio:

Douglas havia escolhido um cavalo menos vistoso, deixando para Mellina o majestoso corcel negro. Agora, após terem circundado o belíssimo lago prateado, se dirigiam a galope rumo ao topo de uma colina verdejante. Os cabelos dourados de Mellina, que cavalgava uns três metros à frente, esvoaçavam de maneira selvagem sob o efeito do mesmo vento que se opunha a seu corpo, acariciando-o por inteiro. Ao contemplá-la radiante, Douglas segurou com um pouco mais de força as rédeas; o corcel, que até então deslizava vigoroso pela campina, traduziu de forma errônea o seu gesto. Subitamente, relinchando, postou-se com as duas patas no ar.

Surpresa, Mellina olhou para trás, e em sua face brotou uma pequena satisfação ante a aparente dificuldade do companheiro:

– Problemas com o cavalo, sargento! – e alfinetou:

– Pensei que o seu fosse o mais dócil.

Douglas Braun foi tomado de espanto ante aquela repentina revelação. O anjo mostrara as garras, e em seu sorriso o provocava. Este aspecto novo ou, pelo menos até então oculto, seduziu-o levando-o a uma adoração silenciosa e muda. Então, inconscientemente, seu corpo respondeu automaticamente puxando com mais força as rédeas apertando com os pés as partes próximas à virilha. O animal respondeu de pronto ficando com as patas no ar.

– Não se trata de um problema – disse o sargento – eu estou apenas mostrando quem está no comando aqui!

– Homens! – exclamou Mellina – mostrando a face levemente contrafeita – e continuou:

– Vocês têm sempre a necessidade de mostrar força e autoridade, acho isso desnecessário. Veja, sargento, o meu cavalo eu o trato com carinho, e ele – disse sorrindo – me conduz para onde eu quiser.

– Isso é verdade, Mellina – retrucou Douglas com uma certa ironia controlada – mas só enquanto a vontade dele condizer com a sua. Se você sempre o trata com carinho e despreza a força, quando a vontade dele divergir da sua, não me pergunte qual delas prevalecerá.

Dizendo isso, fez com que seu cavalo acelerasse o galope, chegando primeiro à colina e lá, novamente, ficasse na posição rampante. Vitorioso, olhou para aquela criatura linda que agora, ligeiramente contrafeita, chegava ao topo. O sargento desceu do cavalo, enquanto contemplava o vale lá embaixo. Mellina fez o mesmo, pondo-se em silêncio ao lado dele.

– Tudo isto é maravilhoso, não? – disse Mellina.

– É simplesmente divino – pronunciou o sargento, com palavras quase inaudíveis.

O sol descia vagarosamente no horizonte fazendo com que o lago de prata, distante, beijasse o astro do céu, já agora vermelho, sinalizando os últimos momentos de seu glorioso reinado.

Os cavalos, agora, dava a impressão que tinham asas ao percorrerem o caminho de volta: voavam ao redor do lago, iluminados pelos últimos resquícios do sol que, majestoso, agora morria lentamente para dar lugar às estrelas.

## Capítulo 25

– ONDE VOCÊS ESTAVAM? – inquiriu a velha senhora esboçando um maroto sorriso. Achei o diário de meu avô – disse enquanto abria-o cuidadosamente sobre a mesa.

O diário era um pequeno volume com as folhas amareladas pelo tempo, cuja capa feita de couro mostrava o efeito natural dos anos. Tomada pela emoção ao ver o livro, Mellina disse:

– É simplesmente maravilhoso a senhora ter descoberto o diário.

As sobranceiras da velha ergueram-se ante tão grande manifestação de entusiasmo. A experiência dos anos fez então que seus olhos procurassem os de Douglas, um brilho suave iluminava os olhos do outrora austero jovem.

– Nada como cavalgar pelas campinas ao pôr-do-sol para a natureza poder cumprir o seu propósito – murmurou a velha.

– O que foi que a senhora disse?

– Nada, minha filha – disse sorrindo – eu estou contente com o seu entusiasmo e interesse em desvendar o enigma.

Mellina declinou-se sobre o diário examinando-o; era como se tivesse retornado ao passado, espreitando-o por uma fresta o que fora a vida de uma outra pessoa. Era o diário de um cientista, não o de uma adolescente, repleto de citações e frases amorosas. Mas para a sensibilidade da jovem, aquelas páginas amareladas e gastas revelavam o que também fora uma vida; em uma outra dimensão, diferente da sua, repleta de tentativas e descobertas, túmulos e tesouros esquecidos pelo tempo. Havia ali um elemento atemporal, encontrado onde quer que houvesse um homem comprometido com a busca de algo: havia paixão.

A jovem encontrou em uma das páginas uma narrativa que destoava das demais:

***Luxor, 14 de maio de 1926***

*Estamos há dias escavando sob as colunas do templo em Karnac. Ainda não encontramos nenhum indício de que aqui seja efetivamente o local da entrada secreta para o túmulo de Amenófis IV. Um surto de tifo está assolando o Egito. Dei ordens ao meu assistente Max Fuchon, para que ele retorne a Londres, levando consigo o pequeno Abdul, filho de Tarik, um dos auxiliares da expedição; os médicos do Cairo haviam dito ao pai que o menino não teria chances de sobreviver, recomendei-o então aos cuidados do Dr. Alton, no Hospital Geral de Londres.*

– Lady Catherine, olhe isso aqui! – disse Mellina excitada.

– Minha jovem – a velha senhora tinha se aproximado e agora estava também ao lado de Mellina – é isto, esta criança é a chave para encontrarmos o Livro de Lagahs.

– Mas Lady Catherine, como vamos encontrá-lo, isso foi em 1926, não sabemos mesmo se ele está vivo!

– Vamos descobrir, Mellina, vamos descobrir.

## Capítulo 26

O HOSPITAL GERAL DE LONDRES ficava na região central da cidade. Sofrera uma perda significativa de sua estrutura em 1943 em razão de um bombardeio ocorrido na cidade, perpetrado pelos nazistas, mas agora estava ampliado e reformado.

O Rolls-Royce parou em frente à entrada principal do hospital. Tendo sua cadeira empurrada por Jeffrey, Lady Catherine e Mellina entraram e foram diretamente em direção à recepção. Olhando para a velha que vinha em sua direção, uma prestativa atendente já havia destacado um formulário de internação:

– Boa-tarde, disse – qual o seu nome para internação? A senhora tem plano de saúde?

Lady Catherine compreendeu o óbvio e sorriu para ela.

– Minha filha, eu não pretendo ficar por aqui, não pelo menos tão cedo.

A moça compreendeu o equívoco:

– Me desculpe, é que eu pensei...

– Tudo bem, é perfeitamente compreensível – disse a velha – na verdade eu busco apenas uma informação.

A moça sorriu timidamente.

– Se eu puder ajudar...

– Acredito que pode, afinal este é um hospital inglês. Eu gostaria de saber o endereço de um paciente...

– Desculpe, minha senhora – disse a enfermeira contrafeita e meio envergonhada por não atender ao pedido daquela simpática senhora – mas é norma do hospital não revelar o endereço de nossos pacientes a estranhos.

- Um paciente que foi atendido aqui em 1926.
- A senhora disse 1926?
- Sim, trata-se de um amigo de meu avô, que pretendo encontrar.
- Quer encontrar vivo um amigo de seu avô? – a recepcionista deixou escapar seu pensamento em voz alta.
- Perfeitamente – respondeu Lady Catherine, com um sorriso amarelo, envergonhada pelo aparente absurdo.
- Bem, terá que falar com o diretor do hospital.

## Capítulo 27

QUANDO O DR. BENJAMIM HANTOM, diretor do hospital geral de Londres, abriu a porta, seu rosto era só sorrisos. Informado pela recepcionista de uma senhora idosa que insistia em localizar um paciente antigo, o Dr. Benjamim perguntou-lhe o nome. Quando a moça informou-lhe que era Raidech, o agora prestativo médico identificou logo que se tratava de uma das maiores fontes de donativos e contribuições ao hospital.

– Lady Catherine, é um imenso prazer receber sua visita – disse enquanto lhe estendia a mão.

– Doutor Benjamim, eu estou aqui para pedir-lhe um pequeno favor.

Sabendo de antemão a insignificância do pedido e o valor das contribuições, o médico prontamente respondeu:

– Lady Catherine, seu pedido para mim é uma ordem – disse sorrindo.

– Em que posso lhe ajudar?

– Bem, eu estava consultando o diário de meu avô e fiquei sabendo que no ano de 1926, uma criança árabe foi acometida de tifo no Egito e foi trazida aqui para ser hospitalizada. Eu gostaria de localizá-la, mas para isso tenho que começar por seu endereço.

– Precisamente – disse o prestativo médico, pegando o telefone e discando para o setor de arquivos. Tapando o fone com a mão, perguntou:

– Qual o nome da pessoa?

– Abdul Al Ramim.

O médico repetiu o nome ao telefone e acrescentou o ano de 1926:

- Você tem quinze minutos.
- E olhando para Lady Catherine:
- A senhora aceita um cafezinho?

## Capítulo 28

SORVENDO O CAFÉ DA MANHÃ, Douglas Braun olhou mais uma vez para a cópia da ficha de internação na qual constava o nome de Abdul Al Ramim. O endereço informado indicando a cidade do Cairo era legível, mas a ficha tinha mais de oitenta anos!

– Como foi que a senhora conseguiu? – perguntou curioso o sargento.

– Digamos, senhor Douglas, que os Raidech são anualmente lembrados pela direção do hospital.

– Faz quase oitenta anos – observou Mellina. – Primeiro teremos que torcer para que ele ainda esteja vivo, e depois, para que o endereço ainda seja o mesmo!

– Isso é o que nos vamos ver, meus filhos, isso é o que vamos ver...

– Como? – perguntou Mellina.

Um sorriso maroto brotou nos lábios de Lady Catherine, que então abriu sua bolsa.

– Preparem-se, crianças, amanhã nós vamos para o Egito! – disse mostrando as quatro passagens aéreas reservadas na primeira classe.

## Capítulo 29

VOLTANDO OS OLHOS PARA O CÉU, pela janela do 747, Mellina Becker contemplou o que parecia um imenso tapete negro cravejado de diamantes.

– As noites no Egito são dignas dos contos de Sherazad – disse Lady Catherine, ao ver o encantamento da jovem com o céu tomado de estrelas.

– Eu nunca tinha visto uma noite tão luminosa – disse Mellina voltando-se para a velha. – Até parece que aqui, no Egito, os astros estão mais próximos da Terra.

– Eu também tenho essa impressão, Mellina. Aliás, é em razão dessa aparente aproximação entre as estrelas e a Terra, que a astrologia teve um papel relevante entre os povos antigos. Foi nessa região que o estudo dos astros se desenvolveu grandemente, tanto no Egito antigo como na Babilônia. Os astrólogos, que na época confundiam-se com os próprios sacerdotes, desenvolveram estudos e mecanismos para tentar desvendar os mistérios ligados ao futuro, não só de pessoas, como também de nações. Hoje em dia, em quase todos os jornais do mundo há um cantinho reservado a essa prática milenar. Mocinhas ingênuas, que diariamente consultam seus horóscopos, não se dão conta de que estão se rendendo a uma adoração moderna a deuses muito antigos.

– Como assim, Lady Catherine? A astrologia é uma adoração moderna de deuses antigos?

– Sim, é isso mesmo, minha filha! A astrologia era uma das formas mais comuns na antiguidade de as pessoas consultarem o seu destino, ou melhor, a vontade dos deuses. Se formos ver na história, uma grande parcela dos deuses daqueles povos antigos, independentemente de suas épocas históricas, tinha as mesmas características de atributos e poderes. Basicamente o mesmo deus era adorado em diversas nações, trocando-se apenas o nome. Um exemplo clássico disso são os deuses gregos e romanos: o Zeus, dos gregos era o Júpiter dos romanos; o Hermes dos gregos, era o Mercúrio dos romanos. Pois bem. Eu lhe pergunto: qual é o nome de cada um dos planetas, usado como referência na astrologia?

– Mercúrio, Vênus, Júpiter... – a jovem estava impressionada.

– Aí está – concluiu Lady Catherine. – Quando alguém diz que é do signo de virgem com ascendência em Júpiter, está confessando, sem se dar conta, que é do signo de virgem, sofrendo influência do deus pagão Júpiter. Ou seja, quando as mocinhas ingênuas e ansiosas de sua idade consultam seus horóscopos, sem o saber estão prestando culto a um deus da antiguidade, reconhecendo sua influência sobre seu futuro e sua vida.

Mellina estava pensando nas palavras da velha senhora quando olhou para a janela

– Lady Catherine, olhe!

A Terra, que até então estivera em completa escuridão, agora como se fosse um espelho a refletir o brilho do céu, apresentava milhares de pontos luminosos que se estendiam por toda a parte.

– É a cidade do Cairo, minha filha – disse ao se aproximar da janela – estamos chegando a nosso destino.

Com o avião se aproximando do aeroporto, via-se o Nilo serpenteando em meio à cidade. Em razão de imensos refletores em diversas tonalidades, tinha-se a imagem de uma fabulosa cobra coral multicolorida.

## Capítulo 30

AO DEIXAR AS LUXUOSAS INSTALAÇÕES do Hilton Hotel, acompanhadas por Jeffrey e Douglas Braun, Mellina e Lady Catherine entraram no Lincoln Continental alugado e, munidos então de um mapa para turistas, mergulharam em meio às buzinas do caótico trânsito do Cairo. Distanciando-se um pouco da zona central, diante de seus olhos descortinou-se um outro mundo: ruas estreitas, as mesmas em que em séculos não tão distantes, haviam passado califas e cruzados, ricos mercadores e belíssimas escravas núbias, que eram vendidas pelo seu peso em ouro. Agora estavam tomadas por gigantescos bazares ao ar livre, onde se vendia de tudo, desde réplicas em miniatura do sarcófago de Tutancâmon, camafeus de marfim, até porções de carneiro que, assados ali mesmo, tinham suas carcaças jogadas em qualquer canto e encontravam-se recobertas de moscas. Os sentidos eram ainda aguçados pela visão dos trajés multicoloridos que iam do verde ao rosa, em uma miscelânea policromática, porém, todos recobertos por uma fina camada de pó que se levantava em razão da multidão de pés descalços e sandálias encardidas indo e vindo em torrentes confusas e desordenadas. Como se não bastasse isso, uma confusão de vozes misturava-se ao embalo estridente da música árabe, oriunda de dezenas de barracas, onde beduínos barbudos e sorridentes tinham às mãos os CDs que vendiam aos turistas. A tudo isso somava-se o odor agressivo de suas roupas pesadas que, misturado ao forte cheiro do café árabe, despertava nos mais novos visitantes, sob o escaldante calor do Egito, as sensações de um vigoroso exotismo.



O Lincoln dava a impressão de que a qualquer momento ia se apagar. Parecia até que o velho coxo e de roupas encardidas que caminhava a seu lado, deslocava-se com maior velocidade, tal a multidão de velhos e crianças que se projetava sobre o carro na tentativa de vender alguma bugiganga.

Jefrey manobrou à esquerda e, desvencilhando-se da multidão, entrou em uma rua igualmente estreita, mas tranqüila.

– É esta rua – disse apontando para um ponto delimitado no mapa.

– Finalmente, eu já estava ficando nervoso, tinha a impressão de que aquela gente poderia nos arrancar do carro, linchar e depois jogar-nos pelos cantos, como aquelas carcaças de carneiro – disse Douglas Braun.

Lady Catherine franziu a testa demonstrando contrariedade ao ouvir essas palavras:

– Não creio que isso fosse ocorrer, meu jovem; aquela gente tem que achar alguma forma de sobreviver, e mesmo com tantas dificuldades, eles são tão cordiais e alegres...

## Capítulo 31

O CARRO PAROU DIANTE DE UMA casa pintada de branco a menos de um metro da rua, praticamente não havia calçada. Mellina foi a primeira a descer, estava cansada de estar confinada dentro do carro. Jefrey ajudou Lady Catherine.

– Olá, tem alguém aí? – perguntou a velha senhora em um árabe fluente enquanto Douglas Braun batia à porta.

A porta foi parcialmente aberta, permitindo apenas que alguém lá de dentro pudesse espreitar os desconhecidos visitantes. Ao ver Lady Catherine na cadeira de rodas essa pessoa adquiriu confiança. A porta então se abriu por completo, permitindo a visão de uma moça magra e esguia, de cabelos negros e olhos amendoados. Lady Catherine, então continuou:

– Estou procurando por Abdul Al Ramin.

A face da moça demonstrou curiosidade, e então em um inglês fluente, respondeu:

– O homem que a senhora procura morreu há três anos – disse enquanto percebia a frustração que tomou conta da senhora idosa na cadeira de rodas.

– Chegamos muito tarde – exclamou Jeffrey.

– Espere – disse Lady Catherine – não é possível que depois de termos chegado até aqui, tudo tenha sido perdido. Meu avô Albert Raidech não pode ter feito as coisas levianamente...

A moça desceu as escadas e, sorrindo, foi ao encontro dos visitantes:

– Qual o nome que a senhora disse, Albert Raidech?

– Sim – respondeu Lady Catherine esperançosa – Lord Albert Raidech, meu avô.

O semblante da moça transformou-se então por completo como se todos ali fossem seus velhos conhecidos:

– Queiram entrar e, por favor, fiquem à vontade – disse radiante, enquanto, correndo, retornou casa adentro:

– Vou chamar minha mãe!

Um minuto depois a jovem retornou com uma sorridente senhora, cujas feições assemelhavam-se às suas. A jovem foi a primeira a falar:

– Esta é minha mãe, como ela não sabe inglês, eu lhe servirei de intérprete.

Lady Catherine sorriu para ela:

– Não é preciso, minha filha, como neta de um egiptólogo, seria uma vergonha para mim se eu não soubesse o idioma falado na terra dos faraós.

Então dirigiu-se à anfitriã em árabe. A senhora ouvia atentamente e respondia em rápidas palavras.

– O que foi que ela disse – perguntou uma curiosa Mellina Becker, enquanto contemplava a face luminosa de suas anfitriãs.

Lady Catherine então virou-se para seus acompanhantes:

– Ela disse que está muito honrada em receber em sua casa a neta do homem que salvou seu marido quando criança, e que lamenta que Abdul não esteja vivo para nos receber. Que quando eles se casaram, meu avô esteve presente, inclusive patrocinando a festa. Ela se lembra de tudo como se fosse hoje, e que ainda tem o conjunto de porcelana inglesa, presente de meu avô.

A moça de farta cabeleira negra, que assistia a tudo com entusiasmo, então cutucou a mãe pronunciando também rápidas palavras em árabe.

O rosto de Lady Catherine então iluminou-se ao compreender o significado das palavras. A anfitriã então, combinando a expressão facial com um gesto, deu a entender que esquecera alguma coisa. Então, rapidamente desapareceu dentro de casa. Ao ver a perplexidade de todos, a moça explicou:

– Perdoem minha mãe, é que ela fez recentemente uma cirurgia e algumas lembranças foram apagadas de sua memória. Eu tive que lembrá-la de um episódio que ela me havia contado, que aconteceu por ocasião de seu casamento com papai. A atenção de todos estava concentrada na jovem, que continuou:

– Quando o seu avô Albert Raidech deu para meus pais o conjunto de porcelana inglesa, entregou-lhes também um pequeno baú lacrado, pedindo-lhes que se algum dia seu filho ou algum outro descendente viesse nos procurar, que esse baú fosse devolvido.

Nesse momento a anfitriã retornou trazendo consigo um pequeno baú. A jovem então pegou-o e entregou à Lady Catherine:

– Está aqui, durante mais de quarenta anos este baú foi, conforme o desejo de seu avô, guardado por nós. Agora ele volta para as mãos da família Raidech.

A emoção tomou conta de Lady Catherine ao receber o baú lacrado. Então, um peso comprimiu-lhe o peito e em sua testa brotaram gotículas geladas, enquanto suas mãos largaram o baú e procuraram o coração.

– Jeffrey... – sussurrou a velha.

Em um salto, o guarda-costas enfermeiro retirou da bolsa de Lady Catherine um comprimido de um frasco que ela carregava, pondo-o entre os lábios da velha e depois ajudando-a a deitar-se.

Mellina e os demais presentes estavam atônitos.

Jefrey, vendo que Lady Catherine, lentamente recuperava suas funções normais, tranqüilizou-os:

– Ela sofre de um problema no coração, uma complicação de ordem cardiovascular. A emoção pela descoberta do baú gerou uma crise, mas não se preocupem, ela está se recuperando. O medicamento foi ministrado em tempo.

– Vamos levá-la para um hospital – disse Mellina, preocupada com o que acabara de assistir.

– Não! – ainda com a voz fraca pronunciou Lady Catherine... – Vamos voltar para o hotel... Foi apenas uma crise passageira.

## Capítulo 32

A SUÍTE PRINCIPAL DO HILTON HOTEL oferecia uma visão privilegiada a seus distintos ocupantes: em primeiro plano via-se o Nilo majestoso, que serpenteava em meio à cidade do Cairo, abrindo-se para o norte à procura das águas do Mar Mediterrâneo. Quem olhasse um pouco mais além, veria as pirâmides de Quéops, Quéfren e Miquerinos que, pela grandiosidade, surgiam como único fruto do trabalho humano digno de destaque naquele imenso tapete de areia que, dando a impressão de engolir a cidade, estendia-se até o infinito.

Douglas Braun afastou-se da janela voltando-se para Mellina e Lady Catherine, que agora já restabelecida, depositou o pequeno baú sobre a mesa.

– Mellina – disse a velha – foi graças a você que chegamos até aqui, portanto é mais do que justo que o baú seja aberto por você. A jovem então pegou o pequeno baú, e com um canivete oferecido por Jeffrey, rompeu o frágil cadeado que o protegia. Ao abri-lo, retirou uma pequena estátua de um sarcófago egípcio recoberta por um papel com algumas inscrições, cujo teor a jovem então leu para os presentes:

*O tempo passa no Mundo.  
E ao velho se lhe sucede o Novo,  
e ao alforje, a Bolsa.  
E ao bezerro, o Touro,  
e a um rei, quem se lhe oporia?  
Um deus?... um homem?  
Eternizado em mármore  
pelas mãos protegidas por um César.*

Após ler o enigma, Mellina Becker entregou-o a Lady Catherine, que se debruçou sobre ele, na tentativa de encontrar alguma coisa, como da outra vez, algo que se encaixasse no passado de seu avô, a indicar-lhe o caminho a percorrer na interpretação daquele novo desafio.

– Mais uma vez temos uma referência ao passado – disse a velha – olhem essa primeira frase: *O tempo passa no mundo!*

– Sim – completou Douglas Braun: *e ao velho se lhe sucede o novo* também de forma indireta faz uma referência ao passado!

– As outras duas frases seguintes também dão uma idéia temporal – concluiu Lady Catherine: alforje é algo mais antigo que bolsa; e bezerro é a primeira fase do animal para só depois tornar-se touro.

Jefrey, que até então mantivera-se em silêncio olhando a estatueta, por fim perguntou:

– E o faraó?

Mellina interveio:

– Jefrey tem razão... Estamos esquecendo a estatueta. Toda a interpretação do enigma deve ser feita em harmonia com a estatueta do faraó!

Animado, pela observação de Mellina, Jefrey continuou:

– Pelas inscrições na estatueta, ela representa o faraó Ramsés II, portanto, ele deve ser o rei a que se refere a quinta frase: *e a um rei, quem se lhe oporia?*

Lady Catherine sorriu ante a perspicácia de seu segurança:

– Está perfeito seu raciocínio, Jefrey, mas Ramsés II vivia em constante guerra contra os demais monarcas da região, de forma que ele tinha muitos opositores. Como poderíamos, então, identificar a qual deles se refere o enigma?

– Isso é verdade, Lady Catherine – intrometeu-se Mellina – mas olhe, a quinta frase deve ser interpretada em conformidade com a sexta: *Um deus?... um homem?* Embora Ramsés II tivesse muitos inimigos, quem dentre eles era considerado um deus? Pelo que eu sei sobre a história dos povos da época, apenas o Egito considerava seu governante como um deus. A oposição deveria ser feita então por um outro faraó.

– Mas isso é impossível, Mellina, o único momento em que o Egito teve dois faraós foi dezenas de séculos antes da existência de Ramsés II, na época anterior à unificação do alto e baixo Egito por Menés<sup>10</sup>!

---

<sup>10</sup> A tradição egípcia apresenta Menés (ou Namer, em grego) como sendo o primeiro faraó a unificar o Egito (até então dividido em dois reinos). Segundo esta tradição, este seria o primeiro governante humano do Egito, a seguir ao reinado mítico do deus Hórus. Documentos históricos, como a Paleta de Narmer, parecem testemunhar essa reunificação sob o faraó Menés, cerca de 3100 antes da Era Cristã, ainda que os egiptólogos pensem que a instituição faraônica seja anterior.

– Então não seria um faraó – concluiu Douglas Braun – mas quem seria este opositor de Ramsés II que era considerado como deus?

Lady Catherine meditava sobre as últimas palavras de Douglas quando lembrou-se de um filme que assistira havia muito tempo:

– Há muito tempo assisti a um filme no qual o faraó Ramsés II tentava impedir a saída do povo judeu do Egito...

Com o rosto iluminado, subitamente Mellina voltou-se para ela:

– Lady Catherine, a senhora disse que viu um filme que identificava Ramsés como o faraó que tentou impedir a saída dos judeus do Egito?

– Sim – respondeu a velha – inclusive muitos historiadores reconhecem este faraó como o governante egípcio na época!

Mellina estava radiante:

– Acho que a senhora acaba de desatar o primeiro nó para que possamos decifrar esse enigma!

– eu acabo de desatar o primeiro nó, como assim Mellina?

Todos olharam para a jovem, que sorrindo continuou:

– a senhora identificou Ramsés II como o faraó que tentou impedir a saída dos judeus do Egito, como não sou historiadora, mas estudante de Teologia, lembrei-me de uma passagem bíblica que se refere ao líder judeu Moisés e que se encontra na Bíblia em Êxodo 4:16<sup>11</sup>, nela, Deus ao ordenar a Moisés que lidere a retirada do povo judeu do Egito, declara que o patriarca ebreu, deve ser considerado como Deus, enquanto seu irmão Aarão, seria o seu profeta.

– Isto significa, então... – Lady Catherine estava entusiasmada.

– Significa – concluiu a jovem – que Moisés é a resposta para a quinta e a sexta frase do enigma!

– Você foi brilhante mais uma vez, Mellina! – exclamou uma Lady Catherine eufórica.

– Não, Lady Catherine, o mérito é seu! Se a senhora não tivesse lembrado do filme que associou Ramsés como o faraó na época da saída do povo judeu do Egito, nós jamais teríamos chegado até Moisés.

– Isto realmente foi brilhante – lembrou Douglas Braun – mas e quanto à última frase: *Eternizado pelas mãos protegidas por um César?*

---

<sup>11</sup> 16 E ele falará por ti ao povo; e acontecerá que ele te será por boca, e tu lhe serás por Deus.

## Capítulo 33

PELA JANELA DO HOTEL, MELLINA AGORA OLHAVA as pirâmides que em séculos distantes tinham testemunhado todos os acontecimentos a que ela acabara de se referir:

– Aparentemente não faz sentido – disse – a frase *eternizado pelas mãos protegidas por um César*. Pelo que a história nos revela, os imperadores romanos só apareceram dois mil anos após a existência de Moisés!

– Isso é verdade – completou a velha – os povos que fundaram Roma, na época de Moisés, deveriam estar ainda na idade da pedra, não deveriam nem mesmo sonhar que ainda criariam uma fabulosa civilização. Mas a sexta frase nos diz, *eternizado...* Isso não significa existência concomitante no mesmo período histórico e sim que Moisés teve sua memória guardada para a eternidade por alguém protegido por um César!

– Isso me parece impossível – respondeu Mellina – os imperadores romanos jamais encomendariam uma estátua para homenagear um outro estadista que não os da própria Roma!

– Eu acho que tenho uma resposta – disse Jeffrey levantando-se do confortável sofá onde até então estivera!

– Fale então – disse Douglas, com um certo ceticismo na voz.

– Lady Catherine – continuou o segurança – a senhora lembra da visita que fizemos no ano passado à Rússia, ao museu de São Petersburgo?

– Sim, Jeffrey, mas o que tem a visita ao museu a ver com o enigma?

– Os ovos *fabergé*!

– Os ovos *fabergé*?! – perguntou a velha, surpresa.

– Sim, os ovos *fabergé*. Insistiu o mordomo, *o Czar da Rússia*, lembra-se?

– Jeffrey, você é maravilhoso! Como é que eu não pensei nisso antes?!

– Que relação tem os ovos *fabergé* com Moisés? Perguntou Mellina

– Com Moisés não há nenhuma relação – exclamou a velha – mas com o César romano, sim; veja, os ovos *fabergé* foram encomendados pelo czar da Rússia ao mais famoso ourives russo, Peter Carl Fabergé.

– Explique-se melhor – pediu Douglas Braun.

– Acontece que quando estivemos no museu em São Petersburgo vendo os magníficos exemplares do famoso mestre russo, Jeffrey me perguntou a

origem daquelas peças e eu então lhe expliquei que os famosos ovos *fabergé* foram uma encomenda do czar Alexandre III para sua esposa, a czarina Maria Feodorovna, a ser dado pelo soberano na Páscoa. O elo com o enigma está na palavra czar, título dos imperadores russos, uma corruptela do original romano César, assim como o imperador alemão anteriormente à Segunda Guerra Mundial chamava-se kaiser, título este também originário do César romano.

– Isso significa então – concluiu Mellina – que o enigma não se refere a um imperador romano, mais a um monarca russo ou alemão?

– É o que me parece, Mellina, tudo indica para uma estátua de Moisés feita por algum artista protegido por um mecenas que pode ser tanto um czar russo ou um kaiser alemão. Era muito comum na época das grandes monarquias européias, que potentados recebessem artistas de todo o mundo: músicos, pintores escultores e filósofos em suas cortes e palácios, dando-lhes abrigo e proteção. Em troca o artista emprestava o brilho de sua personalidade a essas cortes e palácios e enriqueciam os monarcas, duques e outros poderosos que eram agraciados com obras de arte que nos dias de hoje, muitas vezes, possuem valores inestimáveis.

Mellina trouxe o assunto de volta para o que a estava inquietando.

– Lady Catherine, como descobriremos esse artista e o monarca a que se refere o enigma?

– É simples – retrucou Douglas Braun – nos dividiremos em dois grupos e iremos para a Rússia e para a Alemanha!

– Não, meus filhos, não precisaremos nos dividir. Há uma maneira bem mais fácil do que esta para chegarmos ao nosso objetivo.

## Capítulo 34

A BIBLIOTECÁRIA-CHEFE DA BIBLIOTECA CENTRAL do Cairo mostrou-se bastante gentil ao reconhecer Lady Catherine, a neta do famoso egiptólogo Albert Raidech, que descobrira a riquíssima tumba de Amenófis IV. Por determinação da bibliotecária uma sala fora disponibilizada ao grupo.

– Eu não agüento mais – disse Douglas Braun, quando uma bibliotecária-



ria auxiliar trouxe mais um carrinho repleto de livros sobre obras de arte russa e alemã, do período imperial.

Lady Catherine sorriu para ele:

– Ânimo, meu jovem, essa é a maneira mais fácil de descobrirmos a que obra de arte o enigma se refere. Imagine quanto tempo desperdiçaríamos se tivéssemos que percorrer todos os museus da Rússia e da Alemanha...

## Capítulo 35

O LINCOLN CONTINENTAL RETORNOU AO HOTEL Hilton. Os quatro ocupantes desceram em silêncio e foram direto para a suíte de Lady Catherine.

– Bem – concluiu Douglas – não encontramos nenhuma estátua de Moisés encomendada por um imperador russo ou alemão. Haveria uma segunda alternativa?

– Não poderia ser uma pintura? – perguntou Jeffrey.

– Não, o enigma diz claramente: *eternizado em mármore* – disse a velha.

– Mas nós pesquisamos em diversos livros sobre arte russa e alemã do período imperial e não encontramos nada.

Mellina estava frustrada.

– Tem que haver alguma coisa que não consideramos! – disse enquanto voltava a se debruçar sobre o enigma. *Eternizado em mármore pelas mãos protegidas por um César...*

– A única estátua de Moisés que eu conheço fica em Roma – disse Jeffrey – e é de Michelangelo!

– E é de mármore? – perguntou Mellina.

– Esqueça, minha jovem, o Moisés que procuramos foi feito por um artista por ordem de um “César”. Pelo que sei o Moisés de Michelangelo foi encomendado ao famoso artista por um papa e não por um César. Desta maneira está descartada essa possibilidade!

Lady Catherine fez com que voltassem à realidade.

– Quem foi o papa que encomendou a Michelangelo a estátua de Moisés? – perguntou Mellina.

– O Papa Júlio II – respondeu a velha sem muito entusiasmo.

Mellina deixou de lado o enigma e foi até o microcomputador colocado à disposição dos hóspedes da suíte principal.

– O que você está fazendo, Mellina? – perguntou Douglas.

Sem prestar atenção, a jovem ligou o computador até então esquecido naquela sala, e entrou em um site de busca e em seguida digitou:

## *Julio II*

Apareceram várias páginas com o nome de Júlio II. Mellina escolheu uma em inglês e abriu. A página estava ilustrada com a imagem do papa e da Capela Sistina, no Vaticano. Quando os olhos da moça se fixaram sobre o texto logo abaixo, ela deu um grito de alegria:

– Lady Catherine, olhe aqui!

Todos imediatamente correram para perto do microcomputador. Mellina, apontando com o cursor do *mouse* pronunciou algumas palavras:

*Giuliano Della Rovere, eleito Papa Júlio II, em 1º de novembro de 1503. Juntamente com o Papa Leão X, foi um dos maiores papas da história e o que mais promoveu o mecenato, protegendo artistas como Rafael, Leonardo da Vinci e Michelangelo. Causou alvoroço quando em sua eleição escolheu o título de Júlio II, pois nunca houve na história da Igreja um Papa Júlio I. Conta a tradição que Júlio II escolhera esse nome por se achar um legítimo sucessor do próprio Júlio César..*

– Eis a chave para o enigma: o Moisés de Michelangelo, encomendado pelo “César” Júlio II – disse triunfante.

Douglas Braun tentou disfarçar sua alegria:

– O que faremos agora? Ainda falta resolver a primeira parte deste enigma.

– Uma parte de cada vez, meu jovem – respondeu a velha – nossa missão no Egito está concluída.

– Para onde vamos agora? – perguntou Jeffrey.

Lady Catherine então sorriu:

– Crianças, existe uma frase antiga e muito famosa...

– Que frase é esta – inquiriu Mellina.

Lady Catherine piscou para ela:

– Todos os caminhos levam à Roma!

## Capítulo 36 - Roma

– VOCÊ NÃO VAI VER O PAPA! – provocou Douglas Braun.

Mellina fuzilou-o com o olhar, mas manteve-se em silêncio.

– Bem – continuou sorrindo o sargento – então vai se cumprir um outro ditado: *Foi à Roma e não viu o Papa!*

Jefrey e Lady Catherine caíram na risada. Por fim a velha senhora recobrou a serenidade:

– Deixe a moça em paz, sargento! Aliás, nós não estamos aqui a passeio!

Mellina aproveitou a reprimenda de Lady Catherine a Douglas:

– Estive consultando os mapas turísticos pela manhã. A estátua de Moisés está na Igreja São Pedro em Vincoli, Roma. Nós três poderemos ir até lá enquanto Douglas estará se confessando à Sua Santidade!

Jefrey não pôde se conter ao ver a ferina resposta e a face surpresa do sargento.

Lady Catherine suspirou profundamente e disse baixinho para Jeffrey:

– Eu sei como acaba essa história!

– O que foi que a senhora disse? – perguntou Mellina, curiosa pela confiança da velha a Jeffrey.

– Que a viagem me deixou muito cansada, Mellina. – Por que você e Douglas não aproveitam para dar um passeio enquanto eu descanso. Existem muitas alternativas de turismo em Roma. Mais tarde nós veremos a estátua de Michelangelo.

## Capítulo 37

DOUGLAS E MELLINA DEIXARAM O HOTEL e seguiram a pé pela famosa Via Condotti, chegando ao Café Grego, o mais antigo e afamado de Roma. Escolheram uma mesa que permitia ao sol banhá-los por inteiro. Uma alegre balconista aproximou-se trazendo o cardápio. Feitas as escolhas, ela retornou mais tarde com um saboroso café e torta de nozes. Mellina suspirou enquanto contemplava a beleza dos prédios centenários: *de quantas histórias, dramas e alegrias eles não teriam sido cúmplices e, em silêncio, presenciado?!*

– O que foi – perguntou Douglas com afeto – você está com saudade de casa?

Mellina olhou com ternura para ele, sensibilizada com aquela súbita demonstração de carinho.

– Sinto falta de meu tio, ele é a única pessoa de toda a família que me resta desde que meus pais foram mortos em um acidente de automóvel na Alemanha.

– Seu tio é uma pessoa formidável – observou o sargento.

Mellina sorriu:

– Ele diz que sou sua princesa! Ele me adora, somos muito ligados um ao outro e isso compensa a ausência de meus pais e do irmão que ele perdeu.

– Como foi isso?

– Tio Becker me disse que eles eram extremamente ligados, unha e carne. Embora meu pai fosse mais jovem e rebelde, tio Becker o amava. Porém, quando meu pai conheceu uma jovem vinda do Oriente Médio, eles se separaram e tio Becker foi para a América. Quando eles estavam para se reencontrar, meu tio recebeu a notícia do trágico acidente. Meus pais estavam em uma auto-estrada perto de Munique, na Baviera, quando um caminhão desgovernado jogou-os dentro de um lago. Eu ainda me lembro daquela tarde. Eu estava na escola aguardando que eles fossem me buscar. Foi o dia mais triste de minha vida. Passei uns dias em um abrigo para crianças, até que meu tio finalmente apareceu.

– Isso me parece bem triste, mas vocês têm um ao outro. E parece que se acertam muito bem: ele, reverendo; você, estudante de Teologia...

Mellina riu da observação:

– Não é o que você está pensando: tio Becker jamais tentou influenciar em minhas escolhas, pelo contrário, sempre fui criada com afeto, mas com independência.

– Já percebi!

## Capítulo 38

A TARDE DESCEU RAPIDAMENTE. EM SEU PASSEIO eles chegaram até a colina do Capitólio. Mellina ficou maravilhada olhando os três edifícios que demarcavam a praça: O Palácio Novo, o Palácio dos Conservadores e o Palácio do Senado, que possuía uma harmonia simétrica em suas fachadas ricamente adornadas com balaústres e estátuas.

No centro da praça depararam-se com a belíssima estátua equestre do Imperador Marco Aurélio. Em seu retorno passaram pela Via Vittorio Veneto, conhecida simplesmente como Via Veneto, em razão do filme de Federico Fellini: *“La Dolce Vita”*.

– Que igreja é aquela? – perguntou Mellina.

Douglas Braun olhou para o guia turístico que carregava:

– Hmm! É a Igreja de Santa Maria da Conceição, dos frades Capuchinhos.

E completou, enquanto suas mãos no ar assumiam a forma de garras, e com o rosto fazia uma careta assustadora: e nela há uma cripta cheia de ossos!

– Que horror! – disse Mellina, rindo e fingindo estar assustada.

## Capítulo 39

– OS POMBINHOS JÁ voltaram?

– Estão descansando em suas respectivas suítes – respondeu Jeffrey.

– Pois acorde-os então – disse a velha – é uma boa hora para vermos a famosa obra de Michelangelo.

\* \* \*

Os quatro estavam agora diante da imponente estátua de Moisés, na Igreja São Pedro.

– E agora – perguntou Douglas Braun – onde está a próxima pista. Não há nada escrito, somente um gigantesco homem barbudo, segurando o que parece ser umas tábuas...

– As tábuas da lei! – completou Mellina.

Lady Catherine olhava-a incessantemente como a procurar algum detalhe, algo que lhe indicasse o caminho a seguir em busca do Livro de Ouro. Então voltou-se para Mellina:

– Douglas tem razão, não estou enxergando nada que nos aponte a direção a seguir!

Mellina continuava olhando e fotografando cada detalhe, examinando a estátua por todos os ângulos:

– Deve haver algo que nós estamos deixando passar por ser tão óbvio, mas que talvez seja fundamental para nossa procura...

– Jeffrey! – gritou Lady Catherine, com uma voz abafada e com a fisionomia totalmente pálida.

– Os comprimidos – gritou Mellina – rápido!

O segurança imediatamente saltou sobre a bolsa da velha senhora, abrindo-a. Sua face empalideceu ao verificar que os comprimidos não estavam lá.

– Não estão aqui! – disse angustiado.

– Meu Deus! – exclamou Mellina.

– Vamos para o hospital – disse Douglas pegando a velha em seus braços.

– Eu não sei onde fica o hospital – disse Jeffrey.

– Pare um táxi! – gritou Douglas Braun.

## Capítulo 40

– COMO ELA ESTÁ, DOUTOR? – perguntou Mellina.

O médico sorriu:

– Ela está se recuperando bem. Teve sorte de chegar a tempo no hospital... no momento está descansando, precisa de repouso.

Os três se olharam. Jeffrey foi o primeiro a falar:

– Vocês podem voltar ao hotel, por enquanto as buscas ao Livro de Ouro estão suspensas. Eu ficarei aqui com ela!

– Não – disse Mellina – é melhor que eu fique. Somos mulheres e nos entenderemos bem! Voltem para o hotel!

– Não posso deixá-la – disse Douglas – prometi a seu tio que a protegeria.

Mellina por um breve momento moveu-se em seu íntimo ao ouvir a preocupação do sargento. Mas permaneceu inflexível:

– Olhem a nosso redor, este hospital está cheio de policiais... Até parece uma fortaleza. Eu estarei segura aqui, agora vocês dois voltem para o hotel!

## Capítulo 41

– O SENHOR ACHA QUE AQUELE SACERDOTE está envolvido no rapto da menina? – perguntou o tenente.

Por um momento, Scaliari contemplou o vazio e então respondeu:

– Paolo, em nossa profissão todos, veja bem, todos, são culpados até que encontremos os verdadeiros responsáveis!

– Você tem razão, Capitão! Não devemos descartar nenhuma possibilidade.

– O que mais me intriga, tenente, é o por quê?

– Como assim senhor, por que o quê?

– Veja bem, Paolo, por que Jaina Kornikova foi escolhida, se há tantas meninas italianas de onze anos? Por que tanto trabalho em seqüestrá-la na Rússia e transportá-la até a Itália? O que ela tem de extraordinário? Por que ela? Acho que, respondendo a essas perguntas chegaremos aos culpados.

## Capítulo 42

SUA CABEÇA RODOPIAVA EM MEIO ÀS IMAGENS confusas que se sucediam rápida e desordenadamente em sua memória: a vitória na prova de patins no gelo, o pentagrama no teto, o sacerdote com aquela estranha adaga de ferro, a cela esquecida aberta e a longa escadaria de pedra que ela percorreu cambaleante. Depois, o vento frio em seu rosto enquanto corria dos homens que lhe perseguiram, os pés descalços e a dor intensa em contato com o chão duro e opressor, o sufocamento por aquele colar de ferro que lhe machucava o pescoço. Finalmente, via ao longe sua salvação naquele moço de uniforme. Então o trânsito caótico em que ela se viu mergulhada e o Coliseu dando voltas no ar. Jaina Kornikova acordou gritando:

Absalão! Absalão!

## Capítulo 43

Mellina acordou com os gritos. Foi até a porta e espiou: médicos e enfermeiras corriam entrando e saindo do quarto ao lado.

– O que houve? – perguntou a uma enfermeira que passava apressadamente.

– A menina que estava em coma acordou – disse a enfermeira e sumiu rapidamente pelo corredor.

Mellina viu então um jovem oficial da polícia italiana entrar no quarto e novamente sair, agora acompanhado por um médico:

– Ela está muito fraca, não pode responder nenhuma pergunta ainda!

– E quanto às palavras que a enfermeira disse que ela falou?

– A enfermeira me disse que ela gritava *Absalão*. Não sabemos ainda o que isso pode significar. Como ela é estrangeira e não temos aqui um intérprete, teremos que aguardar até que ela se fortaleça e possamos entrar em contato com a embaixada.

Mellina abriu a porta e foi até o jovem oficial:

– Desculpe-me, policial, mas talvez eu possa ajudar!

Paolo Ferri voltou-se surpreso para a belíssima moça, agora à sua frente.



- O que foi que disse?  
– Disse que talvez eu possa ajudar!  
– Você conhece o idioma russo? – perguntou incrédulo o jovem oficial.  
– Não, mas conheço hebraico.  
– Eu não estou entendendo... eu tenho sob minha custódia uma menina russa, e agora aparece você se propondo a me ajudar, mas com conhecimento do idioma hebraico?! Moça, você está brincando comigo?  
Mellina surpreendeu-se.  
– Você disse uma menina russa?  
– Sim, uma menina russa, de nada adianta seu conhecimento de hebraico! – respondeu Paolo com gravidade.  
– Mas eu a ouvi gritar *Absalão*! Essa é uma palavra hebraica e não russa!  
Paolo Ferri mostrou-se confuso:  
– Eu não estou entendendo, esta palavra é hebraica?  
– Bem – respondeu Mellina, *Absalão* ou *Ab-Salam*, é um nome próprio hebraico e significa *Pai da Paz*.  
– Eu agradeço sua revelação, moça – disse Paolo, mostrando-se amável – eu não sei como, mas tenho um pressentimento que essa sua revelação é muito importante para este caso!  
– Se eu puder ajudar mais, estou logo ali no quarto ao lado.

## Capítulo 44

- LADY CATHERINE ACORDOU COM MELLINA em pé a seu lado.  
– Minha filha, você está aqui!?  
– Como é que a senhora está se sentindo?  
– Estou bem, pode ter certeza, sou uma Raidech, nada poderá me impedir de alcançar meu objetivo – disse sorrindo. Onde estão Jeffrey e Douglas?  
– Eu mandei que voltassem para o hotel.  
– Mas...  
– Não se preocupe, Lady Catherine, o hospital está repleto de policiais.  
– Policiais?!  
Alguém bateu à porta. Mellina levantou-se e foi abrir. Um sorridente senhor de meia-idade se apresentou:

– Com licença, sou o Capitão Lucas Scaliari, da polícia italiana. Eu gostaria de falar com você.

– Entre, por favor.

– Espero não estar perturbando sua avó.

– Pode entrar, Capitão – respondeu Lady Catherine, com visível curiosidade.

– Queira sentar-se, por favor – disse indicando uma cadeira à frente.

– Mellina, sente-se aqui na cama comigo.

– Obrigado – respondeu Scaliari.

– Pois bem, Capitão, sou Catherine Raidech e estou curiosa para saber o que o senhor tem a falar com minha criança!

– Lady Catherine Raidech, a curadora da famosa Fundação Raidech para pesquisas arqueológicas? – espantou-se o Capitão.

– Exatamente! – riu a velha. – Peço desculpas por não poder me levantar. Sinto-me constrangida em me apresentar nessas condições – disse recostando-se na cama.

– Pois bem – iniciou Scaliari – ontem à noite sua neta ajudou meu jovem auxiliar, o tenente Paolo, a interpretar o significado de uma palavra pronunciada por uma menina russa que estamos mantendo sob vigilância no quarto ao lado.

– O que foi que a menina fez? – perguntou ingenuamente Mellina.

– Ela não fez nada – respondeu Scaliari.

– O motivo pelo qual a mantemos sob custódia com todo esse aparato policial é justamente pelo que tentaram fazer com ela.

Scaliari fez uma pausa como se estivesse tentando encontrar a melhor palavra para não chocar...

– Acredito que ela estivesse para ser sacrificada em um ritual satânico.

– Os Filhos de Set!... – Mellina deixou escapar.

Lady Catherine imediatamente olhou para ela.

– O que foi que você disse? – perguntou Scaliari surpreso.

Lady Catherine rapidamente interveio:

– Filhos de Set, Capitão. Quando o senhor falou que esta menina mantida sob custódia no quarto ao lado, estava para ser sacrificada em um ritual satânico. Mellina lembrou-se dos Filhos de Set.

Scaliari mostrou-se interessado.

– Por favor, fale-me sobre esses Filhos de Set, eu nunca ouvi falar nada a respeito.

A velha olhou então para Mellina, que estava visivelmente embaraçada. E com um sorriso então, tranqüilizou-a

– É pouco provável que o senhor tivesse ouvido falar alguma coisa a respeito dos Filhos de Set. Na verdade poucos, muito poucos estudiosos sabem alguma coisa a respeito deles. Para começar, Set é uma antiqüíssima divindade egípcia que por muito tempo foi adorada por um pequeno grupo de sacerdotes do antigo Egito. Em várias ocasiões eles foram perseguidos por sacerdotes de outras divindades mais importantes. Segundo alguns estudos da história, Set era o deus do mal no antigo Egito. E seus adoradores eram conhecidos como os Filhos de Set.

Scaliari continuava atento:

– E qual a possível relação desse deus Set e seus sacerdotes com a menina ao lado?

– Veja bem – continuou Lady Catherine – esses sacerdotes de Set, embora poderosos, eram minoria. E em razão de suas práticas sangrentas, havia entre eles o costume de sacrificar crianças. Foram duramente perseguidos por alguns faraós. Então criaram uma sociedade secreta para poderem continuar com suas práticas. Essa sociedade ficou conhecida na antiguidade como os Filhos de Set. É uma sociedade hermética, totalmente oculta e muito poderosa, que dedicava-se à magia negra.

– Como eles resistiram à perseguição de alguns faraós? – perguntou Scaliari.

– A forma encontrada foi espalharem-se pelas demais sociedades da época. Os Filhos de Set levaram seus conhecimentos secretos para poderosos sacerdotes de grandes civilizações como Babilônica e Fenícia e até mesmo para o povo judeu, formando então uma sociedade secreta supranacional, que propiciava a seus membros riquezas, poder e fabulosos conhecimentos ocultos. Esses impérios tiveram sua época de glória, mas depois desapareceram. Os filhos de Set, porém, usando desse artifício, sobreviveram e se fortaleceram ao longo dos séculos, tendo inclusive chegado ao Ocidente pelos Cavaleiros Templários.

– Os Cavaleiros Templários?! – espantou-se Scaliari.

– Sim, Capitão! Segundo estudiosos, os Filhos de Set trouxeram para dentro de sua sociedade secreta os principais líderes dos Cavaleiros Templários. Eles vislumbraram que o futuro estaria com o Ocidente, e assim infiltraram-se em uma organização amparada pelo próprio Vati-

cano. Porém, os Filhos de Set progrediram muito quando estavam ocultos pelo manto templário, acumulando muitos tesouros e terras na Europa, causando assim a desconfiança de alguns monarcas europeus. Um deles, o rei francês Felipe, o Belo, infiltrou-se na organização templária um de seus agentes secretos, que acabou descobrindo, após uma minuciosa investigação, as terríveis práticas desenvolvidas pelos templários em adoração a Set.

Scaliari permanecia atento às palavras de Lady Catherine, porém uma dúvida o assaltou:

– A senhora disse que os Templários foram acusados de terríveis práticas envolvidas na adoração do deus egípcio Set. Pelo que eu sei a história registra que eles foram acusados de adorarem o Diabo!

A velha senhora ouviu com atenção e então pegou uma pasta que estava sobre uma mesa a seu lado e entregou-a ao Capitão. Scaliari abriu-a e seus olhos fixam-se em uma página negra, com o texto em vermelho, visivelmente retirada da Internet:

*TEMPLE OF SET*  
*Adoração Luciferiana*

O Capitão olhou para Lady Catherine atônito:

– Lúcifer é Set?

Lady Catherine sorriu para ele.

– Não apenas Lúcifer, mas também Satanás, Samael, a Grande Serpente, o Príncipe da Luz, o Diabo, a Grande Estrela e outros tantos nomes que se referem à mesma entidade.

Scaliari, então uniu todos os pontos:

– Isso significa então que a menina que estamos mantendo sob custódia estava prestes a ser sacrificada em um ritual satânico promovido por uma sociedade secreta milenar, que foi perseguida na antiguidade e na Idade Média e que se mantém oculta e ativa até os dias de hoje?

– Exatamente!

– Mas afinal, qual é o seu propósito?

Lady Catherine olhou para Mellina. Depois encarou com seriedade o Capitão:

– Diga-me uma coisa, o senhor é um homem religioso?

## Capítulo 45

LADY CATHERINE HAVIA SE RECUPERADO, e ao receber alta, retornava juntamente com Jeffrey e os demais que foram buscá-la no hospital.

– A senhora acha que o Capitão acreditou no que nós lhe contamos? – perguntou Mellina, afastando o olhar da janela.

– Eu espero que sim, minha filha – disse a velha enquanto examinava a parte não decifrada do enigma. – Vamos torcer para que este policial tenha sucesso e consiga protegê-la.

– Jeffrey, leve-nos de volta à Igreja de São Pedro, eu quero ver novamente a estátua de Moisés.

Mellina surpreendeu-se:

– A senhora acaba de sair do hospital... Não me parece apropriado retomarmos agora à busca do livro de ouro!

– Não podemos perder tempo, minha jovem! É bem provável que a essa altura os Filhos de Set já tenham conhecimento de que o Livro de Ouro não foi destruído por meu avô, por isso temos que encontrá-lo rapidamente.

– O que vamos fazer quando encontrá-lo?

Lady Catherine, por um momento ficou em silêncio, como se seus pensamentos estivessem muito longe dali, por fim disse:

– Teremos que destruí-lo!

## Capítulo 46

A IGREJA DE SÃO PEDRO ESTAVA REPLETA de turistas de todo o mundo que, munidos de suas máquinas fotográficas, faziam com que a estátua de Moisés fosse ininterruptamente banhada pelo brilho de milhares de *flashes*.

– Com licença – pediu Mellina, polidamente a um senhor japonês, velho e obeso, que quase a esmagava.

O homem então olhou para ela com cara de poucos amigos, e murmurando, respondeu qualquer coisa que Mellina não compreendeu. Contrariada, então a jovem resolveu se afastar e retornar ao local onde estava Lady Catherine, acompanhada por Jeffrey e Douglas Braun, que observavam tudo.

– Eu não consegui me aproximar da estátua – justificou-se a loirinha.  
– Não há problema – respondeu a velha – vamos esperar essa excursão de japoneses terminar de bater suas fotografias e então nos aproximaremos.  
– Parece que o ônibus da excursão já está de partida – reparou Douglas.  
– É – confirmou Jeffrey, voltando-se para olhar um guia turístico que, à porta de um ônibus, gritava algumas palavras ininteligíveis.  
– Em qualquer parte do mundo que você for, sempre encontrará lá esses turistas de olhinhos puxados – completou Lady Catherine.  
– A senhora tem razão – confirmou Douglas – onde quer que exista algo que chame a atenção, lá estará um turista japonês.  
– O Japão é hoje uma das maiores potências econômicas do globo – continuou a velha. – Este país derrotado na Segunda Guerra Mundial deu a volta por cima e hoje detém uma das maiores poupanças internas do mundo, um sólido parque tecnológico e lucros fantásticos com aplicações nas bolsas de valores de Tóquio.

Contrariada por não poder se aproximar da estátua por causa da multidão, Mellina agora lia e relia o enigma. Mantendo-se alheia às explicações da velha senhora, porém ao ouvir suas últimas palavras, Mellina voltou-se para ela:

– O que foi que a senhora disse?

A velha sorriu orgulhosa ao ver o súbito interesse da jovem por sua explicação:

– O rendimento de capitais tem dado ao Japão...

– Não! – Interrompeu-a Mellina – a senhora falou em bolsa de valores!

A jovem então aproximou-se de Lady Catherine, mostrando-lhe o enigma: veja! A terceira linha nos diz que o alforje é sucedido pela bolsa! Pelo que eu sei o alforje era usado na antiguidade para guardar documentos e dinheiro, mas nos dias de hoje qual é a bolsa usada para guardar e aplicar dinheiro?

– A bolsa de valores! – exclamou eufórico Douglas Braun

Lady Catherine percebeu uma pequena luz:

– Você está querendo dizer que a bolsa de valores pode ser...

Mellina interrompeu-a: é possível que seu avô tenha guardado o Livro de Ouro na bolsa de valores!

– Pelo que sei, as bolsas de valores possuem em suas dependências bancos de custódia para a guarda de apólices e valores a serem negociados no dia. É realmente possível...

## Capítulo 47

DOUGLAS BRAUN OLHAVA AGORA O ENIGMA por cima do ombro de Mellina:

– Por que existem apenas quatro palavras iniciadas com maiúsculas: Mundo Novo, Bolsa e Touro?

Mellina instantaneamente voltou-se para ele e deu-lhe um beijo na face. Enquanto o sargento imediatamente corava, os demais voltavam-se para ela perplexos. A jovem então pegou um lápis e transcreveu, na ordem inversa, as palavras destacadas por Douglas:

*TOURO, BOLSA, NOVO, MUNDO.*

– Aí está, o local onde deve estar escondido o livro de ouro: a Bolsa de Valores de Nova York, a bolsa de valores da América, ou seja, o Novo Mundo!

– Mellina – disse Douglas – você está certa, o touro, símbolo da prosperidade, tem uma estátua que guarnece a frente da Bolsa de Nova York!

– Isso faz sentido – concluiu a velha – mas qual seria a chave?

– Bem, a chave é de Michelangelo, ou seja deve ser o próprio Moisés!

## Capítulo 48

O DOUTOR RAFAEL BIACO, SEGUIDO por um corpulento homem com uniforme de enfermeiro, passou pelos guardas que o cumprimentaram no corredor. Nenhum deles se demorou a observar o médico com atenção, pois se o fizessem, veriam um homem tomado pela dor e pelo remorso. Rafael Biaco entrou no quarto onde Jaina estava. A menina imediatamente olhou para o desconhecido enfermeiro, mas em seguida percebeu as lágrimas que brotavam da face do médico que até ali lhe prestara assistência. Imediatamente compreendeu tudo e, aterrorizada, procurou gritar, mas antes que o fizesse, o corpulento enfermeiro tapou-lhe a boca. Enquanto o médico, com uma

seringa, lhe injetava nas veias uma substância que em segundos lhe entorpeceria os sentidos.

\* \* \*

– Vamos levá-la para uma cirurgia – disse o enfermeiro ao guarda atônito que olhava para o médico esperando uma justificativa.

O Doutor Rafael, sem olhar para o guarda, concordou acenando com a cabeça. A maca com a menina inconsciente seguiu até o fim do corredor que dava acesso à sala de cirurgia. Porém, ao aproximar-se do local mencionado ao guarda, o gigantesco enfermeiro tomou um outro caminho e, desviando-se do bloco cirúrgico, adentrou em um outro corredor que levava diretamente ao pátio interno onde ficavam as ambulâncias.

Ao chegar ao pátio um dos veículos já os aguardava com as portas abertas. Então, dois outros homens apareceram e empurraram a maca para dentro, fechando as portas da ambulância.

Rafael Biaco olhou para eles não compreendendo: *eles não iriam levá-lo?* Então, procurando manter a calma protestou:

– Eu cumpri minha parte no acordo. Agora devem libertar minha família...

Antes que o médico concluísse suas palavras, um dos homens virou-se e, com uma estocada certa de um punhal que até então mantivera oculto, fez com que o médico caísse ali mesmo com a garganta dilacerada. O grande portão que dava acesso ao pátio externo foi aberto, e com as sirenes desligadas a ambulância desapareceu em meio ao trânsito de Roma.

## Capítulo 49

– BEM, O BANCO DE CUSTÓDIA da Bolsa de Valores de Nova York assim como qualquer outro banco no mundo, deve ter uma codificação alfanumérica, não é mesmo? – perguntou Mellina, enquanto retornava à suíte do hotel.

Todos concordaram, e então Mellina continuou:



– Primeiro havíamos desvendado a segunda parte deste enigma, chegando ao Moisés de Michelangelo. Porém, só agora descobrimos o significado da primeira parte, ou seja, as primeiras quatro frases com as palavras-chave: *Mundo, Novo, Bolsa, Touro*. Pois bem, eu acredito que a primeira parte seja a fechadura, e a segunda, a chave, isto é, que o próprio Moisés seja a chave deste enigma e não o instrumento para decifrá-lo.

– Isto me parece lógico – concordou Jeffrey.

– Então – finalizou a loirinha – eu estive analisando exaustivamente as fotos da estátua e não encontrei nada de excepcional que despertasse minha atenção. Nada que me levasse a algum outro enigma proposto por Lord Raidech, a não ser...

– A não ser? – Lady Catherine estava atenta.

– A não ser os quatro números ao pé da estátua: 1515, que é o ano de sua inauguração quando Michelangelo a entregou para fazer parte de um projeto do Papa Júlio II para o seu túmulo. É daí que me vem uma idéia: a codificação alfanumérica do banco de custódia da bolsa pode ser uma combinação da palavra Moisés com a data de sua inauguração!

Lady Catherine estava impressionada:

– Parabéns, minha jovem, mais uma vez você comprovou que eu estava certa em trazê-la conosco nessa busca ao Livro de Ouro – disse a velha no momento em que pegava o telefone.

– O que a senhora vai fazer? – perguntou a jovem, curiosa.

– Nós fizemos nossa parte, menina, agora pediremos que seu tio e o Senador Hoppkins testem a nossa hipótese – disse a velha enquanto discava para Washington.

## Capítulo 50

LUCAS SCALIARI EXAMINOU O CORPO DO MÉDICO: estava de bruços com a cabeça voltada para o lado. Era possível ver um talho na garganta.

– Jamais poderíamos imaginar que isto fosse acontecer – disse Paolo Ferri, voltando-se para Scaliari.

– E a família dele foi encontrada? – perguntou o Capitão.

– Todos foram mortos. Seqüestraram a mulher e as crianças para obrigá-lo a entregar a menina, mas pelo que parece não cumpriram com o prometido.

Scaliari fechou os olhos, faltavam-lhe respostas para as inúmeras perguntas que saltitavam em sua cabeça.

– Não há pistas – continuou o tenente – foi realmente um trabalho de profissionais.

– E a ambulância?

– Já foi encontrada, mas também não encontramos nada em seu interior.

Ouvindo as informações do tenente, juntamente com ele, Scaliari preparava-se para retornar ao quarto, agora vazio, onde ficava o leito da menina. Porém, antes de entrar pela portaria de acesso ao hospital, lançou de relance um último olhar ao cadáver estendido no chão. Então os raios do sol incidiram junto a boca de Rafael Biaco, fazendo-a brilhar.

– Não creio que este médico baixe à sepultura sem que nada lhe seja subtraído – concluiu Scaliari, tentando afastar sua mente daquilo que mais o preocupava.

– Como assim, Capitão? – Paolo Ferri perguntou surpreso, não entendendo a que Scaliari se referia.

Scaliari sorriu para ele:

– Eu estou me referindo à prótese dentária de ouro desse médico, que acaba de refletir com o sol; acredito que os coveiros poderão roubá-la.

– Que prótese de ouro? – perguntou Paolo Ferri, estancando no lugar onde estava. Conversei com este médico diversas vezes e nunca percebi prótese nenhuma!

Scaliari ergueu as sobrancelhas, ante aquela afirmação do tenente e ambos correram de volta aproximando-se novamente do cadáver. Com a ação dos gases, parte de uma brilhante moeda projetava-se para fora de sua boca.

## Capítulo 51

ACOMPANHADO PELO REVERENDO THOMAS BECKER, Antonin Hoppings entrou nas dependências do Banco de Custódia da Bolsa de Nova York. Uma recepcionista levou-os até o gerente, que lhes explicou o procedimento

de acesso aos cofres individuais onde eram guardados os mais valiosos títulos e documentos da elite econômica americana:

Uma vez a sós no subterrâneo blindado do banco, sob o olhar atento do reverendo, Hoppings digitou a senha indicada pelo grupo de Roma. Thomas Becker aproximou-se ainda mais quando notou estampado na face do político o ar da derrota. Inclinando-se para o terminal pôde ver que o cursor continuava piscando na espera do último dígito.

Faltava um dígito.

– Esta não é a senha! – disse Antonin Hoppings, olhando para o reverendo enquanto se deixava cair desalentado sobre um dos acentos da sala blindada.

## Capítulo 52

– O QUE HOUBE? – PERGUNTOU MELLINA ao retornar à suíte de Lady Catherine após um passeio com Douglas pelos locais turísticos de Roma, e depois de verificar o desânimo da velha senhora.

Lady Catherine, então olhou para ela:

– O Senador Antonin Hoppings me ligou há pouco. A senha que nós achávamos que fosse dar acesso ao cofre individual do Banco de Custódia da Bolsa de Valores, onde está o livro de ouro não se confirmou. Segundo Hoppings, falta um dígito. A senha deve conter onze caracteres. Deve haver alguma coisa nesse enigma que nós não percebemos, algum detalhe que altere significativamente nossa percepção. Talvez algo tão simples, que nós não tenhamos nem mesmo considerado.

Mellina foi tomada pela frustração:

– Mas tem que ser o Moisés de Michelangelo! E quanto à data, que outra seria senão o ano da inauguração? Eu não consigo perceber uma outra possibilidade.

Lady Catherine aproximou-se abraçando-a:

– Não se preocupe com isso, minha filha, nós daremos um jeito. Eu tenho um pressentimento de que estamos no caminho certo. Muito em breve encontraremos o livro... Isso é só uma questão de paciência! Como eu disse,

deve haver algum detalhe que nós desconsideramos. Agora vá para seu quarto e descanse! Amanhã continuaremos.

## Capítulo 53

OLHANDO PELA JANELA DE SEU ESCRITÓRIO situado no sexto andar do edifício-sede do Banco Central da União Européia, seu presidente, o Barão Rudolf Von Heicht, estava mergulhado em seus pensamentos. Considerado um mecenas da atualidade, o barão amava as artes e a ciência. Era também possuidor da maior coleção de arte abstrata da Europa. Em seu ardor pelo progresso da ciência, principalmente na área da antropologia, Rudolf Von Heicht usara de sua influência para que a famosa revista *National Geographic* publicasse em sua capa de novembro de 1999, a sensacional descoberta do *Archaeoraptor*; um fóssil metade ave, metade réptil que havia sido descoberto na China. Segundo a revista, com a descoberta desse fóssil estava definitivamente provado o elo entre aves e répteis comprovando definitivamente a teoria sobre a evolução das espécies, desenvolvida por Charles Darwin. O mundo científico aplaudira, e em razão de sua magnífica atuação, Von Heicht foi promovido ao grau trinta e três na ordem maçônica. Quatro meses depois, após um complicadíssimo ritual de sangue, ele foi admitido na ordem dos iluminados, pondo-se assim a serviço dos Filhos de Set.

Porém, o *Archaeoraptor* foi submetido a uma detalhada tomografia computadorizada que acabou encontrando enormes irregularidades na sua estrutura. Com novas investigações, concluiu-se que a famosa descoberta fora o resultado de uma elaborada fraude de paleontólogos auxiliados por contrabandistas chineses.

Os carros passavam velozmente lá em baixo, quando então sua meditação foi interrompida pela jovem secretária:

– Dr. Von Heicht, os diretores da empresa Dexmond já chegaram.

O Barão Rudolf Von Heicht voltou-se para ela com um sorriso:

– Ótimo, Ellen, por favor queira conduzi-los para a sala de reuniões.

\* \* \*

O diretor da Dexmond abriu o *notebook* ao lado do barão:

– Aqui está! Apresento ao senhor o SetMark. Após três anos da primeira apresentação nossos engenheiros desenvolveram novos estudos de aperfeiçoamento: o SetMark contará agora com protocolos fixos que permitirão transações eletrônicas seguras, conforme o senhor havia nos solicitado. E aqui está o cartão inteligente – disse enquanto abria uma maleta sobre a mesa e retirava um cartão prateado, entregando-o ao barão.

Rudolf Von Heicht estava radiante ao pegar o cartão:

– Então este é o SetMark, o cartão inteligente que servirá como documento de identidade e permitirá o fluxo bancário ao mesmo tempo?

– Exatamente – sorriu o executivo da empresa de tecnologia – nome, endereço, estado civil, filiação, absolutamente todos os dados que possam haver sobre determinado indivíduo juntamente com a totalidade de suas transações bancárias. Isto, porém, rigorosamente controlado por uma codificação criptográfica que permitirá o acesso dos dados apenas às autoridades previamente determinadas.

– E o equipamento para decodificação dos dados?

– A produção do equipamento já está concluída, temos duzentos milhões de decodificadores em nosso depósito em Lausane, na Suíça. Estamos apenas esperando a resolução das questões políticas para sua aceitação na União Européia.

Von Heicht olhou para o executivo com uma certa preocupação:

– Esses decodificadores, eu presumo, estão preparados também para a segunda fase do SetMark?

O diretor procurou tranquilizá-lo:

– O senhor não precisa se preocupar com isso, os decodificadores foram construídos de tal forma a aceitar a leitura, não só do cartão inteligente, como também do microchip a ser implantado na mão ou na testa do usuário, na segunda etapa quando o cartão deixar de ser utilizado.

## Capítulo 54

– VOCÊ SABE ME DIZER QUE MOEDA É ESSA e o que ela significa? – perguntou o Capitão, sentado no gabinete de seu irmão na Universidade de Roma.

Francesco Scaliari examinou mais uma vez a moeda de prata. Na frente, as mesmas inscrições desconhecidas que haviam no colar; no verso, uma águia bicéfala.

– Bem, as inscrições assemelham-se às que estavam no colar de ferro. Não temos nenhum registro escrito que se aproxime dessa escrita. Quanto a esta águia de duas cabeças, é um símbolo heráldico muito antigo, oriundo do Oriente, trazido para a Europa pelos cavaleiros cruzados e passado para a alta nobreza européia. Segundo me recordo, fazia parte do sinete oficial do Sacro Império Romano Germânico...

– Sacro Império Romano Germânico? Me lembro ter ouvido alguma coisa sobre isso na escola, mas faz tanto tempo!

– O Sacro Império Romano Germânico foi uma tentativa desenvolvida pelo Imperador Habsburgo de reorganizar a Europa, fazendo renascer a estrutura política existente na época do Império Romano. Tal tentativa, porém, encontrou oposição dos reis da França e da Inglaterra, o que acabou por inviabilizar as pretensões dos Habsburgos em unificar a Europa inteiramente sob seu controle.

– Uma família real que tentou dominar o mundo! – disse Scaliari pensativo.

– Sim, mas suas pretensões foram definitivamente enterradas com a Guerra dos Trinta Anos, que varreu a Europa naquela época. O Império dos Habsburgos foi derrotado pelo poderoso ministro do rei da França, o Cardeal Richelieu.

## Capítulo 55

– PADRE CAMPBELL, MAS QUE GRATA SURPRESA! – disse a velha, demonstrando alegria.

– Eu não esperava que chegasse a Roma tão rápido! Por favor, padre, sente-se aqui conosco!

Os olhos de Hamilton Campbell cruzaram com os de Mellina, que então esboçou seu maravilhoso sorriso.

– Vejo que você trouxe esta jovem com você – exclamou Campbell.

– Mellina tem tido uma participação essencial na revelação dos enig-

mas propostos por meu avô; sem ela ainda estaríamos na estaca zero – concluiu Lady Catherine.

– O que o traz a Roma, Padre Campbell? – perguntou a jovem.

– Eu o convidei a vir a Roma, Mellina, pois achei que Campbell seria um reforço considerável em nosso esforço na busca do Livro de Ouro – respondeu Lady Catherine.

– Ótimo! – exclamou a jovem. – Com o auxílio do Padre Campbell, logo compreenderemos porque a senha que encontramos falhou ao impedir o acesso ao Banco de Custódia da Bolsa de Valores de Nova York.

Campbell voltou-se para Lady Catherine:

– O que houve, Catherine, por que você me chamou com tanta pressa sem antes me adiantar a natureza do problema?

– Este é o problema, Campbell – disse a velha enquanto lhe mostrava as fotos da estátua do Moisés de Michelangelo. – Ao nos aprofundarmos no estudo do enigma proposto por meu avô, chegamos à conclusão de que, não somente o Livro de Ouro poderia estar escondido em um dos cofres particulares do Banco de Custódia da Bolsa de Valores de Nova York, como também que essa famosa estátua, de alguma forma, nos desse o acesso ao banco de custódia!

– Como se contivesse uma senha oculta que lhes permitisse acesso a um desses cofres – concluiu Campbell.

– Sim, foi por isso que eu solicitei que viesse a Roma para nos ajudar, Campbell. Por mais que tenhamos tentado, não conseguimos descobrir nessa estátua a senha que nos permitiria encontrar o livro – declarou Lady Catherine.

– Pois bem, Catherine, diga-me o que você viu nessa estátua que levou-lhe a deduzir tratar-se de uma senha?

– Aqui está! – disse Mellina, mostrando-lhe uma velha carta que retirou de uma pasta de couro. – Esta é a segunda parte do enigma de Lord Raidech:

*O tempo passa no Mundo  
e ao velho se lhe sucede o Novo,  
e ao alforje, a Bolsa,  
e ao bezerro, o Touro,  
e a um rei quem se lhe oporia?  
Um deus?... um homem?  
Eternizado em mármore  
pelas mãos protegidas por um César.*

A primeira parte desse enigma engloba as quatro primeiras frases: veja que nela as palavras-chave estão em maiúsculas *Mundo, Novo, Bolsa, Touro*, o que nos levou a concluir que se tratava da Bolsa de Valores de Nova York. Já a segunda parte refere-se a uma obra de arte criada por um artista protegido por um César. No caso, concluímos que se tratava de Michelangelo, contratado por César. O Papa Júlio II era o mecenas, protetor de artistas no século XV, que contratou Michelangelo para a criação das esculturas que ornamentariam seu túmulo.

– Então vocês chegaram à única obra de arte concluída por Michelangelo para o túmulo de Júlio II: o Moisés – concluiu Campbell.

– Sim.

– Mas como deduziram estar nessa estátua a senha para acessar o banco de custódia?

– Este é o problema, Padre Campbell – continuou a jovem. – Nós imaginávamos que a chave do enigma para o acesso ao banco de custódia fosse o número de letras que formam o nome desse patriarca hebreu; que uma vez somado à data de inauguração do monumento no ano de 1515, formaria o código de acesso ao Banco de Custódia da Bolsa de Valores. Porém, quando meu tio e o Senador Antonin Hoppings tentaram acessar o cofre do Banco de Custódia da Bolsa de Valores, esta não se mostrou ser a senha correta, uma vez que a senha exigida era uma codificação de onze dígitos. Deve haver alguma coisa nessa estátua que não estamos conseguindo enxergar. A princípio parecia-nos que tudo estava caminhando bem, tínhamos o conhecimento do cofre e da chave, agora já não temos tanta certeza.

Hamilton Cambell olhava agora as fotografias da estátua de Moisés, tiradas por Mellina.

– Talvez não seja propriamente o Moisés a senha para o cofre do banco de custódia, mas sim algo que lhe diga respeito, alguma coisa que se refira a ele, à sua construção ou aos propósitos que levaram Michelangelo a esculpi-la – disse Campbell.

– Como assim, Padre?

– Eu acredito que a senha esteja aqui em algum lugar oculto nessa fantástica estátua, porém, a grande questão é que para descobri-la teríamos que vê-la como o próprio Lord Raidech a via, e isso me parece uma tarefa impossível. Como poderíamos compreender o que o avô de Lady Catherine, um homem que viveu na primeira metade do século passado, enxergava em uma estátua como essa?



– O senhor quer dizer que para desvendarmos o paradeiro do Livro de Ouro, teríamos que compreender como Lord Raidech pensava?

– É o que acredito, o enigma apenas nos traz a esta estátua e a nenhuma outra indicação na qual poderíamos nos socorrer.

– Mas isso seria uma tarefa divina – exclamou Douglas. – Nenhum homem poderia penetrar na mente de uma outra pessoa discernindo seu modo particular de ver as coisas!

– Isso realmente é impossível – concordou Jeffrey.

– Talvez não! – observou Mellina, voltando de uma profunda reflexão.

– Se o objetivo de Lord Raidech fosse apenas ocultar o livro dos Filhos de Set, não haveria a necessidade de elaborar o enigma.

– Mas se ele não elaborasse o enigma o livro estaria perdido para sempre – observou o padre.

– Exato! Com o enigma podemos ver que a intenção de Lord Raidech era a de que o livro não se perdesse, mas fosse encontrado pelas pessoas certas, no caso sua própria família.

– Sim, mas mesmo assim, estamos no escuro – disse a velha. – O fato de ser eu sua neta não nos ajuda em muito. Estamos completamente perdidos!

– É o que nos parece – concluiu Hamilton Campbell.

– *Pelas pessoas certas...*

– Espere – disse a loirinha – em nenhum momento Lord Raidech afirmou que as pessoas certas para encontrar o Livro de Ouro eram as pessoas de sua família!

– Como assim? – perguntou Lady Catherine perplexa – a carta foi endereçada a meu pai!

– Sim – concordou a jovem, esboçando um sorriso – mas pelo que eu me lembro da carta, ela não diz que seu pai encontraria o Livro de Ouro...

– Como não? – protestou a velha – se a carta foi endereçada a meu pai!?

– Eu sei, Lady Catherine – respondeu a jovem apaziguando-a – o que eu quero dizer é que para seu avô o Livro de Ouro não seria necessariamente encontrado por seu pai!

– Eu já não estou entendendo mais nada! O que você está querendo dizer com isso? Se a carta de meu avô foi endereçada a meu pai, é lógico que a ele caberia encontrar o Livro de Ouro!

– Não necessariamente!

– Como não? – Campbell agora voltara-se curioso para Mellina.  
– A senhora não tem a carta em seu poder? – perguntou a jovem.  
– Sim – respondeu a velha – trago todos os documentos de meu avô. Seria impensável que alguns deles caíssem em mãos erradas. Jeffrey, traga as cartas.

Jeffrey rapidamente buscou uma pasta mantida em oculto entre os demais pertences de Lady Catherine.

– Aqui está – disse a velha entregando à Mellina a primeira carta de seu avô – mas eu ainda não estou compreendendo onde você quer chegar!

A jovem rapidamente abriu-a, mostrando a Campbell um trecho da carta:

*Já não estarei contigo quando leres esta carta, portanto medite com paciência naquilo que vou te revelar. Não te conduzas somente com a sabedoria humana, mas com a sabedoria de um verdadeiro espírito cristão. Se procederes assim, teu espírito será iluminado e tu tornar-se-á o guardião de um dos maiores mistérios da humanidade: O Livro de Ouro de Lagahs.*

– Não te conduzas somente com a sabedoria humana, mas com a sabedoria de um verdadeiro espírito cristão! – repetiu Hamilton Campbell – realmente é isto! Mellina está correta, Lady Catherine! Seu avô endereçou a carta para que seu pai descobrisse o paradeiro do Livro de Ouro, mas estabeleceu uma condição: o livro somente seria encontrado se quem o procurasse possuísse esse requisito, ou seja, uma mentalidade cristã. Isso realmente foi um lance genial, apenas alguém que pensasse como um cristão poderia compreender o significado dos enigmas que ele propôs, ficando os Filhos de Set completamente excluídos da possibilidade de encontrar o livro!

– Isso então nos possibilita compreender a mente de Lord Raidech. Ele mesmo nos deixou um indicativo para descobrirmos o paradeiro do livro. Teremos tão-somente que olhar para a estátua de Moisés com o olhar de um ardoroso cristão! De outra forma não compreenderemos as pistas que ele deixou!

– Tudo bem, mas o que isso significa? – perguntou Douglas – quem pode me explicar como olhar para o enigma como um verdadeiro espírito

cristão e de que forma isso poderá nos auxiliar a encontrar uma senha oculta na estátua do Moisés de Michelangelo?

– Esta é a questão! – respondeu Campbell – e voltando-se para a jovem – o que há na estátua de Michelangelo que desperta sua atenção, Mellina? Pergunto isso, porque sendo você uma estudante de Teologia, bem como possuidora de um espírito sensível, me parece a pessoa mais indicada para resolver esta questão.

Por um momento Mellina se debruçou sobre as fotografias espalhadas sobre a mesa.

Hmm! – seus olhos percorriam todos os detalhes da vigorosa estátua:

– Esta estátua revela um grande vigor como se o patriarca de Israel fosse possuidor da uma energia de um Hércules. Agora o que mais me chama a atenção são essas protuberâncias em sua testa: parece que a intenção do escultor era dotar o profeta bíblico de chifres. Isso é, sem sombra de dúvida, o que mais me desperta atenção. Posso dizer até que sinto uma certa revolta ao ver o grande patriarca retratado com a aparência demoníaca!

– Eu tive a mesma impressão – disse Hamilton Campbell, completamente radiante – mas perguntei à Mellina o que ela sentia para poder confirmar minha crença.

– E qual é ela, Padre Campbell – perguntou a velha.

– A chave para descobrir a senha para o Banco de Custódia da Bolsa de Valores de Nova York está na cabeça!

– Sim, Padre Campbell – confirmou Jeffrey – nós acreditamos que a senha esteja em sua cabeça, mas diga-nos, Padre, qual é ela?

– Não, meu jovem, você não entendeu! A senha não está na minha cabeça – disse o sacerdote sorrindo – ela está na cabeça da estátua de Moisés!

– Na cabeça da estátua de Moisés? Mas como?

– Aí está a genialidade de seu avô, Lady Catherine – continuou Campbell. Ele precisava fazer uma senha completamente secreta para os Filhos de Set e ao mesmo tempo clara como o dia para que as pessoas certas a encontrassem!

– Então ele usou a única parte da estátua de Moisés que causaria inquietação em uma pessoa identificada com o cristianismo: os chifres na cabeça da estátua! – concluiu Mellina.

– Exato, minha jovem! Para uma pessoa comum esse detalhe passaria despercebido, mas para um cristão, ele é no mínimo, perplexo!

– Perfeito – concordou Douglas – mas como a senha está na cabeça da estátua de Moisés?

– É simplesmente perfeita a engenhosidade de Lord Raidech – continuou o Padre – os chifres na estátua não se devem a um sentimento de revolta de Michelangelo contra o Papa Júlio II, dando a impressão que o artista queria se vingar satanizando a encomenda do orgulhoso pontífice. Os chifres se devem exatamente a um erro de tradução existente na *vulgata*!

– *Vulgata*? – perguntou Douglas ainda mais confuso.

– A *Vulgata* é a tradução da Bíblia Sagrada feita por São Jerônimo – explicou Mellina.

– Isto mesmo – concordou Campbell – agora quando São Jerônimo traduziu as Escrituras Sagradas para o latim, ele cometeu um erro confundindo o verbo *qaran*, que em hebraico significa brilhar; com o substantivo *qeren*, cujo significado é exatamente o de chifre! É por isso que o grande artista transportou para sua magnífica estátua o erro da tradução de São Jerônimo.

– E é exatamente aí que Lord Raidech queria que chegássemos. Esse detalhe passaria despercebido por um integrante dos Filhos de Set, mas jamais por um cristão que se sentiria ultrajado por uma aparente ofensa ao patriarca bíblico! – continuou a jovem enquanto pegava uma belíssima Bíblia recoberta de iluminuras – aqui está, no livro de Êxodo, capítulo 34:29-35<sup>12</sup>.

– Olhem – continuou a jovem, todo este texto se refere ao mistério da passagem bíblica em que o profeta Moisés ao receber as tábuas da lei teve o rosto resplandecente.

– Eu continuo não entendendo a relação desse texto bíblico com a senha do banco de custódia – murmurou Douglas Braun.

---

<sup>12</sup> 29 E aconteceu que, descendo Moisés do monte Sinai trazia as duas tábuas do testemunho em suas mãos, sim, quando desceu do monte, Moisés não sabia que a pele do seu rosto resplandecia, depois que falara com ele. 30 Olhando, pois, Arão e todos os filhos de Israel para Moisés, eis que a pele do seu rosto resplandecia; por isso temeram chegar-se a ele. 31 Então Moisés os chamou, e Arão e todos os príncipes da congregação tornaram-se a ele; e Moisés lhes falou. 32 Depois chegaram também todos os filhos de Israel; e ele lhes ordenou tudo o que o Senhor falara com ele no monte Sinai. 33 Assim que Moisés acabou de falar com eles, pôs um véu sobre o seu rosto. 34 Porém, entrando Moisés perante o Senhor, para falar com ele, tirava o véu até sair; e, saindo, falava com os filhos de Israel o que lhe era ordenado. 35 Assim, pois, viam os filhos de Israel o rosto de Moisés, e que resplandecia a pele do seu rosto; e tornava Moisés a pôr o véu sobre o seu rosto, até entrar para falar com ele.

– É simples, meu jovem – argumentou Lady Catherine – lembra do motivo porque a senha que nós havíamos indicado anteriormente não poderia ser a correta?

– Estava faltando um dígito – exclamou Douglas.

– Exato – respondeu a velha – agora veja Êxodo 34:29-35, possui exatamente onze dígitos!

– Agora só nos resta encaminharmos esta última senha a meu tio e ao Senador e esperarmos!

– É só isso que nos resta, Mellina, esperar... Esperar e torcer para que agora tenhamos acertado – respondeu com esperança Lady Catherine.

## Capítulo 56

O AUTOMÓVEL FIAT DO CAPITÃO LUCAS SCALIARI seguia lentamente acompanhando o tráfego congestionado de uma das avenidas de Roma. O oficial analisava as fisionomias das pessoas nos carros que se aproximavam dele. A maioria apresentava um olhar como se não estivessem ali, mas sim em um outro mundo, ou palco no qual elas mesmas procurariam representar o melhor papel de sua própria existência. Ao olhar para o lado, defrontou-se com duas meninas na faixa dos doze ou treze anos que, sorrindo confidenciavam segredos mútuos os quais o policial não podia escutar. Scaliari pensou na pequena menina russa e na crueldade e loucura do mundo: *“sacrifício satânico em plena modernidade, e ainda existiam loucos que se propunham a isso, onde ela estaria?”* Perdido em meio a esses pensamentos, Scaliari demorou a perceber seu celular, que estava tocando.

– Alô! – disse por fim enquanto via as meninas se distanciarem. Em segundos sua fisionomia renovou-se em aspecto.

– O quê? – Você disse que encontraram uma testemunha?

– Sim, eu estou indo imediatamente até aí.

Lucas Scaliari desligou o telefone e manobrou rapidamente o carro saindo por uma transversal.

\* \* \*

Lucas Scaliari entrou a passos ligeiros no quartel-general da polícia italiana. Ao chegar em seu gabinete, encontrou Paolo Ferri sorridente, acompanhado por um mendigo. As roupas do homem, embora surradas pelo tempo, estavam ainda mais conservadas do que sua face, submetida aos sofrimentos bastante impiedosos para com um indivíduo de meia-idade jogado às ruas da capital italiana.

Paolo foi o primeiro a falar:

– Capitão, encontramos este homem que concordou em nos contar tudo o que viu!

Scaliari puxou uma cadeira e com um sorriso amistoso, sentou-se ao lado do mendigo:

– Tudo bem com você? Gostaria de comer alguma coisa?

O homem fez um gesto, interpretado pelos policiais como um sim em resposta. Scaliari então, puxando a carteira, retirou algumas notas que entregou ao jovem tenente:

– Paolo, traga alguma coisa para o nosso amigo!

Instantes depois, Paolo retornou com uma bandeja contendo um *big-mac* com refrigerante. O mendigo, com sonoridade, devorou em minutos o lanche gratuito, balbuciando qualquer coisa que soou como um agradecimento.

– Pois muito bem – disse Scaliari após o homem terminar sua refeição – diga-me, amigo, o que você viu?

Com os olhos colados em Scaliari, o mendigo começou a disparar uma torrente de palavras que saíam desconexas demonstrando uma visível ansiedade.

– Devagar, por favor! – disse Scaliari, com um sorriso – não tenha pressa, temos o máximo interesse em ouvi-lo. Onde é mesmo que o senhor estava?

– Eu dormia... na calçada da Rua Del Àlamo, em frente à loja de ferragens.

– Muito bem, e o que o senhor viu então?

– Acordei com o barulho produzido por uma ambulância que freou bruscamente. Em seguida, um outro carro, desta vez um furgão prata estacionou ao lado da ambulância com a mesma velocidade.

– Um furgão prata? O senhor tem certeza que era essa a cor? Não estava escuro?

– Sim, era uma noite muito fechada, mas eu dormia a uns cinco metros de onde os carros estacionaram!

– Se o senhor estava a cinco metros, como eles não lhe viram?

– Eu estava deitado completamente imóvel atrás de umas latas de lixo, além disso, àquela hora da noite a Rua Del Álamo é completamente deserta, e eles estavam com muita pressa, tudo foi muito rápido!

– Hmm!... – murmurou Scaliari – continue.

– O homem que dirigia o furgão desceu e abriu a ambulância na parte de trás. Ele realmente me chamou a atenção, pois eu nunca vi um homem igual; ele... era um gigante! Devia ter mais de dois metros de altura! Embora tivesse um corpo descomunal, ele se movia com uma agilidade impressionante. Em um momento, quando estava com uma menina adormecida no colo levando-a para o furgão, eu pude ver seu rosto: havia uma cicatriz no lado direito da boca que ia até perto da orelha!

– Uma cicatriz!... – murmurou Paolo, não escondendo o contentamento.

– O que mais o senhor pode nos contar?

– Bem, além desse homem que me chamou a atenção, eu me lembro que tanto ele como os outros que estavam na ambulância tinham o cabelo bem cortado. Se eu não olhasse com atenção, diria que eles não tinham cabelo.

– Um corte militar! – completou Paolo.

– Tem mais alguma coisa que gostaria de nos dizer? – completou Scaliari.

– Não, é só isso que eu vi.

– Pois muito bem, eu agradeço sua colaboração, saiba que sua ajuda foi muito útil à polícia. Agora eu pediria ao senhor que acompanhasse a policial à outra sala, onde será feito um retrato falado desse elemento.

Imediatamente Scaliari apertou o interfone sobre sua mesa. Logo em seguida entrou uma policial.

– Maria, acompanhe esse cidadão até a sala de identificação! Ele tem uma grande contribuição para este caso!

Paolo acompanhou com os olhos a saída do mendigo acompanhado pela policial. Depois, esfregando as mãos, voltou-se para Scaliari:

– Enfim uma pista bastante promissora: um gigante de mais de dois metros e ainda com uma cicatriz no rosto!

Scaliari manteve-se sereno, aparentemente não contagiado pelo entusiasmo do subordinado:

– É um bom começo, Paolo, mas apenas um começo. Queira Deus que possamos chegar a seus seqüestradores a tempo!

O jovem oficial voltou à serenidade:

– E quanto às informações que o senhor conseguiu junto àquela senhora?

– Minhas suspeitas se confirmaram, a menina foi seqüestrada para a realização de uma espécie de sacrifício satânico. Agora, a questão é onde e por quê.

– Eles não poderiam estar envolvidos? – perguntou Paolo com um tom de voz mais baixo.

Scaliari, que até então mantivera seus olhos baixados como que processando os últimos acontecimentos, de súbito levantou-os fixando-os em seu subordinado:

– Que eles estão envolvidos, eu tenho certeza, Paolo, embora não no sentido que você está imaginando. Eles não têm ligação com o seqüestro da menina, agora possuem muitas informações que eu ainda não consegui desvendar!

## Capítulo 57

ERAM 7H30 DA MANHÃ QUANDO JEFREY trouxe os jornais. Lady Catherine já estava na sala, na expectativa de uma resposta do Senador. Aquela senha encontrada por Campbell e Mellina tinha que ser a correta. Sua saúde já não era a mesma, e nos últimos anos ela sentia que suas forças se desvaneciam cada vez mais rapidamente. Lady Catherine sabia que não lhe restaria muito tempo.

– Jeffrey, qual é mesmo o quarto em que o Padre Campbell está?

– Quarto 73, Lady.

– Ele deixou o telefone?

– Sim, eu o coloquei na agenda.

– Então faça-me o favor de chamá-lo; chame também Douglas e Mellina. Diga-lhes que quero todos juntos quando o Senador nos der a notícia de que encontrou o Livro de Ouro!

\* \* \*



Mellina pegou o jornal que estava sobre a mesa e, ao folheá-lo, teve sua atenção despertada por uma mal-encarada figura estampada em meia página na coluna policial.

– Olhem! Este é um dos seqüestradores da menina russa! – disse a jovem passando o jornal para Lady Catherine.

– Com essa enorme cicatriz logo será encontrado – disse Douglas olhando por cima do ombro da velha senhora.

– Assim esperamos! – disse Lady Catherine no mesmo momento em que sua atenção era desviada por uma batida na porta da suíte.

Jefrey levantou-se e abriu-a.

– Desculpe a demora – disse Hamilton Campbell – esse hotel é enorme e eu acabei me perdendo.

– Padre Campbell, meu velho amigo, entre e junte-se a nós – disse a velha – vamos aguardar juntos a resposta do Senador e torcer para que ele nos diga que encontrou o livro!

## Capítulo 58

O DIA AMANHECEU DEVAGAR, E UMA CERTA ansiedade havia tomado conta de Scaliari. A sorte sorria para ele, pensou enquanto dirigia o seu velho Alfa Romeo pelas ruas de Roma que começavam a esquentar com os primeiros raios do sol que despontava. Naquele momento não tinham nenhuma pista, afinal foi um trabalho de profissionais. Nenhuma impressão digital, nada que lhes indicasse o caminho, a não ser a teoria apocalíptica de uma *lady* inglesa. Mas a Providência colocara aquele pobre homem deitado em meio a jornais, exatamente ali em uma rua escura. E agora, graças a isso, a imagem de um dos seqüestradores em questão de horas estaria circulando em todo o país.

O carro do oficial dobrou à esquerda saindo da avenida. Poucos carros circulavam àquela hora, quando chegou no portão do quartel da polícia metropolitana. Scaliari foi, como de costume, saudado pelo policial:

– Bom dia, Capitão – disse a sentinela.

– Bom dia – respondeu Scaliari.

– O senhor está chegando cada vez mais cedo! – observou o policial.

Embora tivesse o hábito de levantar cedo e fosse sempre um dos primeiros a chegar ao trabalho, Scaliari surpreendeu-se com sua própria ansiedade. Tivera dificuldades para dormir na noite anterior, acordando diversas vezes pela madrugada na expectativa de que logo o dia amanhecesse. O seqüestro da menina, retirada espetacularmente de um hospital guarnecido por homens sob seu comando, demonstrou as falhas da segurança e deixara-o tremendamente abatido. Agora, porém, havia a possibilidade de reparar esse erro.

– É, eu tenho algo muito sério a resolver!

\* \* \*

A passos largos, Scaliari percorreu os longos corredores do quartel-general da polícia italiana. Ao abrir a porta de seu escritório, seus olhos depararam-se com o jovem oficial que montava guarda ao lado do telefone.

– Bom dia, Senhor! – disse Paolo Ferri.

– Paolo, você já está aqui!? – pelo que vejo, você também não conseguiu dormir!

## Capítulo 59

COMO DE COSTUME, OS JORNAIS – que vinham do mundo todo – foram entregues na sede da Secretaria Geral. Eram os mais importantes periódicos e vinham tanto das Américas quanto do Cáucaso. Tão logo as rotativas soltavam os primeiros exemplares, estes eram despachados de avião. Na Secretaria Geral, uma centena de homens versados em um ou mais idiomas, além do oficial da referida sede, examinavam cada exemplar por inteiro, coletando minuciosamente todas as informações que de alguma forma lhes despertassem o interesse. Uma vez traduzidas e transformadas em resenhas, essas informações eram entregues a um guarda. Ciente da dignidade de seu uniforme, desenhado havia mais de cinco séculos, este guarda

solenemente marchava em direção a um antiquíssimo prédio da Secretaria Geral. Para chegar lá, passava por um grande vestíbulo ornamentado por dezenas de obras de arte como bustos, estátuas e baixos-relevos, cuja simples menção de seus nomes multiplicaria em milhões o preço que seria alcançado por elas em qualquer um dos mais sofisticados leilões de arte do mundo.

Ao passar pelo pórtico trabalhado em mármore do norte italiano, com seu passo cadenciado, o soldado adentra em um ambiente ainda mais suntuoso e iluminado. Lá, encontra um outro soldado, um pouco mais velho, cujas insígnias atestam sua superioridade na hierarquia da corporação. O jovem faz continência e entrega-lhe a pasta com as informações. Logo em seguida dá meia volta e retorna a seu posto no pátio externo. Após acompanhar com o olhar a saída do mais moço, o soldado volta-se e bate na porta a qual guardava.

– Pode entrar – disse alguém lá de dentro.

– As notícias do dia, *Signore!*

– Obrigado, Miguel – disse o ancião, que examinava um manuscrito – pode deixar sobre a mesa, por favor!

O soldado assentiu, colocando a pasta sobre a mesa, depois silenciosamente como havia entrado, retirou-se voltando a seu posto.

Quinze minutos depois, após ter concluído a carta que escrevera, Giuliano Colona, Secretário Geral do Vaticano, levantou-se de sua escrivaninha e, pegando a pasta trazida pelo soldado, instalou-se confortavelmente em uma poltrona perto da janela com vista para o castelo de Santo Ângelo. Ao olhar as primeiras páginas as cores de seu rosto desapareceram, e lívido, percorreu a chamativa frase logo abaixo do desenho que lhe perturbara inteiramente:

### ***PROCURADO POR SEQÜESTRO DE MENINA RUSSA***

Giuliano Colona olhou mais uma vez para a figura, não havia dúvida, era ele mesmo! Com um estremecimento, pegou o telefone, não havia outra coisa a fazer.